

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Vera Terezinha Maluly Pacheco

**Resiliência Familiar:
Imigração Sírio-Libanesa
Estratégias de Enfrentamento para Adaptação**

Mestrado em Psicologia Clínica

**São Paulo
2016**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Vera Terezinha Maluly Pacheco

**Resiliência Familiar:
Imigração Sírio-Libanesa
Estratégias de Enfrentamento para Adaptação**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, no Programa de Estudos Pós-Graduado em Psicologia Clínica sob orientação da Prof.^a Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

**São Paulo
2016**

Banca Examinadora

ORAÇÃO DO PAI NOSSO EM ÁRABE



Dedico este trabalho:

À minha família de origem, em especial ao meu avô Salim e meu pai Waldemar, pelas memórias e fonte de inspiração.

Às famílias que participaram da pesquisa, cujas Histórias de Vida deram sentido ao que aqui está escrito.

AGRADECIMENTOS

O caminho trilhado para elaboração de uma pesquisa perpassa por inúmeros sentimentos, longe de ser um trabalho solitário, é o que fica nas entrelinhas.

Expresso minha sincera e profunda gratidão a tudo e a todos que auxiliaram nesta jornada.

Agradeço a Deus, que em sua infinita misericórdia me tem concedido proteção e luz que me conduz.

À minha mestra e orientadora Prof.^a Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, pela aceitação, compreensão, acompanhamento, participação, incentivo e respeito que me foram concedidos.

Às Professoras Doutoras Maria Helena Pereira Franco e Marilza Terezinha Soares de Souza, que participaram de minha banca de qualificação, colaborando com suas orientações e direcionamentos.

À grande incentivadora Prof.^a Dra. Marilene Grandesso, pelo aprendizado que enriqueceu meus estudos, minha experiência de vida e com quem compartilhei momentos importantes.

Aos meus depoentes, por disponibilizarem parte de seu tempo, por me receberem com afeto, confiança, por tudo que me ensinaram e por compartilharem um pouco de suas vidas, através de depoimentos, documentos, fotos, cartas, livros etc.

Ao meu esposo Iramir, meus filhos Cristina, Marina e Fernando, e netos Guilherme, Beatriz e Melissa, aos genros Adriano e Leonardo, sempre presentes em meu caminho e jornada, como acalentadores.

In memoriam, ao meu pai Waldemar e minha mãe Terezinha, que permanecem como exemplos de coragem e força para persistir.

Às minhas grandes amigas, irmãs e cúmplices Graziella e Valéria, pelo ombro amigo e presença constante.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, e Secretaria Acadêmica PUC-SP, pelo aprendizado e realização do Curso de Mestrado.

Meus agradecimentos a todos, que direta ou indiretamente, participaram desta jornada, através de incentivos e colaboração.

Arte Kintsuku

O simbolismo dessa arte me remete a beleza do amadurecimento e das suas superações da vida. Assim são as nossas cicatrizes reais e emocionais quando trabalhadas.

Josie Conti

PACHECO, Vera Terezinha Maluly. Resiliência Familiar – Imigração Sírio-Libanesa: – Estratégias de Enfretamento para Adaptação. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Macedo, Rosa Maria Stefanini de – Orientadora. São Paulo, 2016.

RESUMO

Esta dissertação foi desenvolvida contemplando o processo de resiliência no contexto da imigração sírio-libanesa no ambiente da cidade de São Paulo. A imigração é um fenômeno social e cultural variável no tempo e espaço. Na presente dissertação foram estudadas suas interferências no espaço geográfico do local de destino, bem como, nas inter-relações provenientes desse fato.

A dissertação teve como base a revisão sistemática de literatura em resiliência e imigração sírio-libanesa. Contou com a participação de duas famílias de imigrantes sírio-libanesas moradoras na cidade de São Paulo, tendo sido entrevistadas a primeira e segunda geração.

Utilizou-se como metodologia a História de Vida. Este procedimento objetiva, com o auxílio da memória dos informantes, construir versões sobre o passado que as narrativas permitem elaborar. Essas narrativas contribuíram muito para o processo de pesquisa, que foi enriquecida com a apresentação de fotos e documentos durante as entrevistas.

Os relatos desses imigrantes referentes a sua vivência em um outro país vêm demonstrar que o processo de adaptação ocorreu de modo positivo, enriquecedor, ao mesmo tempo com dificuldades. Esses relatos também ressaltam que as estruturas da rede de apoio familiar e da cultura na qual foram inseridos auxiliaram suas vidas na confecção do tecido de inclusão.

O processo de resiliência desenvolvido por esses imigrantes possibilitou a transformação dessas pessoas, despertando suas potencialidades e permitindo retomar o sentido da vida.

A pesquisa realizada envolveu o resgate de histórias de vida, através de entrevistas abertas e fotografias.

Palavras-chave: Resiliência Familiar; Imigração; História de Vida e Inclusão social.

ABSTRACT

This work was developed focusing on the resilience process in the context of the Syrian-Lebanese immigration in the environment of Sao Paulo city. Immigration is a social and cultural phenomenon variable in time and space. The interference of immigration in the geographical area of destination and the interrelationships from this fact were studied.

The dissertation was based on the systematic review of literature on resilience and Syrian-Lebanese immigration. In addition, two families of Syrian-Lebanese immigrants (first and second generation), residents of Sao Paulo city, have participated to the study, by means of interviews carried out with them.

It was used the History of Life methodology. With the help of the memory of interviewers, this procedure allows to build up versions of the past and of their stories. These narratives have greatly contributed to the research process, which has been enriched with the presentation of photos and documents during interviews.

The reports of these immigrants regarding their experience in another country have demonstrated that the adaptation process took place in a positive enriching way, but at the same time with difficulties. These reports also pointed out that the family support network and cultural structure in which they live in helped them to make the process of inclusion.

The process of resilience developed by these immigrants enabled the transformation of people, awakening up their potential and enabling them to resume the meaning of life.

The research involved the rescue of life stories through open interviews and photographs.

Keywords: Family Resilience; Immigration; History of Life; Social Inclusion

LISTA	Página
 FIGURAS	
Figura 1 – Família de imigrantes libaneses no Brasil em 1920	23
Figura 2 – Fluxo migratório – Família A - 1ª Geração	79
Figura 3 - Fluxo migratório – Família A - 2ª Geração	83
Figura 4 - Fluxo migratório – Família B - 1ª Geração	87
Figura 5 - Fluxo migratório – Família B - 2ª Geração	90
Figura 6 – Fotos da Imigração sírio-libanesa	158
 QUADROS	
Quadro 1 – Processos-Chave da Resiliência em Famílias	65
Quadro 2 – Genograma - Família A - 1ª ger. Sra. E	78
Quadro 3 – Genograma - Família A - 2ª ger. – Sra. M	82
Quadro 4 – Genograma - Família B - 1ª ger. – Sra. N	86
Quadro 5 – Genograma - Família B- 2ª ger. - Sr. L	89
 DIAGRAMAS	
Diagrama 1 – Entendimento de Resiliência através da Física	66
Diagrama 2 – Principais Pesquisadores sobre Resiliência	67
Diagrama 3 – A Teia de Riscos	68
Diagrama 4 – Primeira Geração de Pesquisadores sobre Resiliência	69
Diagrama 5 – Segunda Geração de Pesquisadores sobre Resiliência	70
Diagrama 6 – Revisão de Resiliência, segundo Fantanova e Ojeda	71
 TABELAS	
Tabela 1 – Redução Família A - 1ª Geração	80/81
Tabela 2 – Redução Família A - 2ª Geração	84/85
Tabela 3 – Redução Família B - 1ª Geração	88
Tabela 4 – Redução Família B - 2ª Geração	91/92

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1. – IMIGRAÇÃO.....	17
1.1. Imigração Sírio-Libanesa no Brasil.....	23
1.2. Sírios-Libanese.....	25
1.3. O Que Representa o Desenraizamento para o Imigrante.....	29
1.4. O Tempo Vivo da Memória.....	32
1.5. Narração, Memória e Tradição.....	32
2. SOBRE A RESILIÊNCIA.....	35
2.1. A Origem da Palavra.....	35
2.2. Cronologia.....	35
2.3. Conceitos Relativos à Etimologia da Palavra Resiliência.....	38
2.4. Conceitos de Resiliência Associados às Ciências Humanas.....	39
2.5. Fatores Associados à Resiliência.....	41
2.6. Resiliência como Processo.....	44
2.7. Resiliência no Construcionismo Social.....	46
2.8. Resiliência e Imigração.....	47
2.9. Fatores de Risco e Proteção.....	50
2.9.1. Estressores.....	53
2.9.2. Fatores de Proteção.....	58
2.10. Resiliência Familiar.....	59
3. OBJETIVOS.....	72
3.1 Objetivo Geral.....	72
3.2 Objetivos Específicos.....	72
4. MÉTODO.....	73
4.1 A Escolha do Método.....	73
4.2 Participantes.....	74
4.3 Instrumentos.....	74
4.4 Procedimento.....	75
4.4.1 Fases do Procedimento.....	76
4.5 Método de Análise.....	76
5. GENOGRAMAS DAS FAMÍLIAS - FLUXOS MIGRATÓRIOS HISTÓRIAS DE VIDA - REDUÇÃO.....	78
5.1 Família A – 1ª e 2ª Geração.....	78
Genograma da Família A – 1ª Geração.....	78
FLUXO MIGRATÓRIO – FAMÍLIA A – 1ª GERAÇÃO (Figura 2).....	79
REDUÇÃO FAMÍLIA A - 1ª GERAÇÃO.....	80
Genograma da Família A – 2ª Geração.....	82

FLUXO MIGRATÓRIO – FAMÍLIA A – 2ª GERAÇÃO (Figura 3).....	83
REDUÇÃO FAMÍLIA A - 2ª GERAÇÃO	84
5.2 Família B – 1ª e 2ª Geração	86
Genograma da Família B – 1ª Geração.....	86
FLUXO MIGRATÓRIO FAMÍLIA B - 1ª GERAÇÃO (Figura 4).....	87
REDUÇÃO FAMÍLIA B - 1ª GERAÇÃO.....	88
Genograma da Família B – 2ª Geração.....	89
FLUXO MIGRATÓRIO FAMÍLIA B - 2ª GERAÇÃO (Figura 5)	90
REDUÇÃO FAMÍLIA B - 2ª GERAÇÃO.....	91
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	93
6.1 Família A	93
6.1.1 Família A - 1ª Geração.....	93
6.1.1.1 Análise e Interpretação dos Resultados	99
6.1.2 Família A - 2ª Geração	100
6.1.2.1 Análise e interpretação dos resultados	104
6.2 Família B.....	105
6.2.1 Família B - 1ª Geração	105
6.2.1.1 Análise e Interpretação dos Resultados	106
6.2.2 Família B - 2ª Geração	107
6.2.2.1 Análise e Interpretação dos Resultados	109
6.3 Análise e Interpretação sobre as Família A e Família B.....	110
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE - RELATO DE HISTÓRIAS	132
FAMÍLIA A – 1ª GERAÇÃO	132
FAMÍLIA A - 2ª GERAÇÃO.....	137
FAMÍLIA B - 1ªGERAÇÃO	143
FAMÍLIA B - 2ª GERAÇÃO.....	144
ANEXOS.....	146
A - Termo De Consentimento Livre Esclarecido-TCLE.....	146
B - Declaração	148
C - Questionário De Entrevistas.....	149
D - Mapas	151
E - História, Uso e Simbolismo do Cedro	153
F - Costumes Árabes	155
G - Fotos da Imigração Sírio – Libanesa.....	162

INTRODUÇÃO

“Uma única viagem começa com um único passo”
Lao Tse

Analisei pelo método de história de vida duas famílias de imigrantes sírio-libanesas e gerações subsequentes, que vieram para o Brasil e que se fixaram na cidade de São Paulo. Esses depoimentos foram cedidos voluntariamente por essas famílias, cujo interesse era falar de suas histórias de vida. Histórias essas que analisam o processo de imigração e seus impactos; aspectos estressores, como a dificuldade da língua local, a construção de redes de apoio e repercussões emocionais; e as estratégias de enfrentamento das situações vividas identificadas nas narrativas.

Como terapeuta, preocupada com as questões do conhecimento e de como ele circula onde existam pessoas, foi-me extremamente gratificante realizá-lo. Pesquisar e refletir, não só sobre minha prática à luz das novas epistemologias, permitiram-me repensar sobre o que a família conhece, como ela conhece, como são articuladas as noções de espaço e tempo dentro do contexto inter-relacional da família e do ambiente que a envolve.

Esta dissertação aborda aspectos relativos à resiliência, analisada no contexto da imigração sírio-libanesa, no qual foram analisadas as situações de enfrentamentos, as razões e motivações que fizeram com que o imigrante tomasse a decisão de levar a efeito essa ação de enorme magnitude e consequências à sua história de vida.

Valorizar a história de vida do imigrante é ponto fundamental deste estudo. A pesquisa foi principalmente baseada nas narrativas dos participantes, onde o papel da memória, aqui entendida como o relicário de símbolos, mitos, crenças e valores de povos de vários lugares, em várias épocas, tem destaque, pois é responsável pela conexão entre o passado e o presente transformado.

Na narrativa de uma história pessoal e na sua interpretação é possível redescobrir os nexos através dos quais interligamos os acontecimentos da existência. De posse dessa descoberta, o realinhamento do nosso destino se torna disponível para nossa ação e condução de nossos processos de vida.

Tive uma convivência estreita com meus avós maternos, e minha avó tinha por hábito contar histórias. Histórias essas que se somavam às conversas quando a família se reunia nos almoços em torno da mesa. Nas tardes em geral, as mulheres se sentavam à mesa da cozinha,

tomavam café, bordavam, e nessas conversas avaliavam casos ocorridos com parentes e conhecidos em geral.

As análises triviais eram tecidas por considerações morais, do que era certo e do que era errado, do bem e do mal, e também abriam um leque de possibilidades para a pessoa que estava em foco. Teciam-se comentários sobre como essas pessoas poderiam resolver tais questões. Assim a vida me foi apresentada, com uma infinidade de histórias em movimento e um mundo de reflexões. De acordo com Heidegger (1969), quando pensamos, transformamos nossas crenças e, conseqüentemente, transformamos nosso jeito de viver.

A minha vivência pode ser entendida como parte integrante do senso comum reinante na minha estrutura familiar. Segundo Novo Dicionário Aurélio, (2009), senso comum é o “conjunto de opiniões e modos de sentir que, por serem impostos pela tradição aos indivíduos de uma determinada época, local ou grupo social, são geralmente aceitos de modo acrítico como verdades e comportamentos próprios da natureza humana”.

O senso comum é um saber familiar e geral sobre as coisas e que orienta o nosso agir, nossa existência cotidiana e que está tecida pelas nossas crenças, sonhos, projetos, princípios e valores.

Quando os acontecimentos são inusitados e inesperados, provocam confrontação ao senso comum existente, podendo gerar uma série de sentimentos contraditórios e conflitantes, variando desde a perplexidade e entusiasmo pelo inusitado até sofrimento e dor.

Assim, o processo de conhecer não se perfaz em etapas estanques, mas se constrói, desconstrói e se reconstrói na passagem da temporalidade, formando a nossa história de vida. Essa história, por assim dizer, deve ser valorizada, reverenciada, dignificada. Cada um de nós possui um tempo subjetivo que constitui uma narrativa irreduzível com semblantes especiais que necessitam ser conhecidos. Por isso, quanto mais velhos nos tornamos, mais acontecimentos e fragmentos temos para somar ao nosso vivido. Não se pode desvalorizar o nosso vivido existencial, pois a história é a marca de um tempo que foi construído por nós mesmos. Virar as costas para esse tempo é virar as costas para nós mesmos. Ser mais velho é ter mais oportunidade de debruçar na janela do tempo, verificar o que foi mais essencial na estrada da vida para finalmente optar por trilhas mais significativas.

Somos proprietários de um tempo e queremos contar aos outros a respeito dele. Frequentemente em nosso íntimo desejamos deixar para os outros uma lembrança de nós mesmos, a fim de continuarmos a fazer parte da história deles como personagens de um tempo que já se foi. Queremos permanecer na memória daqueles que ainda continuarão a trilhar a vida. O que é viver se não podemos deixar nossos rastros?

É difícil para nós lidarmos com fatos da vida de forma fragmentada e aleatória. Há necessidade desses fatos serem costurados com um fio de sentido que lhes dê uma razoabilidade para serem compreendidos. Somente depois de compreendidos é que podemos definir nossas ações e dar rumo à vida. Nosso bom senso, diz Arendt (1997), precisa dos fatos encadeados com começo, meio e fim. As narrativas organizam, arrumam os fatos e os transformam em coisas compreensíveis, em acontecimentos, formando assim a grande história. Portanto, a realidade se torna compreensível com a metodologia História de Vida, que tem como premissa o fato de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores.

Sem contexto de sentido o ser humano perde a noção da realidade, a noção de si mesmo e de sua humanidade. Na metodologia História de Vida a narrativa desenvolvida pelo estímulo do diálogo tem importância capital no tocante aos objetivos propostos.

A construção de uma narrativa autobiográfica nos prepara para a compreensão. Somente quando temos entendimento de nós mesmos é que ganhamos a condição de autoria de nossa existência.

White (2000), autor considerado referência na abordagem narrativa, acredita que as pessoas geralmente atribuem significado às experiências vividas, convertendo-as em relatos, e que esses relatos, histórias sobre o vivido, dão forma às suas vidas e relações. Todas as nossas vivências são embrulhadas nesses relatos. Nossas relações são tecidas e sustentadas por eles. Eles formam nossos assuntos, o corpo de nossas conversas. Através deles a vida vai ganhando consistência, confirmação, solidez e orientação. Constituem nossas falas e fazem com que os fatos vistos ou experimentados ganhem significado e então passem a existir. Enquanto falamos, organizamos os fatos em uma cadeia de relações significativas. Essas cadeias de relações funcionam como mapas dos acontecimentos e de alguma maneira nos oferecem direções para lidar com eles. Interferem nas nossas emoções e podem modificá-las. Além disso, da mesma forma que os textos literários descritos por Bruner (1997), as narrativas sobre a vida se apresentam sempre em aberto, transitando entre o conhecido e o possível de conhecer, conforme novos relatos sejam desenvolvidos a partir de novos prismas ou perspectivas para um mesmo enredo. Para White (1991), vivemos nossas vidas através das histórias, as que nós mesmos contamos, as que ouvimos contar, as que imaginamos, as que sonhamos ou gostaríamos de contar. As histórias constroem o relato de nossa vida e estão sempre inconclusas, segundo o autor.

Para mapear e circunscrever os aspectos relevantes da presente dissertação, ela foi dividida da seguinte forma:

1 – Imigração

É feita abordagem sobre o processo de imigração, analisando as dificuldades no país de origem e aquelas encontradas no novo país, as quais são decorrentes das diferenças do meio físico e social, choque de culturas, estilos de vida, barreiras linguísticas, diferenças nos sistemas legais, entre outros. Os subtítulos têm por finalidade elucidar o processo de imigração.

1.1 Imigração Sírio-Libanesa no Brasil. 1.2 Sírios Libaneses. 1.3 O que Representa o Desenraizamento para o Imigrante. 1.4 O Tempo Vivo da Memória. 1.5 Narração, Memória e Tradição.

2- Sobre Resiliência

São abordadas questões relativas à resiliência, voltadas aos processos da imigração, seu percurso histórico e adaptação. Serão desenvolvidos os seguintes subtítulos:

2.1 A origem da palavra. 2.2 Cronologia; 2.3 Conceitos Relativos à Etimologia da Palavra Resiliência; 2.4 Conceitos de Resiliência Associados às Ciências Humanas; 2.5 Fatores Associados à Resiliência; 2.6 Resiliência como Processo; 2.7 Resiliência no Construcionismo Social; 2.8 Resiliência e Imigração; 2.9 Fatores de Risco e Proteção; 2.9.1. Estressores; 2.9.2 Fatores de Proteção; 2.10 Resiliência Familiar;

3 Objetivos. - 3.1 – Objetivo geral: compreender o processo da imigração sírio-libanesa, sob a perspectiva da resiliência; 3.2 Objetivos específicos: compreender os desafios enfrentados pelas famílias imigrantes, suas crenças e valores em relação aos recursos e fatores de proteção.

4 Método – Estudo de Caso. Trata-se de uma investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. É uma pesquisa qualitativa interpretativa, cujo instrumento é a história de vida. Subtítulos: 4.1 – A escolha do método 4.2 – Participantes. 4.3 Instrumentos. 4.4 Procedimento. 4.4.1 Fases do procedimento. 4.5 Método de Análise. 4.6 Genograma simplificado, Fluxo Migratório, e Síntese da História de Vida.

5 Genogramas Das Famílias - Fluxos Migratórios Histórias De Vida - Redução

Neste item, são apresentados: a) genograma simplificado com participantes da pesquisa, para facilitar sua localização na estrutura familiar; b) o fluxo migratório das famílias; e c) a síntese da história dos entrevistados.

6 Análise e Interpretação dos Resultados

São apresentadas as histórias coletadas das famílias entrevistadas. São apresentadas as análises de cada entrevistado de acordo com os seguintes tópicos: a) Padrões de Organização Familiar; b) Processos de Comunicação; e c) Sistemas de Crenças e Valores.

7 – Considerações Finais

Complementam essa dissertação de mestrado as seguintes seções: Apêndice, com relato completo das histórias dos entrevistados, e Anexos.

1. – IMIGRAÇÃO

A maior parte das imigrações está associada à marcha da humanidade que caminha na busca de melhores condições de vida e de trabalho (Blainey,2007).

O processo de imigração existe desde que o homem primitivo, descendo das árvores em que viviam, nas regiões dos atuais Quênia, Tanzânia e Etiópia, na África, há 2 milhões de anos, passou a ocupar o chão. Motivados talvez por mudanças climáticas ocorridas que fizeram com que florestas onde viviam em árvores se transformassem em campos, esses homens começaram a se movimentar em pequenos grupos: eram exploradores e colonizadores. Em cada região desconhecida, tinham de adaptar-se a novos alimentos e precaver-se contra animais selvagens cobras e insetos venenosos.

Há cerca de 1,8 milhões de anos, o homem chegou à China e ao Sudeste Asiático.

Cerca de 100 mil anos atrás, a área ocupada pela raça humana já era extensa, mas uma grande parte do planeta ainda permanecia desabitada pelo homem.

Condições climáticas extremas provocadas por uma longa era glacial, que teve início há 75 mil anos, uniram os continentes. Acredita-se que até 20.000 anos atrás, a raça humana estava confinada a um continente maciço, pois a Europa e África, Ásia e América não estavam separadas por mares (Blainey,2007).

Por volta do século 15 d.C., ao término da Idade Média, começaram as grandes navegações, promovidas principalmente por Espanha e Portugal. Nesse processo de descobertas de novos mundos, a imigração se intensificou como consequência do processo de colonização; os conquistadores impondo sua cultura e costumes aos povos ali existentes.

Em resumo, o processo de imigração pode ser atribuído a uma característica inerente ao ser humano: a necessidade de explorar, expandir na busca constante por melhores condições de vida.

Na chegada aos países de acolhimento, os imigrantes confrontam-se com um contexto novo que inclui diferenças do meio ambiente físico e social, choque de culturas, estilos de vida, barreiras linguísticas, diferenças nos sistemas legais, entre outros. Essas circunstâncias podem gerar problemas físicos, psicológicos e sociais. A falta de apoio social adequado e o possível estresse de aculturação (resultado do contato do imigrante com duas culturas diferentes, a do país de origem e a do país de acolhimento e suas diferenças) podem ser fatores estressores, como a discriminação e conflitos de valores. Apoio social tem a ver com as relações que uma pessoa estabelece na vida e que podem influenciar de forma significativa a definição da sua

personalidade e desenvolvimento. O assunto imigração é importante nas áreas da Sociologia, Política e Economia. Há pouco tempo mereceu atenção da Psicologia, atualmente recrudescido sobretudo pelo enorme movimento migratório de meados do século XX, com a globalização.

Meu interesse é justamente olhar para o processo de adaptação do imigrante em terras estranhas, os processos de enfrentamento que utilizam para reconstruir sua identidade a partir das circunstâncias sócio culturais da nova situação e como são afetados psicologicamente em termos afetivos e de pertencimento na sua nova terra.

A literatura sobre imigração do nosso país, trata em geral de dados descritivos muito mais do ponto de vista das mudanças ou contribuições para o país em termos de colonização e economia do que propriamente de ponto de vista do imigrante e seu processo adaptativo em termos pessoais, familiares e de identificação.

Assim é que podemos citar família Jafet (na área da tecelagem), Schaim (área de engenharia e construção), Maluf e Scaf (na política), Alckmim e Maluly (medicina e política) Kirala (comércio alimentício) e Meihy, Sayad, Truzzi (na educação).

A qualidade das interações em diferentes contextos sociais tem sido objeto de estudos de muitos pesquisadores que comprovam o impacto positivo ou negativo das mesmas sobre a saúde física e emocional das pessoas (Brito; Koller, 1999; Cyrulnik, 2004; Walsh, 2005; Yunes; Garcia; Albuquerque, 2007).

O fenômeno da imigração, portanto, é muito complexo. Existem implicações que começam a se desenvolver a partir da organização (pensar) de sair de seu país de origem, efetivando-se no ato de desligamento/desenraizamento do sujeito. Concomitantemente, o imigrante passa por outra situação igualmente difícil, que é o enfrentamento/adaptação (Walsh, 2005).

A experiência migratória transporta os sujeitos para uma série de vivências sociais, emotivas e interpessoais que requerem uma boa dose de resiliência face às adversidades. Trata-se mesmo de uma experiência inédita que transforma a percepção que aqueles têm do mundo, dos outros e de si próprios, em geral sofrimento e aflição. O imigrante fora de seu contexto está em situação de exclusão. Aquele que veio de outro lugar, de alguma maneira fica de fora. A vida moderna para o imigrante provoca a destruição dos canais de transmissão da tradição, levando-o muitas vezes a processos de enfermidade; por outro lado, pode gerar possibilidades surgidas da experiência de enfrentamento/adaptação a novas situações (Walsh, 2005).

A forma como esses imigrantes enfrentam e sobrepujam os desafios do mundo é uma demonstração inequívoca de vocação resiliente. A resiliência refere-se não apenas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para o enfrentamento do risco, mas a capacidade

de resistir às condições negativas subsequentes. É assim que a resiliência exemplifica o inegável potencial humano para a aprendizagem. Em sua trajetória, a humanidade tem demonstrado que a dificuldade, a tragédia, o fracasso e o desapontamento podem servir como um impulso para a mudança e o crescimento. Assim, a resiliência não pode ser entendida como sinônimo de invencibilidade, mas de possibilidade de enfrentamento, adaptação e superação.

A chegada de grupos imigrantes em um novo país é permeada de mudanças, tanto para aqueles que se instalam quanto para aqueles que já moram no lugar, e que têm de aprender a conviver com pessoas diferentes. Supõe-se que seja um contato acompanhado de conflitos e de preconceitos, mas também de formação de laços de amizade, que poderão eventualmente resultar no desenvolvimento do respeito mútuo entre as culturas que chegam e as que aqui já se encontravam. No decorrer desse relacionamento supõe-se que as trocas culturais vão acontecendo, de forma a incrementar e modificar parcialmente as tradições locais e a dos imigrantes.

O fato que contribui com a imigração é o rápido crescimento da era global que leva muitas pessoas a se deslocarem de seu lugar de origem, para poder acompanhar esse ritmo globalizado, bem como para buscar melhores condições para poder sobreviver ao ambiente. Assim, com esse constante fluxo de pessoas que mudam de um local para outro, causando uma mistura de povos, “a migração representa um fator constante na formação dos vários grupos humanos”. Deste modo, a imigração não deixa de ser um efeito evidente da globalização, pois “[...] O movimento de populações de um lugar para outro é fenômeno verificável em todas as épocas históricas. A história do homem é uma história de humanidade em movimento [...]”. Marchi, (2009).

As novas tendências econômicas pedem uma adaptação mais rápida e uma reflexão sem preconceitos para enfrentar as novas formas de concorrência, da evolução tecnológica e da globalização, que dia a dia tende a um aumento.

Sayad, (1998), sociólogo argelino e orientador de pesquisas no CNRS da França, em seu livro *A IMIGRAÇÃO* nos mostra o cotidiano do imigrante, do migrante, das minorias étnicas e raciais, resgata a diferença como presença constante, que vai do que há de mais positivo, como o jogo de solidariedades e de reconhecimento entre os iguais, até o que há de mais negativo, como sua condição de não nacional e não cidadão. Seu olhar muito atento sobre as condições materiais de vida revelam as tensões que se estruturam em torno dessa diferença.

A principal contribuição dessa obra para a presente pesquisa foi o uso de narrativas que demonstram sentimentos; esse aspecto da obra se identifica com a metodologia que utilizei.

Os autores que seguem logo abaixo, tratam da imigração no âmbito do estado de São Paulo e em particular da cidade de São Paulo.

O primeiro, Paiva, (2008), em seu livro *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo* registra a importância da Hospedaria de Imigrantes, datada de 1888, para o recebimento dos Imigrantes em São Paulo. Localizada no Brás, ela foi um lugar de hospedagem provisória e triagem dos imigrantes e dos trabalhadores nacionais, destinados a trabalhar, principalmente, nas lavouras de café. Suas atividades foram encerradas em 1978 e o antigo edifício da Hospedaria se tornou o Memorial do Imigrante.

O estudo mostra a Hospedaria em diferentes períodos de transformação da cidade e de políticas migratórias. Três aspectos da história são abordados: a evolução histórica do alojamento de imigrantes em São Paulo; os fluxos migratórios e seus diferentes momentos históricos; e a constituição do Memorial do Imigrante como lugar de preservação da memória dos fluxos migratórios.

Na parte final do livro encontramos uma relação de tipos de produção documental que existem no acervo do Memorial, desde registros sobre a recepção, encaminhamento e processos administrativos até documentos pessoais dos imigrantes, como passaportes e cartas. Há, ainda, o setor iconográfico com fotos e um acervo de mapas e plantas.

A seguir, Freitas (1999), em seu livro *E chegam os imigrantes... O café e a imigração em São Paulo*, registra o processo migratório desde o Império com as primeiras colônias, até a década de 40 do século XX. Sobretudo, aborda o processo de desenvolvimento econômico e social em razão da expansão da lavoura cafeeira e as transformações ocorridas no campo e na cidade: a imigração, a expansão das ferrovias e da fronteira agrícola, a urbanização, os novos setores sociais, o avanço técnico e tecnológico e a industrialização. Trata dos diversos aspectos da temática da Grande Imigração, como as mudanças da mão de obra escrava para assalariada, o sistema de colonato, a triagem na Hospedaria dos Imigrantes, as principais nacionalidades.

Essa obra usa de diversos recursos, como os documentos textuais e iconográficos, depoimentos de época, cartas, diários, poemas, pinturas, fotografias, mapas e ilustrações.

No livro *De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo*, (Truzzi, 1992), o autor trata da imigração de sírios e libaneses em São Paulo. Os primeiros grupos começaram a chegar ao Brasil a partir dos anos 70 do século XIX; essa etnia representa 4% entre as etnias que emigraram para São Paulo. O autor destaca os casos das famílias Jafet e Calfat, e entre os temas relevantes para o estudo dessa comunidade aparecem: a religião, as associações, o preconceito, o padrão dos casamentos na colônia (que segue uma lógica de clã e mecanismo de controle de negócios).

A maior parte dos migrantes se concentra na atividade do comércio, em geral no ramo de tecidos. Muitos iniciaram sua vida no país como mascates e depois se estabeleceram no comércio, principalmente na Rua 25 de março e Rua Florêncio de Abreu, no centro de São Paulo.

O autor aponta, ainda, a importância dos sírios e libaneses no comércio e nas profissões liberais, em particular na medicina. Segundo ele, a história social da colônia evidencia a conquista de um setor comercial importante na cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX, o que possibilitou a entrada maciça de seus filhos no mercado das profissões liberais.

A contribuição de Truzzi foi de suma importância para a pesquisa, por ser um dos autores que se interessa pelo enfoque dos sírios libaneses no Brasil. Seus livros são ricos em detalhes e levantamento documental. Utiliza de espaços de memórias, recurso empregado na história oral. Suas pesquisas reafirmam as características comerciais e a relação com as profissões liberais, fato que se reafirma em todos os estados e municípios do Brasil.

Esse trabalho apresenta o contexto mais amplo da imigração sírio-libanesa para o estado de São Paulo; tratando desde as origens, os fluxos, os destinos mais importantes da imigração de sírios e libaneses para o Brasil, sua inserção inicial como mascates, as principais estratégias utilizadas para sua afirmação como comerciantes, a construção de uma identidade singular, o modo como a colônia no Brasil se diferenciou, a marca da culinária árabe no país, a trajetória bem-sucedida de doutores e políticos na primeira geração de descendentes, os espaços da memória e os registros na literatura que testemunham a influência da imigração sírio-libanesa no Brasil.

O autor analisa os processos de ascensão social das segundas e terceiras gerações de descendentes via educação.

Complementarmente, Truzzi, (2005), no livro *Sírios e Libaneses: Narrativas de História e Cultura*, discorre sobre os imigrantes de origem sírio-libanesa que se dirigiram ao Brasil a partir das duas últimas décadas do século XIX.

O livro trata desde as origens, os fluxos, os destinos mais importantes da imigração de sírios e libaneses para o Brasil, sua inserção inicial como mascates, as principais estratégias utilizadas para sua afirmação como comerciantes, a construção de uma identidade singular, o modo como a colônia no Brasil se diferenciou, a marca da culinária árabe no país, a trajetória bem-sucedida de doutores e políticos na primeira geração de descendentes, os espaços da memória e os registros na literatura que testemunham a influência da imigração sírio-libanesa no Brasil.

Por fim, Fausto (1995) e Fausto et alii (1995), discutem a relação entre política e a imigração, especialmente no estado de São Paulo.

No livro *Negócios e Ócios: histórias da imigração*, Fausto, (1997), recupera a história da própria família de judeus, que emigrou nas primeiras décadas do século XIX em busca de melhores condições de vida e para escapar de pressões políticas e religiosas. Para tanto, recorre a relatos, correspondências e documentos pessoais que permitem o registro memorialístico da migração, inicialmente para a Espanha e, depois, para Argentina e finalmente Brasil.

A partir do estabelecimento da família no Brasil, a narrativa percorre o cotidiano paulistano das primeiras décadas do século XX, com seus meios de transporte, sua economia, lazer, moradia e principalmente os núcleos judaicos da cidade, como o bairro do Bom Retiro.

A contribuição desse autor foi muito importante, isto porque sua origem germânica (Fussen) nos remete a uma visão de mundo do migrante, que pode relatar em detalhes os sentimentos que afloram no imigrante, que tem laços familiares e espaciais no local onde vive, e posteriormente migra para outra localidade, no caso em outro país. Esse autor se utiliza da história oral como recurso metodológico e como forma de enriquecer seus escritos. O autor se vale da sua própria memória e da intertextualidade na reconstrução da memória da imigração.

1.1. Imigração Sírio-Libanesa no Brasil

Esta dissertação tem como foco a imigração sírio-libanesa do período de 1890 a 1940. Essa escolha deve-se principalmente às minhas origens familiares, mas também ao reconhecimento da importância dessa cultura na base econômica e social do nosso país, em especial na cidade de São Paulo, desde o momento em que os primeiros imigrantes aqui chegaram.

A Imigração Libanesa no Brasil tem início a partir da segunda metade do século XIX, e impulsionada pelas dificuldades vividas pela população do Líbano.



Figura 1 - Família de imigrantes libaneses no Brasil em 1920
Fonte: <https://www.google.com.br/search? Q=imagens+de 03/07/2016>

Segundo excelente relato de Sayad, Abdelmalek (1998) em seu livro *Imigração*, o século XIX caracteriza o momento de grande fluxo migratório no Brasil, várias são as nacionalidades que procuraram nesse momento em busca de melhores condições de vida. O progressivo processo de abolição da mão-de-obra escrava foi fator que impulsionou o governo brasileiro a admitir trabalhadores estrangeiros no país, entre os quais estão os libaneses. Tanto sírios quanto os libaneses o êxodo foi motivado por questões políticas, econômicas, religiosas, guerras, a falta de espaço. A escolha pelo Brasil foi em decorrência das dificuldades encontradas de entrar em outros países, como os Estados Unidos; já o Brasil não impunha barreiras por causa da necessidade declarada de trabalhadores estrangeiros.

Os libaneses constituem um grupo entre a grande imigração dos árabes no Brasil; a própria Embaixada do Líbano no Brasil inclui o fluxo migratório dos libaneses dentro das quatro fases de imigração árabe no país. Segundo a Embaixada, os períodos são: de 1850 a 1900, quando tem início o processo migratório destinado a várias regiões do país; de 1900 a

1918, quando a imigração já se encontra em processo avançado e é possível falar em colônias árabes no Brasil; e de 1918 a 1950, período que associa as duas fases finais e leva os libaneses mais para a região sul do país em decorrência do notório crescimento econômico.

Oficialmente, a Imigração Libanesa no Brasil começou em 1880, quatro anos após o Imperador Dom Pedro II ter visitado o Líbano. O fluxo de libaneses aumentou em corrente contínua nos períodos seguintes; não eram destinados a uma região específica do Brasil, mas direcionadas sim ao local em que encontravam melhores condições para viver.

O relacionamento político entre cristãos e muçulmanos no Líbano estava longe de ser dos melhores, os cristãos se recolhiam em montanhas onde viviam de atividades rurais. Mesmo assim ainda sofriam com medidas autoritárias dos muçulmanos, como foi o caso do tratamento rude que sofriam dos soldados do exército maometano. Economicamente, o século XIX foi de grave crise para libaneses e sírios, os altos impostos e a fraqueza do governo impossibilitavam condições adequadas de vida no país.

Os libaneses não ocuparam regiões determinadas no Brasil em decorrência do tipo de atividade que exerciam em terras brasileiras. Fugindo da miséria econômica do Líbano, os libaneses tentaram se aproveitar da nascente industrialização e urbanização brasileira. Ao contrário dos imigrantes europeus, libaneses não vieram para o Brasil com a perspectiva de trabalhar nas lavouras de café, mas sim encontrar nas cidades as condições para o florescimento do comércio. O emprego em lavouras também ocorreu, mas em quantidade muito menos expressiva que dos europeus. Os libaneses começaram vendendo mercadorias de casa em casa e acumularam dinheiro com essa atividade, a partir daí criaram pequenas confecções e lojas de tecidos. O sucesso no comércio que os libaneses obtiveram no Brasil foi importante para sua própria sobrevivência, assim como para seu país de origem. Muitos desses imigrantes enviavam volumosas quantias em dinheiro para a terra natal com o intuito de ajudar os familiares que ficaram para trás ou mesmo investiram esses recursos em hospitais, bibliotecas e escolas.

Pela característica de ocupar regiões urbanizadas onde pudessem se aproveitar do comércio para o crescimento, os libaneses estão espalhados por todos os cantos do Brasil. De 1880 a 1930 entraram em grande número no país e foram importantíssimos para o desenvolvimento do comércio nacional, mas, como aconteceu com todas as correntes imigratórias, o fluxo de libaneses tornou-se reduzido após Getúlio Vargas assumir a presidência por causa de suas políticas restritivas sobre a imigração.

Durante o período citado, o processo migratório de sírios e libaneses no Brasil foi bastante expressivo, constatando-se queda substancial da entrada durante a década de 1930. No período Getulista a questão da etnia se fez presente e o estrangeiro passou a ser visto como

perigo para a ordem social. A partir desse momento estabeleceram-se políticas de maior controle da imigração, como se pode observar na Constituição de 1934. Nela, estava estabelecido que, a partir daquela data – 1934 - a corrente imigratória vinda de cada país não poderia exceder anualmente a 2,0% (dois por cento) sobre o total do número de imigrantes de cada etnia já residente no Brasil, vedando a possibilidade desses se concentrarem em determinados pontos do território, devendo a lei regular a seleção, localização e assimilação do imigrante.

1.2. Sírios–Libaneses

Os árabes se adaptaram muito bem ao Brasil. E o Brasil a eles.

Segundo Truzzi, (1997), seja por sua profunda influência em Portugal, seja pela forte imigração no último século, a cultura árabe tem presença garantida na história e na sociedade brasileira.

Junto com os colonizadores, no século XVI, desembarcaram heranças de sua língua, música, culinária, arquitetura e decoração, técnicas agrícolas e de irrigação, farmacologia e medicina. Isso se deveu ao fato de que os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica.

Significativamente, a cidade de Granada, na Espanha seu último reduto em solo europeu, foi conquistada pelos cristãos em 1492, mesmo ano em que Colombo chegava à América.

Foram os árabes que introduziram na Europa coisas tão básicas como os algarismos decimais (em substituição aos romanos, difíceis de usar para cálculos), jogos como o xadrez, e a própria arte caligráfica, pois encaravam a palavra escrita como o meio por excelência da revelação divina. Na culinária, difundiram o uso do café, de doces próprios e produtos de pastelaria, do azeite, em substituição à proibida gordura de porco, e de muitos outros temperos, como o açafrão, a noz-moscada, o cravo, a canela e pimentas.

Recebemos tudo isso indiretamente, via colonização, em uma ampla variedade de aspectos. Até mesmo o bom costume da limpeza pessoal, que muitos atribuem somente aos indígenas, deve um tributo aos árabes.

Na música, o alaúde teve vasta descendência nas Américas, procriando verdadeiras famílias de instrumentos caribenhos, o bandolim e o cavaquinho brasileiros, a charanga do

altiplano andino e o banjo dos negros norte-americanos. A gaita árabe é possível antecessora da gaita ibérica, e o adufe, precursor do pandeiro.

A aridez dos solos desérticos capacitou-os como mestres nas técnicas agrícolas e de irrigação, importando para a Europa o moinho d'água, avô do engenho colonial, e lá semeando o algodão, a laranjeira, a criação do bicho-da-seda, o cultivo do arroz e da tão “brasileira” cana-de-açúcar. As próprias técnicas construtivas, como a telha de barro do tipo capa e canal, ou ainda a taipa de pilão, tão dominante nos primeiros séculos do Brasil, são de influência nitidamente árabe.

Deve-se destacar como momento marcante a chegada direta de imigrantes, sobretudo sírios e libaneses, a partir do final do século XIX. É possível que a visita do imperador D. Pedro II a Beirute e a Damasco, em 1876, tenham servido como primeira aproximação cultural entre as áreas de origem da imigração árabe e o Brasil. Mas essa circunstância, por si só, não seria capaz de lançar tantos espíritos inquietos na aventura de uma odisseia tão distante. A pretensão inicial era uma migração temporária, para amenizar as dificuldades financeiras enfrentadas por suas famílias na terra natal.

Esses imigrantes, nos seus locais de origem, viviam um tempo de restrições econômicas, por conta da entrada de produtos industrializados europeus (que minou a renda derivada da produção artesanal), de algumas pragas agrícolas e da necessidade de mais terras para a incorporação de herdeiros. Além desses motivos econômicos, outros fatores relevantes influenciaram a decisão de partir, como a competição por status entre famílias nas aldeias e os frequentes conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos. Preocupante também era o recrutamento militar obrigatório empreendido pelos turcos, em uma época de riscos provocados pela decadência do Império Otomano (Truzzi, 1997).

De qualquer modo, os migrantes não eram aventureiros isolados, mas indivíduos inseridos num contexto familiar, dispostos a acumular capital durante certo tempo e depois voltar ao seio da família e da aldeia de origem. Entretanto, o que pretendia ser provisório acabou se tornando permanente: em vez de o imigrante retornar, em muitos casos foi o restante da família que veio se juntar a ele no Brasil.

Redes de parentes, amigos e conterrâneos se articularam, fornecendo referências valiosas aos que decidiam vir. Na mente de cada emigrante formou-se uma geografia imaginária: um tio em São Paulo tornava aquela capital brasileira mais próxima de sua aldeia na Síria ou no Líbano do que a Espanha, ali do outro lado do Mediterrâneo. Interesses e favores dos muitos conhecidos propiciavam o início da vida no novo país: casa, trabalho, escola para os filhos.

Muitos dos já estabelecidos ofereciam um crédito inicial – sob a forma de mercadorias, por exemplo – aos recém-chegados. Esse intenso movimento migratório alcançou os rincões mais remotos do continente.

Como seus passaportes eram expedidos pelo Império Otomano, onde quer que chegassem eram chamados da mesma forma “turcos”. Uma confusão que os ofendia duplamente, pelo equívoco geográfico e por referir-se a seus dominadores históricos. Culpa dos passaportes que usavam até a Primeira Guerra Mundial 1914-1918.

No Brasil, a maioria era de origem libanesa ou síria. Sua principal ocupação nos países de origem havia sido a agricultura, mas por aqui abraçaram como profissão o comércio. Perseguiam a autonomia de gerir seu próprio negócio, ainda que esse fosse minúsculo a ponto de caber em uma caixa de vendedor ambulante. A maior concentração ocorreu em São Paulo, mas os “turcos” se espalharam por todo o país. Exemplo curioso dessa abrangência geográfica foi um mascate libanês quem filmou as únicas imagens conhecidas do cangaceiro Lampião, na década de 1930. Benjamin Abrahão, que era também fotógrafo e homem de confiança do padre Cícero, infiltrou-se no bando e gravou momentos do seu cotidiano, como narra o filme *Baile perfumado* filme brasileiro, gênero drama com direção conjunta de Lírío Ferreira e Paulo Caldas (Ferreira, 1996). Conta a saga real do libanês Benjamin Abrahão, mascate responsável pelas únicas imagens de Virgulino Ferreira, o Lampião, quando vivia no sertão brasileiro. Amigo íntimo de Padre Cícero, Benjamin mascateava pelo sertão e exercitou seu espírito mercantilista convivendo intimamente com o bando de Lampião. Infiltrou-se no grupo para colher imagens e vender os registros do famoso criminoso pelo mundo afora.

Os árabes mascateavam também pelas zonas rurais, mas fixaram-se sobretudo nas cidades, inicialmente em cortiços, moradias populares com cômodos para alugar, onde se aglomeravam famílias inteiras em espaço reduzido. A vida girava em torno da família e do trabalho. Loja na frente, casa nos fundos ou no andar de cima do sobrado, família mourejando, trabalhando como mouros.

Mas o balcão das lojas não seria o ponto de chegada de suas trajetórias. De mascates a pequenos comerciantes, depois varejistas, atacadistas e industriais. Vencidas as dificuldades da primeira geração, os pioneiros trataram de buscar para seus filhos a ascensão socioeconômica via educação. Queriam vê-los como doutores – especialmente médicos e advogados –, e assim muitos o fizeram, aproveitando-se, no início, de clientelas cultivadas na própria colônia, depois estendidas a outros estratos sociais.

A partir de então, a inserção privilegiada e o amplo conhecimento social angariado desde os tempos de mascate, aliados à legitimidade que um diploma conferia, frutificaram em

carreiras públicas. Em todo o continente menciona-se o grande número de descendentes de árabes na política brasileira, Maluf, Alckmin, Amin, Temer, Haddad, Jereissati, Kassab, Simon, Feghali, Jatene. Há décadas sobrenomes de origem árabe se tornaram comuns no Congresso, em ministérios, prefeituras, governos estaduais, na área da medicina e educação do País. De posições destacadas em áreas como a linguística e a medicina, a presença árabe chegou ao que há de mais popular no Brasil: no futebol Wadhi Helu presidente do Corinthians, o jogo do bicho, as escolas de samba Aniz Abraão (Anízio). O que demonstra, apesar da origem cultural relativamente distante, uma extraordinária capacidade de adaptação à nova terra (Truzzi 1997).

Outra peculiaridade que ilustra essa integração vigorosa é a incorporação de iguarias à culinária local. Em São Paulo, de acordo com o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares, um quarto das refeições servidas provém da culinária árabe. Algumas receitas difundidas pelos imigrantes integram hoje a dieta habitual da classe média brasileira, como o quibe, a esfiha, o tabule, a coalhada, o babaganouche, o pão sírio e a lentilha. Restaurantes especializados em cozinha árabe (ou em adaptações inspiradas nela) proliferaram de tal forma que não há guia gastronômico sem uma seção dedicada a eles ou shopping center em cuja praça de alimentação um deles não esteja presente.

Até hoje, mais de um século após a vinda dos primeiros imigrantes, nas entrevistas colhidas entre os mais velhos, entre aqueles capazes de olhar para trás conscientes das dificuldades enfrentadas e do caminho percorrido, o balanço da trajetória e da vida não deixa de registrar depoimentos emocionados como os citados por Truzzi (1997). “Na vida brasileira a gente adquire desde a infância uma tolerância que não existe lá (...) Eu estou satisfeito da minha vida, confio no Brasil, aqui é minha terra. ”

Esse sentimento de gratidão e confiança, em geral embalado por uma considerável mobilidade socioeconômica, resume a bem-sucedida história dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil, um país tributário da cultura árabe desde a alvorada da colonização.

1.3. O Que Representa o Desenraizamento para o Imigrante

A recente incorporação dos termos "enraizamento" e "desenraizamento" pela linguagem cotidiana do senso comum pode fazer pressupor alguma convicção quanto ao sentido de seu emprego. É preciso, entretanto, esclarecer o conceito assim concebido por Weil (1943a, p. 411).

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

O enraizamento pressupõe a participação de um homem entre outros, em condições bastante determinadas. O homem enraizado participa de grupos que conservam heranças do passado. Podem ser transmitidas pelas palavras dos mais velhos: um ensinamento, uma sugestão prática ou uma norma. Podem ser recebidas como bens materiais: a paisagem de uma cidade, a terra revolvida pelos ancestrais, a casa por eles habitada ou objetos que revivem feitos de antigas gerações. Em outros termos, diríamos que a participação social do homem enraizado está assentada em meios onde recebe os princípios da vida moral, intelectual e espiritual que irão formar sua existência. Participação que pode vir do nascimento, da casa, da vizinhança, do trabalho, da cidade.

É preciso esclarecer que a comunicação enraizada com o passado não se confunde com uma atitude meramente contemplativa. Tampouco assume uma orientação reacionária. Onde os homens estendem raízes as lutas e construções dos antepassados, suas ideias e tradições, alicerçam realizações que, por sua vez, poderão revesti-las com novos significados.

Esclarece Weil (1943) que esse vínculo com o progresso não coincide com sua importação passiva: seria em vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado.

Um passado elaborado não se reduz à idolatria irrefletida que apenas apoiaria projeções de um futuro utópico (Bosi, 1987).

A noção de desenraizamento surge, na obra de Simone Weil, a partir de sua experiência como operária em linhas de montagem de indústrias francesas, na década de 1930. Seus diários revelam formas pelas quais a substituição do trabalho manual pela técnica industrial impôs um

distanciamento entre os trabalhadores. A interdição das relações intersubjetivas decorria do exílio de cada operário em um fragmento da produção, orientada que estava segundo um modelo fordista. Naquele cotidiano fabril restava, a cada trabalhador, a subordinação ao ritmo e à força das máquinas e a repetição de movimentos incompatíveis com o pensamento. Um afastamento de si mesmo acompanhava o isolamento relativo aos companheiros de trabalho. Para além da alienação sobre o produto final, primeiro apontada por Marx, a fábrica excluía a comunicação com princípios e valores transmitidos pela vida familiar e escolar, sem acolhimento em meio ao barulho dos metais.

Ainda sobre o desenraizamento, (Filho,1998) afirma tratar-se de uma doença da cultura. Esclarece que ele comporta um impedimento político: prejudica a reunião entre os homens, sua comunicação com o passado e seu campo de iniciativas. São condições que desfazem o laço de comunicabilidade entre as experiências vividas. Prevalece uma modalidade de vivências marcadas pelo isolamento, em que as lembranças se limitam ao âmbito de uma história pessoal, mais se aproximando de atos visionários.

No mesmo decênio em que Simone Weil dirigia seu olhar à experiência operária, a vigência da produção industrial, especialmente seus abalos sobre a narração, ocupava o pensamento de Walter Benjamin (1936). Para o historiador, a ruptura do sistema corporativo medieval e a ascensão da burguesia europeia desfizeram as condições favoráveis à aproximação entre o narrador e seus ouvintes. O sistema artesanal propiciava as condições para o encontro entre experiências de longa data do mestre sedentário e as vivências de aprendizes migrantes, oriundos de distantes paragens. O sistema fabril rompe com o que sejam as experiências de vida do trabalhador e acaba por eliminar o vínculo entre a identidade de cada homem e sua origem. Onde cada qual conta por sua função produtiva, perecendo a memória, de inspiração a narração.

Os escritos de Simone Weil e Walter Benjamin estão fundados sobre a crise cultural disparada pela modernidade e seus desdobramentos sobre o campo intersubjetivo. A contemporaneidade entre a formulação do conceito de desenraizamento e as reflexões sobre a atrofia da narração não é casual. As circunstâncias que ameaçam as raízes da participação dos homens na vida comunitária igualmente ferem as modalidades de relacionamento apoiadas sobre a narração. São condições que prejudicam a memória social.

A atual valorização da memória oral ganhou impulso a partir de acontecimentos sucessivos aos anos vividos por Walter Benjamin e Simone Weil e experiências de desenraizamento por excelência vieram a provocar alguns dos fenômenos por ambos apontados. A Shoah (Holocausto) e a bomba nuclear, justamente eventos que ameaçaram suas vítimas de apagamento e esquecimento, transformaram o testemunho sobre o passado em uma modalidade

decisiva de relacionamento dos homens com os acontecimentos (Felman 2000). Na esteira desses eventos, elementos da realidade contemporânea vieram a imprimir uma lógica da descontinuidade sobre a experiência humana. Vivências de ruptura são marcas de um tempo em que os imperativos econômicos passaram a mediar mesmo as relações interpessoais, em que a globalização emergiu como ameaça às tradições, em que o cotidiano se acelerou de forma singular e em que a identidade dos homens mais estreitamente vinculou-se a suas façanhas pessoais.

O desenraizamento, segundo Weil (1943): “É uma doença significativa da sociedade humana, nesta contemporaneidade e pressupõe dois comportamentos possíveis:

1º - ou caem na inércia de alma quase equivalente à morte;

2º - ou se jogam numa atividade que tende sempre a desenraizar, frequentemente pelos métodos mais violentos, aqueles que ainda não estão ou não o estão senão em parte”.

A questão das raízes e do desenraizamento na imigração, no que tange à relação com o trabalho, é vista como uma mola propulsora da busca de novas e melhores condições de vida.

No processo de imigração com o desenraizamento o imigrante perde as referências no que diz respeito a sua forma de ser. O desenraizamento descorporifica o ser humano. Povos desenraizados perdem características de origem.

Um dos emblemas das tragédias humanas é o desenraizamento, algumas vezes de toda uma população. Em *O Homem Desenraizado*, Tzvetan Todorov (1996) toma como exemplo sua experiência pessoal e leva a cabo um trabalho de crítica e reinterpretação de seu passado. Todorov expõe suas pesquisas a respeito do conceito de alteridade (qualidade ou estado do que o outro é, existente na relação de indivíduos pertencentes a grupos sociais distintos, cujo tema central encontra justificativa na situação do próprio autor, que é imigrante que vive na França. Aos 24 anos, Todorov deixou a Bulgária para dar continuidade a uma carreira acadêmica e estabelecer-se como crítico literário, na França. Em um ensaio autobiográfico, o autor faz um acerto de contas com seu passado, defendendo a democracia, apesar de seus males, diagnosticados impiedosamente pelo autor.

O racismo, a hipocrisia, a perda de autonomia dos indivíduos e a dificuldade de se encontrar uma identidade são temas sobre os quais o autor reflete e procura contestar. Todorov mostra que o homem arrancado de seu meio aprende a não confundir o real com o ideal, o cultural com o natural, e, superando o ressentimento pela hostilidade de seus anfitriões, descobre a tolerância.

Todorov faz declarações públicas em uma revista francesa (2010) sobre a política francesa com relação aos imigrantes; citando uma rejeição, uma desconfiança, uma inquietação

com relação aos que pretendem permanecer no país. Esses problemas têm diversos aspectos comuns a imigração, porém os mais positivos são citados raramente. Assim, os imigrantes que chegam a um país estão, em geral, muito motivados para trabalhar ali. Fazem todo o possível para conseguir isso. Basta ver o modo em que certos países de imigração beneficiaram-se com essa contribuição, como no continente americano. De outro lado, isso dá origem a atritos entre comunidades.

1.4. O Tempo Vivo da Memória

"O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua-história"

Walter Benjamin

"Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças"

Henri Bergson

Bosi (2003) explora o campo da memória oral como instrumento da experiência pessoal com os eventos do cotidiano. A memória oral é fecunda quando desempenha o papel cultural entre gerações. A autora considera os depoimentos de suma importância, porque através destes as experiências de vida são compartilhadas podendo-se colher uma quantidade de informações marcantes, com relevância no tocante a visão de mundo. Os depoimentos são autobiografias, além de testemunho histórico, reproduzem a evolução da pessoa no tempo.

As histórias de vida, Bosi leva em conta como uma narração oral memorialista; que se desenvolvem no tempo, falam do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o tempo presente. O ato de recontar é sempre um ato de criação e percepção de novas conexões com inúmeras possibilidades de escolha. Bosi, sugere que o pesquisador devolva o depoimento ao seu autor, para que este tenha o direito de ouvir e mudar o que narrou. Observa que o narrador e o ouvinte participam de uma aventura comum e provam no final um sentimento de gratidão do ouvinte pelo que aprendeu do narrador e pelo orgulho de ter um passado digno de ser lembrado.

1.5. Narração, Memória e Tradição

A narrativa traz a tentativa de reconstrução da memória de um lugar que está prestes a ser submerso. De narrativa em narrativa, é tecida a trama que compõe o nosso cotidiano; de memórias em memórias, os personagens, assumindo o papel de narradores, vão enredando o espectador numa teia formada por várias versões e experiências. Não há como se desprender

dessa rede, nem como construir uma narrativa única, que abarque a memória de lugar por exemplo, (Bosi 2003).

A autora faz colocação sobre a memória na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam. Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. Isso significa que os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade.

Mas não é só o tempo socialmente permitido que os velhos têm para se dedicar às suas lembranças. Bosi, em seu livro, lembra que os velhos têm uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo. Aos mais jovens, ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente, falta experiência para lidar com as lembranças.

Segundo Nelasco, (2001), citando Clarice Lispector em seu livro “Nas entrelinhas da escritura”, no capítulo “Todos os fins, o fim”, o autor coloca uma frase da mesma, que diz o seguinte: “Assim como o tapete é feito de vários fios, uma narrativa também é feita de várias narrativas, ou seja, uma história é feita de várias histórias” e a memória, na forma de relato, talvez seja permeada por essa mistura de vivências. A memória sempre povoou o imaginário coletivo da humanidade e serviu de inspiração para a produção metafórica de povos de vários lugares, em várias épocas.

As narrativas orais, ouvidas dos imigrantes participantes da pesquisa, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais, são influenciadas, indubitavelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais e sociais. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. Nesse sentido, Benjamin (1980) entende a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, consoante o movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível conceber narrativa sem a ideia de memória. O narrador, incumbido do trabalho de rememorar, ainda que nos relate histórias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcende a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social, formada, como se quer reiterar, na esteira do grupo a que pertence. Um dos maiores estudiosos da memória, Halbwachs (2006) impulsiona o seu caráter social, as referências exteriores, como a mola propulsora na acepção do tema. Para ele, não sendo inteiramente isolada e fechada, a memória individual provê o conhecimento da memória

coletiva, tendo em vista que para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e ela se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade (Halbwachs 2006).

2. SOBRE A RESILIÊNCIA

2.1. A Origem da Palavra

Segundo o Novo Dicionário Aurélio (Dicionário Eletrônico), Resiliência é

- 1.Fís. Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica.
- 2.Fig. Resistência ao choque.

Segundo Míni Houaiss –Dicionário da língua portuguesa (2003), Resiliência é:

1. Propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação.
2. Capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, às mudanças.

Resiliência é uma palavra de origem latina. A sua raiz pode ser encontrada na palavra *resilire*, formada pelo prefixo *re-* e pelo verbo *salire*. Assim, no sentido literal, *resilire* quer dizer saltar de novo ou mesmo saltar de volta.

Sabbag, (2012) estabelece a origem latina à palavra *resilientia*, do verbo *resilio*, que também tem o mesmo sentido de saltar para trás, recuperar-se, voltar ao normal.

Pinheiro (2004) trabalha a palavra *resiliência* a partir de sua origem etimológica: do latim *resiliens*, que igualmente significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper.

A palavra *resiliência* aparece recentemente na língua portuguesa, mas é registrada em inglês desde 1620. Sendo assim, é provável que o termo *resiliência* seja uma tradução da forma inglesa “*resilience*”.

2.2. Cronologia

Nas ciências exatas, o termo integra os estudos sobre resistência dos materiais e já era usado desde pelo menos 1807, quando o inglês Thomas Young (conforme citado por Timoshenko, 1953) publicou a obra em que a noção de módulo de elasticidade foi introduzida pela primeira vez. Nessa obra, Young fala de *resiliência* ao apresentar uma discussão sobre fraturas de corpos elásticos. Entendemos que a ideia que uma das concepções que a psicologia tem da *resiliência* – de modo geral, capacidade para se recuperar de abalos sofridos ou de se abalar e voltar ao que se era antes do abalo – tem mais a ver com o conceito físico da elasticidade do que propriamente de *resiliência*. Isso porque a elasticidade seria a característica dos materiais

de se deformarem e voltarem à sua forma original, após o fim da causa da deformação (Pinto, 2002). Para que se deformem sem se romper, é necessária a resiliência que implica na absorção da energia do impacto.

A utilização do termo resiliência e da conceituação a ele associado na área da psicologia para definir como sendo a capacidade que o homem tem de se recuperar psicologicamente quando é exposto a adversidades, é relativamente recente. Os primeiros trabalhos sob esse enfoque datam da década de 1970.

Entre as décadas de 1970 para 1980, pesquisadores americanos e ingleses focaram atenção para o fenômeno das pessoas que continuavam saudáveis mesmo expostas a duras adversidades. Inicialmente essas pessoas foram chamadas de invulnerável termo que mais tarde substituído por resiliência.

Por tratar-se de um conceito relativamente novo no campo da Psicologia, a Resiliência vem sendo bastante discutida do ponto de vista teórico e metodológico pela comunidade científica. Alguns estudiosos reconhecem a Resiliência como um fenômeno comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (Masten, 2001); outros enfatizam a necessidade de cautela no uso naturalizado do termo (Martineau, 1999; Yunes, 2001). Na língua portuguesa, a palavra resiliência, aplicada às ciências sociais e humanas, vem sendo utilizada desde a década de 70. Neste sentido, seu uso no Brasil ainda se restringe a um grupo bastante limitado de pessoas de alguns círculos acadêmicos. Muitos profissionais da área da Psicologia, da Sociologia ou da Educação nunca tiveram contato com a palavra e desconhecem seu uso formal ou informal, bem como sua aplicação em qualquer das áreas da ciência. Por outro lado, profissionais das áreas da Engenharia, Ecologia e Física, e Odontologia revelam familiaridade com a palavra, quando ela se refere à resistência de materiais.

Nos diferentes países da Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, a palavra resiliência vem sendo utilizada com frequência, não só por profissionais das ciências sociais e humanas, mas também na mídia, envolvendo pessoas, lugares, ações e coisas em geral.

No campo da Família, adquiriu maior visibilidade a partir de publicações de Walsh (2003), onde a autora descreve processos-chave que garantem a resiliência familiar.

Pesquisadores do mundo inteiro se apropriaram do termo, e o estudaram a partir de diferentes perspectivas, as quais foram, organizadas por alguns autores como (Fantova, 2008) e (Ojeda, 2004), em três grandes grupos: Norte-americano, Europeu e Latino-americano.

O grupo de pesquisadores norte-americanos é mais centrado no indivíduo, tomando como avaliação da resiliência dados observáveis e quantificáveis, com enfoque behaviorista.

A resiliência, aqui, surge como produto da interação entre o sujeito e o meio no qual está inserido.

O grupo de pesquisadores europeus aborda o assunto numa perspectiva ética, com enfoque psicanalítico e com visão do sujeito no sentido de avaliação do processo resiliência. De acordo com Fantova, para esse grupo de pesquisadores, a resposta do sujeito às adversidades transcende os fatores do meio, e esta é tecida a partir da dinâmica psicológica da pessoa, o que possibilita uma narrativa própria.

O grupo de pesquisadores latino-americanos tem um sentido mais comunitário, com foco no social como resposta aos problemas do sujeito em meio às adversidades.

Interessante verificar que, além das diferenças nos panoramas adotados pelos grupos de pesquisadores, há também, entre pesquisadores anglo-saxões e aqueles de línguas latinas, diferenças na maneira de entendimento sobre o tema resiliência.

Os pesquisadores latinos, inclusive brasileiros, apontam que o termo/conceito “resiliência” teria sido tomado das ciências exatas, mais especificamente do campo da resistência dos materiais, enquanto os pesquisadores precursores do tema, os ingleses e norte-americanos, nada dizem a respeito dessa origem (Assis, Pesce, e Avanci, 2006; Cyrulnik, 2001; Junqueira e Deslandes, 2003; Luthar e Zelazo, 2003; Masten, 2001; Poletto e Koller, 2006, 2008; Rutter, 1985, 1993b; Trombeta e Guzzo, 2002; Werner e Smith, 1989, 1992; Yunes, 2001, 2003, 2006; entre muitos outros). Em relação às concepções adotadas sobre o tema, percebe-se que, de modo geral, ingleses e norte-americanos entendem a resiliência como resistência ao estresse, enquanto brasileiros e pesquisadores de línguas latinas têm uma concepção que entende a resiliência ora como resistência ao estresse, ora como associada a processos de recuperação e superação de abalos emocionais causados pelo estresse.

Há um consenso na literatura brasileira a respeito do conceito de resiliência ser originário da física ou do termo “resiliência” ter sido “importado” dessa disciplina (Assis e cols., 2006; Balancieri, 2007; Couto- Oliveira, 2007; Junqueira e Deslandes, 2003; Libório, Castro e Coelho, 2006; Poletto, 2007; Poletto e Koller, 2006, 2008; Souza e Cervený, 2006a, 2006b; Trombeta e Guzzo, 2002; Yunes, 2003; Yunes, Mendes e Albuquerque, 2005; Yunes e Szymanski, 2001, entre outros). Vários autores da psicologia apontam para a origem física do termo e do conceito “resiliência”, torna-se importante entender como essa ciência trata o assunto.

No Brasil, começou a ser propagado por Maria Ângela Mattar Yunes (Yunes, 2001, 2003, 2006; Yunes e Szymanski, 2001, 2005) começou a publicar os textos em que dá a entender que a noção para a psicologia viria da física, embora, nem sempre afirme isso

categoricamente. A autora fala do tema em relação à ciência exata, de sua origem e significado neste campo de conhecimento e das conceituações para a física, trazidas em dicionários. Em alguns textos, a autora alerta para o risco na transposição do conceito da física para as ciências humanas (Yunes e Szymanski, 2001, 2005).

A partir dessas publicações, que se tornaram referenciais, quase todos os autores brasileiros interessados no tema passaram a reproduzir essas informações relacionadas ao campo das ciências exatas, citando Yunes, mas afirmando mais explicitamente que a resiliência da psicologia tem sua origem na física (Assis e cols., 2006; Balancieri, 2007; Couto-Oliveira, 2007; Junqueira e Deslandes, 2003; Poletto, 2007; Poletto e Koller, 2006, 2008; Souza e Cervený, 2006a, 2006b; Yunes e cols., 2005; entre outros), ainda que alguns pesquisadores já problematizem a comparação das definições da física, quando aplicadas a fenômenos humanos. Os poucos textos sobre resiliência que existiam no país, antes dessas publicações de Yunes, não traziam esses dados, o que pode ser percebido na publicação Hutz, Koller e Bandeira (1996).

2.3. Conceitos Relativos à Etimologia da Palavra Resiliência

A relevância do estudo da resiliência deve-se ao fato desse conceito ser um convite para ir além da identificação dos fatores de risco e impulsionar a busca dos recursos pessoais e contextuais que podem ser usados para enfrentar as adversidades. Do ponto de vista social, o estudo da resiliência representa uma nova possibilidade de se trabalhar com os problemas experimentados pelo grande contingente de população que, cada vez mais, está vivendo em condições adversas, exposta a um potencial de risco importante. Representa ainda uma mudança paradigmática na área da saúde, na medida em que prioriza o potencial para a produção de saúde em vez de apenas focar os aspectos patológicos, e também uma possibilidade de ampliar a compreensão do processo saúde-doença centrado somente no indivíduo, passando para uma abordagem que inclui a família e a comunidade, articulando as relações entre os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos (Silva et al., 2003).

Na física, conforme já mencionado, resiliência é a capacidade ou a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica. Ou seja, a capacidade dos materiais de se deformarem e voltarem à sua forma original, após o fim da causa da deformação.

Mas nem tudo que resiste a pressões ou a abalos apresenta resiliência, pois há materiais que sob pressão não se deformam (ou se deformam muito pouco) e, nesses casos, nem absorveriam a energia do impacto, sendo considerados resistentes, mas não elásticos. Quando

um material resiste a um impacto, deformando-se pouco ou nada, ele é considerado rígido (Amaral, 2002). Esse material, após certo limite de força aplicada sobre ele, se rompe de maneira irreversível, sem ter havido deformação perceptível. Um material elástico, por sua vez, também pode se romper ou sofrer outro tipo de deformação permanente, mas somente depois de ultrapassado seu limite de elasticidade e seu “módulo de resiliência”, ou seja, a quantidade de energia passível de ser absorvida.

A partir desse entendimento dos conceitos da resistência dos materiais, caso se quisesse transpor de forma mais fidedigna o conceito de resiliência da física para a psicologia ou ciências humanas, ao focalizar a resiliência das pessoas os estudos deveriam investigar o quanto as pessoas poderiam suportar de pressão, ou de estresse, antes de apresentarem abalo psicopatológico irreversível. Já se os estudos quisessem observar como as pessoas se abalam, se transformam sob uma pressão e se recuperam posteriormente, eles estariam investigando a elasticidade (psicológica) humana. Com isso, parece que, se o termo/conceito de resiliência usado pela psicologia foi originado na física, da resistência dos materiais, ele foi transposto de maneira imprecisa, pois se relaciona mais com o conceito de elasticidade do que de resiliência dos materiais. Com isso, se tem a impressão de que, hoje, o termo “resiliência” é mais utilizado pelas ciências humanas e pela psicologia do que pelas ciências exatas.

2.4. Conceitos de Resiliência Associados às Ciências Humanas

Nas ciências humanas o conceito de resiliência surgiu nos anos 70 com a primeira geração de pesquisadores, cujo interesse era descobrir os fatores protetores que estão na base dessa adaptação positiva em crianças que estavam imersas em condições repletas de adversidade. Um marco dessa primeira geração foram Emmy Werner e Ruth Smith. A pergunta levantada pelos pesquisadores da primeira geração é a seguinte: “Entre as crianças que vivem em risco social, o que distingue os que se adaptam positivamente dos que não se adaptam à sociedade?” (Kaplan, 1999 apud Infante, 2005, p.24). Uma segunda geração de pesquisadores emerge nos anos 90 e expandiu o tema resiliência em dois aspectos: a noção de processo, que implica a dinâmica entre fatores de risco e de resiliência, que permite ao indivíduo superar a adversidade; e ir à busca de modelos para promover resiliência de forma efetiva em termos de programas sociais. Alguns autores mais recentes dessa segunda geração são Luthar, Cushing, Masten, Kaplan e Bernard. A questão levantada por esses estudiosos é outra: “Quais são os processos associados a uma adaptação positiva, já que a pessoa viveu ou vive em condições de adversidade?” (Infante, 2005, p.24). Os pesquisadores mencionados acima receberam pouca

atenção no presente estudo, porém suas contribuições foram e ainda são valiosas para as atuais pesquisas em resiliência.

Principalmente nos últimos tempos, o conceito de resiliência tem sido explorado por vários autores e estudiosos, cada um abordando-o a partir de seu ponto de vista, de acordo com o sentido de cada pesquisa desenvolvida na época.

Segundo Yunes (2006), na língua portuguesa a palavra resiliência aplicada às ciências sociais e humanas vem sendo usada há poucos anos. Nesse sentido, seu uso no Brasil ainda se restringe a um pequeno grupo de pesquisadores de alguns círculos acadêmicos e seus significados ainda permanecem desconhecidos para a maioria da população.

Nos demais países o termo resiliência é muito usado para direcionar programas políticos de ação social e educacional (Yunes, 2006, p.47-48). Para Silva, (2003) a resiliência refere-se à capacidade dos seres humanos de enfrentar e responder de forma positiva às experiências que possuem elevado potencial de risco para a saúde e desenvolvimento do indivíduo. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo, atrelado à interdependência entre os múltiplos contextos com os quais o sujeito interage e cuja presença é observada, com mais clareza, quando o ser humano está passando por uma situação adversa, seja esta de caráter temporário ou constante em sua vida (Silva, 2003, p.17).

Junqueira e Deslandes (2003) consideram a resiliência como a capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela; alertam para a necessidade de relativizar, em função do indivíduo e do contexto, o aspecto de "superação" de eventos potencialmente estressores. Estaria atrelada a superação diante de uma dificuldade considerada como um risco, a possibilidade de construção de novos caminhos de vida e de um processo de subjetivação a partir do enfrentamento de situações estressantes. Acreditam que o termo resiliência traduz conceitualmente a possibilidade de superação num sentido dialético, o que representa não uma eliminação, mas uma resignificação do problema.

Placco (2001) conceitua resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, apresentando uma atitude otimista, positiva, perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico no decorrer e após a adversidade. Acrescenta ainda que pode ser concebida como uma característica da personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar as pressões de seu meio, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, às mudanças e ao outro (Placco, 2001, p.7).

Melillo et al. (2005) enfatizam características do sujeito resiliente que seriam: a habilidade, adaptabilidade, baixa suscetibilidade, enfrentamento efetivo, capacidade, resistência à destruição, condutas vitais positivas, temperamento especial e habilidades cognitivas, todas desenvolvidas durante situações vitais adversas, estressantes que lhe permitem atravessá-las e superá-las. Defendem que a resiliência se caracteriza por derivar de uma relação significativa do sujeito com uma, duas ou mais figuras de seu entorno, e não constitui um estado definitivo, ou seja, pode-se estar mais ou menos resiliente, de acordo com a situação vivenciada e as condições do meio, ainda que a presença de fatores protetores bem estabelecidos na infância e adolescência possa facilitar um bom desenvolvimento, mesmo nas piores circunstâncias. Destacam também um elemento crucial: a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente e nem se adquire a resiliência naturalmente no decorrer do desenvolvimento, depende de certas qualidades do processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico (Melillo et al., 2005, p.61).

Diferentemente da ideia de invulnerabilidade, a resiliência refere-se à capacidade de enfrentar e responder de forma positiva às adversidades e suas potenciais consequências negativa. Não significa que a pessoa não experimente o estresse, desconforto ou que não se sinta atingida pela situação adversa nem tampouco que a situação adversa tenha de ser afastada. Pelo contrário, o sujeito resiliente conserva as possíveis marcas da situação estressante que vivenciou. Elas estão presentes em suas lembranças e em seus sentimentos. Sua história permanece em sua memória, mas a pessoa é capaz de se recuperar porque encontra o suporte que a permite prosseguir, delineando uma trajetória que pode ser considerada positiva (Silva et al., 2003).

2.5. Fatores Associados à Resiliência

Importante destacar a pesquisa de Yunes e Szymanski (2001), para que pudessem delinear a pesquisa, essas estudiosas e outros fizeram inicialmente uma coleta de relatos empíricos, e através dos mesmos propuseram uma classificação temática dos assuntos mais relevantes ou de maior presença nos citados relatos, quais sejam: fatores de risco, fatores de proteção, vulnerabilidade, *coping* e competência.

É possível observar que os riscos e todas as espécies de estressores sempre se fizeram presentes em qualquer tempo e lugar. O termo risco tem sido usado na área da saúde mental com a significação de estressor ou fator que pode levar a um resultado negativo ou indesejado no desenvolvimento do sujeito e em sua saúde. Relacionam-se com todo tipo de eventos

negativos da vida que, quando presentes, aumentam as chances de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais e emocionais. O risco poderá produzir um distúrbio ou uma doença de acordo com sua severidade, duração, frequência ou intensidade. Embora a análise do risco inicialmente tenha examinado esses fatores como eventos estáticos, eventualmente análises mais sofisticadas sugerem que o risco é um processo e não uma variável em si (Yunes e Szymanski, 2001).

É fundamental que não se compreenda apenas a importância dos riscos para se aferir a resiliência. Os fatores ou mecanismos de proteção que um indivíduo dispõe internamente ou capta do meio em que vive são considerados elementos cruciais para a compreensão do tema. Os fatores de proteção são usualmente nomeados como mediadores (buffers). Os fatores de proteção segundo Polleto e Koller (2006) serão aqueles que, numa trajetória de risco, modificam o rumo da vida do sujeito para um final mais adaptado. Já para Kotliarenco, Alvarez e Cáceres (1996) os fatores de proteção seriam as características ambientais e/ou individuais que atenuam efeitos negativos do meio aos quais os indivíduos são submetidos ou os fortalecem para suportar esses efeitos. A proteção não eliminaria os fenômenos psicológicos da situação estressante vivenciada; o que ocorre é uma mudança na forma como as pessoas enfrentam as situações em suas vidas, principalmente, quando submetidas a circunstâncias desfavoráveis.

Outro conceito importante envolvendo resiliência é o de vulnerabilidade. Este termo é usado para definir as suscetibilidades psicológicas individuais que aumentam as chances de um resultado negativo ou indesejável na presença do risco. Vulnerabilidade não se refere apenas à predisposição genética ou a fatores constitucionais, mas também a condições, tais como: baixa autoestima, traços de personalidade e distúrbios psíquicos. Condições externas também podem levar a vulnerabilidades como práticas educativas familiares ineficazes, desemprego, pobreza e dificuldade de acesso a saúde (Santos e Dell’Aglío, 2006, p.212).

O conceito seguinte é *coping*. Esse termo não tem sido traduzido para o português, pois não existem palavras equivalentes para definir esse conceito. Vem recebendo atenção de estudiosos por estar associado ao ajustamento social e à saúde (Lisboa; Koller; Ribas; Bitencourt; Oliveira; Porciúncula e Marchi, 2002). Pode-se definir *coping* como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais empreendidos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que emergem em situação de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais. Assim, *coping* seria uma resposta que poderia funcionar como moderadora dos efeitos negativos do estresse, integrando os processos de resiliência do indivíduo (Santos e Dell’Aglío, 2006, p.215). Considerando que o processo de *coping* consiste em uma interação entre a pessoa e o ambiente, é importante salientar que as

estratégias variam de acordo com o contexto no qual a pessoa interage, bem como, de acordo com suas características pessoais. Fatores situacionais influenciam as respostas de *coping* e determinam mudanças nos tipos de estratégias usadas (Lisboa et al 2002).

Outro conceito relacionado à resiliência é o de competência. Masten e Coatsworth, 1998, citados por Santos e Dell’Aglia (2006), definem competência como sucesso diante de tarefas de desenvolvimento, previstas para uma pessoa de determinada idade e gênero, no contexto de sua cultura, sociedade e época. Recentemente, Grotberg (2005) detalhou oito novos enfoques e descobertas obtidas a partir do conceito de resiliência, e define o que acontece atualmente na área do desenvolvimento humano. O primeiro enfoque aponta que a resiliência está ligada ao desenvolvimento e ao crescimento humano, englobando diferenças etárias e de gênero. O segundo ressalta que promover fatores de resiliência e ter condutas resilientes requerem diferentes estratégias. O terceiro retrata que o nível socioeconômico e a resiliência não estão relacionados. O quarto esclarece que a resiliência é diferente dos fatores de risco e proteção. O quinto aborda que a resiliência pode ser medida, e é parte da saúde mental e da qualidade de vida. O sexto enfoque considera que as diferenças culturais diminuem quando os adultos valorizam novas ideias para o desenvolvimento humano. O sétimo expõe que prevenção e promoção são alguns conceitos relacionados à resiliência. O oitavo afirma que a resiliência é um processo, ou seja, há fatores de resiliência, comportamentos resilientes e resultados resilientes (Grotberg, 2005. p.15).

Falar de resiliência significa, portanto, falar de produção de saúde em contextos adversos. É de fundamental importância que todos os profissionais envolvidos na produção da saúde e de uma maior qualidade de vida estejam atentos e dispostos a pesquisar e estudar a resiliência. Esse conceito dá lugar a construções novas e a propostas que ampliam as perspectivas do campo da psicologia e de outras áreas.

Pela presente revisão de literatura, foi possível constatar que o fenômeno resiliência constitui uma importante ferramenta que milhares de pessoas dispõem para lidar com situações adversas e estressantes que emergem no dia-a-dia. A emergência dos estudos em resiliência, principalmente nas últimas décadas, representa uma importante abordagem para conhecer como inúmeras pessoas se desenvolvem de forma saudável quando confrontadas com circunstâncias de risco. A resiliência emerge como um constructo que aponta para um novo modelo de se compreender o desenvolvimento humano, pela dimensão da saúde e não da doença. Apesar de ser importante trabalhar pela promoção de fatores resilientes, é crucial avançar nos estudos de teorias que expliquem como esses fatores específicos interatuam na vida do indivíduo, propiciando um processo de adaptação resiliente.

2.6. Resiliência como Processo

Importante notar que o conceito de Resiliência sofreu transformações desde sua definição inicial passando de um traço ou característica individual para ser um processo que se desenvolve no âmbito das interações humanas frente às adversidades, tendo como resultado final a superação (Walsh 2003). Tal processo segundo Walsh vai além do enfrentamento, incluindo o aprendizado com a situação de crise passada, a integração de sua experiência, seja pessoal, familiar ou social, e o retorno desse aprendizado à comunidade. Ao definir a resiliência como um processo, pressupõe-se que existam fatores, mecanismos e variáveis que possam contribuir, facilitando ou dificultando seu desenvolvimento. Tais fatores são denominados risco e proteção. Os fatores de risco são situações, características pessoais ou eventos estressores que predis põem as pessoas, famílias ou comunidades às crises e desestruturações, mas, ao mesmo tempo, as convidam ao enfrentamento e a responder aos desafios. São essas as oportunidades em que o processo de resiliência pode desenvolver-se. Já os fatores de proteção são potenciais facilitadores do enfrentamento desses desafios, que se traduzem em características pessoais, relações de vínculo e situações do próprio contexto que nutrem o processo de resiliência. Os mecanismos mediadores são variáveis que exercerão sua força sobre a intensidade, duração e avaliação dos fatores de risco e proteção.

No campo da Família, adquiriu maior visibilidade a partir de publicações de Walsh (2003), onde a autora descreve processos-chave que garantem a resiliência familiar. São eles:

- 1) Sistema de crenças da família, que inclui conseguir e dar sentido à adversidade, capacidade de manter uma visão positiva e ser capaz de desenvolver transcendência e espiritualidade.
- 2) Padrões de organização familiar permeados por flexibilidade, bons vínculos e com recursos sociais e econômicos adequados.
- 3) Capacidade de comunicação e resolução de problemas com clareza, boa expressão emocional e solução de impasses de forma colaborativa.

Para Cyrulnik (2001), a resiliência é um processo íntimo que se integra a um processo social. Metaforicamente, o conceito de resiliência pode ser associado a uma "mola", pela capacidade de se modificar frente a um impacto e retornar à estabilidade, e a um "tecido", que se configura no espaço entre a pessoa e seu entorno social, como um mosaico de pano que vai sendo tecido.

Ele classifica os que permanecem submetidos ao estresse em quatro grupos:

- Os evitativos (têm medo de exprimir as emoções);

- Os ambivalentes (por angústia, agredem quem amam);
- Os angustiados (só se sentem bem aprisionando o objeto de seu amor);
- Os desorganizados (estão sempre aflitos e confusos).

Em relação ao tempo, a resiliência é um processo diacrônico e sincrônico: as forças biológicas do desenvolvimento se articulam com o contexto social, para criar uma representação de si mesmo que permite a historização do sujeito. Parafraseando Cyrulnik, (2001), a resiliência é um tricô que ata uma lâ desenvolvimento a uma lâ afetiva e social; a resiliência não é uma substância, é uma malha, não podendo ser atrelada a um momento específico da vida, pois se ata e se desata continuamente. A metáfora do tricô é uma imagem sinestésica que expressa o tempo que passa e o gesto que o persegue para fixá-lo. O tricô não é nada mais que o símbolo do tempo (Cyrulnik, 2001).

Nos resilientes, há uma apreensão mais próxima e aguda da passagem do tempo, o que lhes outorga maior discriminação e rapidez em descartar o que é secundário ou fútil e focalizar o que é vital. Consequentemente, passam a usufruir as oportunidades mais significativas que surgem de modo a dar um sentido aos fatos e objetos que nos falam; tem-se um meio de iluminar a neblina provocada pelo estresse: o relato.

A metamorfose do acontecimento em relato se faz por meio de uma dupla operação: pôr os acontecimentos fora de si e situá-los no tempo. Pela sucessão dos relatos, opera-se um trabalho de religação e uma atribuição de sentido, portanto, nos resilientes o trabalho de religação pelos sucessivos relatos constitui um projeto necessário para a conquista de um sentido. Mas, para provocar uma representação que dará um sentido de *felicidade*, é preciso que esse projeto seja duradouro e diversificado.

Cyrulnik (2001), dá exemplos de como organizar e continuamente reorganizar suas lembranças, mas também, preocupa-se com o projeto de entender, agir e usar seu conhecimento em diversas áreas criativas.

Metaforicamente duas “palavras-conceito” são utilizadas por Cyrulnik (2001), como o essencial no resiliente: a *mola* e o *tricô*. A mola fala do impulso íntimo pessoal ante os golpes da existência. É comparável, nas pessoas, ao conceito de resiliência vindo da física: propriedade que a matéria de dureza variável tem de retornar a forma original após ser submetida a um choque violento que provoca deformação elástica.

Sinestesia é uma palavra que vem do grego *synaísthesis*, onde *syn* significa "união" e *esthesia* significa "sensação", assim, uma possível tradução literal seria "sensação simultânea"

Em sentido figurado, significa “elasticidade”. Nas pessoas, trata-se da capacidade de se recuperar de um estresse com elasticidade, flexibilidade, criatividade e reconstrução sobre o trauma. Walsh (2004) e Cyrulnik (2001) têm em comum o mesmo entendimento de resiliência. Expressam que o corpo e a alma da resiliência encontram-se no sistema de crenças pessoal e familiar, e deste sistema faz parte a atitude de dar sentido à adversidade - considerar a crise um desafio significativo, compreensivo e manejável. Desta forma, é preciso ter a percepção de que o sofrimento tem seu sentido. No caso de poder ser evitado, poderá sê-lo. E quando é inevitável, aceitá-lo é a melhor postura. Walsh (2004, p. 88) escreve: "dominar o possível, aceitar o que não se pode mudar". Por caminhos diferentes, filosofias diferentes. Cyrulnik (2001) em uma visão intrapsíquica desenvolveu o conceito de resiliência como a capacidade humana de lidar com um sofrimento. Seu trabalho mostra que a resiliência não é uma competência individual, mas fruto dos vínculos positivos que uma pessoa tece com outras no interior de espaços de convivência saudáveis.

2.7. Resiliência no Construcionismo Social

Para Walsh (2003), o contexto relacional da resiliência dentro de uma ótica sistêmica expande a nossa visão da adaptação individual para processos transacionais mais amplos nos sistemas familiares e sociais e trata da mutualidade das influências através destes processos.

O ser humano nasce e vive em uma rede de relações representada por: família, escola, comunidade, trabalho, dentre outras. Nestes ambientes ecológicos, as pessoas desenvolvem-se e conquistam uma diversidade de lugares de interação social.

As relações entre pessoas e ambientes oferecem possibilidades de apoio nos momentos de crise ou mudança e podem criar oportunidades de desenvolvimento humano através da qualidade dos meios de subsistência, possibilidades de emprego, estudo, amizades, lazer, relações de suporte e de afeto. O apoio social e afetivo fornecido pela rede relacional das pessoas é mantido por laços afetivos e depende de percepções que se tem do próprio mundo social, de competências e recursos disponíveis para proteção.

Nesse sentido a resiliência do ponto de vista do construcionismo social pode ser contextualizada e entendida como um processo da interação social que acontece entre pessoas. Gergen, (1997, 1999); Spink, (1999).

O construcionismo social dá ênfase à especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo resultante da interação social que acontece entre pessoas e conceitualmente a forma de enfrentar as situações.

Embora o construcionismo social tivesse surgido primeiramente na Psicologia Social (Gergen, 1997, 1999; Spink, 1999), logo se espalhou para outros campos, como o da Psicoterapia (Grandesso, 2000; McNamee e Gergen, 1998; Niemeyer, 1998; Rasesa e Japur, 2001).

Apesar das particularidades de contribuições de autores como Burr (1995) e Gergen (1999), as proposições construcionistas se encontram presentes no campo social e da terapia, e como dão sustentação teórica a determinadas práticas psicoterápicas, os trabalhos assim conduzidos levaram em conta as propostas da terapia narrativa de White e Epston (2000), da abordagem colaborativa de Anderson (2007) e dos processos reflexivos de Andersen (1997).

Apoio social tem a ver com as relações que uma pessoa estabelece na vida e que podem influenciar de forma significativa a definição da sua personalidade e o desenvolvimento. A qualidade das interações em diferentes contextos sociais tem sido objeto de estudos de muitos pesquisadores que comprovam o impacto positivo ou negativo das mesmas sobre a saúde física e emocional das pessoas (Brito; Koller, 1999; Cyrulnik, 2004; Yunes; Garcia; Albuquerque, 2007; Barudy; Dantagnan, 2007; Bronfenbrenner, 1996).

2.8. Resiliência e Imigração

Pesquisar (i) migrante, é ressaltar como os grupos criam sua pertença, seus sentimentos e o que interfere na sua vontade ou condicionamento de deslocamento. A criação de regiões na migração deve considerar principalmente características de pertencimento e como esses sujeitos criam novas regiões. Em primeiro momento, deve-se pensar o que é (i) migração. Segundo Santos (1997, p. 6): “A migração pode ser definida como o movimento da população pelo espaço”. Entretanto, seria ingenuidade tomar apenas um conceito como válido, principalmente pelas várias significações desta terminologia, como adverte a mesma autora: “o seu significado [significado da migração] e as suas motivações variam tanto no tempo como no espaço”. Além disso, têm-se várias categorias de (i) migração como: “migrações nacionais, internacionais, definitivas, de retorno, sazonais, temporárias, rurais-urbanas, que foram formuladas, principalmente, nas décadas 1960 e 1970” (Menezes, 2012, p. 23). Ou ainda as categorias recentemente elaboradas pela Organização Internacional da Migração - OIM.

A noção de migrante também é lacunar: “No plano internacional não existe uma definição universalmente aceita de migrante” (OIM, 2009, p. 43). Entretanto, o termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo, sendo consideradas diferentes modalidades segundo a OIM: migração assistida,

migração circular, migração clandestina, migração de retorno, migração em massa/coletiva, migração espontânea, migração forçada, migração individual, migração interna, migração internacional, migração irregular, migração laboral, migração líquida, migração ordenada, migração regular, migração secundária, migração total/líquida, migrante ambiental, migrante com fins de instalação, migrante de curta duração, migrante de longa duração, migrante documentado, migrante econômico, migrante em situação irregular, migrante ilegal, migrante indocumentado, migrante irregular, migrante qualificado, migrante rural, migrante rural-urbano, migrante urbano, migrante com laços ancestrais (OIM, 2009, p. 40-45).

São várias as denominações que envolvem a (i) migração em questão” (OIM, 2009, p. 43). Portanto, as definições, mesmo sendo múltiplas, não são capazes de abarcar todas as situações da migração, sendo necessário rever e criar novos conceitos conforme as especificidades. Outro fator importante é consenso dos pesquisadores desta temática com relação à complexidade dos estudos (i) migratórios e a dificuldade de uma teoria que abarque esses estudos; portanto, o ato de migrar deve compreender muitas esferas de pensamentos em várias áreas de atuação, especialmente a Geografia, a História e a Demografia.

Segundo Brumes (2003), os estudos migratórios podem ser concebidos pelas sistematizações de dois autores: Salim (1992) e Ferreira (1986). Na dificuldade de abarcar todos os estudos, existem grupos de pesquisadores que se propõem pesquisar o conceito de troncos teóricos, sendo eles divididos em neoclássicos contemporâneos, perspectiva histórico-estrutural e modalidade da força de trabalho. Outros pesquisadores dividem a migração em duas teorias, psicologizantes e estruturais. O que as teorias entre os autores têm em comum é que apontam para fatores de uma única causa para a migração, geralmente a superação de desigualdades econômicas. A mudança em cada conjunto de autores torna-se o enfoque dado para a migração.

Sayad (2000) apontou contribuições sobre novos estudos sobre migração. Ele propõe analisar a migração a partir das angústias, desejos e sonhos do migrante: “O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível” (Sayad apud Menezes, 2012, p. 28). Sayad aponta para o sentimento de ausência e a necessidade de voltar em que o migrante se encontra. A lembrança de sua terra de origem, a qual se torna impossível alcançar.

Os estudos sobre as migrações têm focado as dificuldades, as barreiras e obstáculos na chegada e permanência no país de acolhimento. Reconhecendo a existência desses processos adversos, poucos estudos se têm dedicado ao modo como os migrantes superam as dificuldades

com as quais se deparam quando chegam ao novo local. Igualmente, poucos estudos dedicam atenção ao processo migratório como um todo, com início ainda no país de origem.

2.9. Fatores de Risco e Proteção

“Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão.

Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui prá diante vai ser diferente.”

Carlos Drummond de Andrade

A presença de uma condição adversa (ou de risco) está, sem dúvida, atrelada ao conceito de resiliência. Masten e Coatsworth (1995) dizem que este termo deve ser usado somente para aqueles casos em que a pessoa responde positivamente em presença de risco significativo. Diferente da ideia de invulnerabilidade, resiliência diz respeito a uma capacidade de enfrentar e responder bem quando há perigo e possíveis consequências negativas, ou seja, não se está diante de uma situação em que a pessoa não experimente o estresse, ou que não se sinta atingida pela sua adversidade, nem tampouco que o risco tenha sido afastado.

Pelo contrário, de acordo com Cyrulnik (2001), o sujeito resiliente conserva as marcas do que enfrentou. Elas estão presentes em suas lembranças, em seus sentimentos. Sua história permanece em sua memória, mas a pessoa é capaz de se recuperar porque encontra o suporte que a ajuda a prosseguir e delinear uma trajetória de vida que, do ponto de vista social e cultural, pode ser considerada positiva.

A literatura mostra que a resiliência tem sido examinada junto a populações expostas a adversidades de natureza diversa como a guerra (Davis, 2000; Sigal, 1998; Valent, 1998); a pobreza extrema (Garmezy, 1991; 1993); a convivência com a doença mental (Rutter, 1994), os maus tratos (Kolbo, 1996), a prematuridade do bebê, as restrições nutricionais, as longas rupturas com as pessoas significativas, as limitações físicas e mentais, a institucionalização prolongada, entre outros (Rutter, 1995; Vinay, Esparbés-Pistre e Trap, 2000).

Especialmente importante é a presença concomitante de diversas condições de risco, num mesmo contexto, constituindo o que Garmezy (1993) chama de “cadeia de risco”. Os estudos de Rutter (1994), sobretudo aquele em que ele toma por base crianças inglesas, com idade em torno de dez anos, vivendo em condições de pobreza, mostraram que os transtornos psiquiátricos estavam relacionados com a presença simultânea de problemas crônicos como a discórdia entre os pais, o baixo status sócio econômico, a história de criminalidade nos pais, a

resiliência: concepções, fatores associados existência de doença mental no principal cuidador da criança e o fato de elas pertencerem a uma família numerosa.

Esses autores referem que a presença acumulada de estressores, num mesmo contexto, pode explicar até 33% dos índices de transtornos psiquiátricos em crianças expostas a múltiplos riscos (Garmezy, 1993). Entretanto, mesmo que este índice seja elevado, é importante destacar que, ainda, resta um percentual muito maior, dentro do qual é possível que algumas crianças encontrem as condições que lhes possibilitem delinear uma trajetória devida positiva, mesmo estando expostas a múltiplos riscos.

A pobreza crônica, segundo Garmezy (1993), favorece o acúmulo de estressores que, muitas vezes, persistem ao longo dos anos, produzindo uma cadeia de riscos cujos efeitos são capazes de reduzir e/ou destruir as possibilidades de resposta positiva da criança pobre às adversidades cotidianas que vivencia, colocando-a, cada vez mais, em desvantagem.

Essa cadeia geralmente começa com a inadequada nutrição e supervisão médica para a mãe durante a gravidez, segue com a desnutrição e as doenças ligadas à inacessibilidade de cuidados de saúde adequados; as dificuldades e limitações na fase de escolarização e pode culminar com o desemprego crônico, ou mesmo o subemprego com salários insuficientes, na idade adulta.

Por outro lado, mesmo que a resiliência esteja atrelada à presença de uma condição adversa para ser reconhecida como tal, não podemos esquecer que no contexto onde os sujeitos se desenvolvem outros elementos estão presentes. Vinay e cols. (2000) dizem que falar de resiliência implica em falar não apenas dos riscos impostos pelas circunstâncias vividas pelo sujeito, mas, também, em reconhecer a presença, neste mesmo ambiente, de certos fatores que podem proteger o ser humano, atenuando ou neutralizando os efeitos negativos dos riscos e viabilizando a construção da resiliência.

Dentre os fatores de proteção Cyrulnik (2001) aponta o temperamento da criança flexível, confiante e capaz de buscar ajuda exterior; o contexto afetivo no interior do qual a criança vive seus primeiros anos um clima familiar que aporte a segurança necessária para que desenvolva a confiança em si mesma e nos outros. Segundo o autor, esses fatores têm um caráter complementar, uma vez que, isoladamente, eles não garantem uma evolução resiliente. Uma criança que vive em condições de risco, mesmo tendo um temperamento que favoreça as interações com outras pessoas e o ambiente, poderá seguir uma evolução resiliente em uma família ou em uma sociedade, mas em outra não.

Outros fatores de proteção incluem: os cuidados responsáveis e constantes dirigidos à criança; as expectativas positivas nela depositadas; as relações de apego seguro; a coesão entre

os membros da família, a existência de pelo menos um adulto verdadeiramente interessado na criança, capaz de bem cuidá-la e protegê-la, mesmo na ausência de responsabilidade dos pais, assim como a sensibilidade materna que, juntamente com o suporte social são, segundo Silva (2003), capazes de reduzir substancialmente os problemas emocionais e comportamentais, principalmente para crianças que crescem em ambientes com maiores desvantagens.

De modo geral, pode-se afirmar que o estudo da resiliência tem focalizado desde os eventos adversos estudados de forma isolada, até a associação de múltiplos riscos, alguns sendo examinados em um período de tempo delimitado e outros de forma longitudinal, cobrindo uma sequência temporal mais extensa. Alguns estudos tratam, por exemplo, de uma situação adversa que está sempre presente na vida dos seres humanos e outros levam em conta adversidades que acontecem em um momento específico do ciclo vital, podendo, após, o sujeito ou a família, retomar seu modo de funcionamento anterior.

É importante assinalar que, embora as pesquisas desenvolvidas em diferentes contextos de observação aportem múltiplas possibilidades de olhar o mesmo fenômeno e, de certo modo, garantam a expansão do conhecimento, existem diferenças significativas entre elas que não podem ser ignoradas, já que determinam os rumos de uma investigação e, consequentemente, seus resultados.

Quando McCubbin e McCubbin (1993) examinam sistema familiar vivenciando a doença de um de seus membros e retomando a unidade familiar após a experiência, estão falando da resiliência que se manifesta em um contexto específico, mas, não necessariamente, dos mesmos fatores e mecanismos que podem entrar em ação quando se trata de seres humanos vivenciando outras adversidades como a guerra ou a pobreza extrema. Da mesma forma, quando uma pesquisa envolve sujeitos que já nasceram em condições adversas, é importante não perder de vista que, para eles, as adversidades não promovem alteração em seu estilo de vida, visto que são partes constituintes de seu contexto. Nesses casos, parece mais apropriado direcionar os estudos no sentido de investigar, por exemplo, o que essas pessoas podem encontrar nesses contextos que vão permitir que seu desenvolvimento siga em uma direção positiva ou não.

A capacidade das pessoas, indivíduos e grupos que, mesmo expostos às situações de estresse (pessoais, familiares e sociais), conseguiram desenvolver-se bem e continuar crescendo de forma saudável e adaptada (Rutter, 1985, 1987; Masten Garnezy, 1985; Werner, 1989), é conhecida atualmente pelo termo resiliência. Esse fenômeno, provavelmente tão antigo como a humanidade, foi a maneira encontrada por muitos povos para resistir às inúmeras dificuldades que marcaram a história da evolução da humanidade vida que possibilitam o enfrentamento de

situações de sofrimento com consequente fortalecimento, transformação pessoal e superação das adversidades de indivíduos, grupos e comunidades (Yunes, 2010).

Estudar resiliência só tem sentido teórico e pragmático diante da comprovada existência da interação de elementos vitais de risco e de proteção e pode ser desenvolvida pelo indivíduo ou em sistemas como: família, escola, grupos, comunidades e sociedades.

Na sequência, são abordados aspectos relativos aos fatores estressores e de proteção.

2.9.1. Estressores

Como todo imigrante, os sírios e libaneses, sofreram um impacto na chegada ao Brasil, uma ruptura na forma de ser e de existir.

O ato de emigrar pode ser um processo que possui níveis de estresse tão intensos que muitas vezes superam as capacidades de adaptação desses imigrantes.

“O estresse é conceitualmente entendido como um processo complexo e multidimensional, em que atuam estressores agudos ou crônicos dos seguintes tipos: ambientais (no trabalho, em casa ou na vizinhança, por exemplo), eventos maiores (como mudança de domicílio, morte ou doença em familiar, separação conjugal e desemprego), trauma (por exemplo, participar de um combate, no caso de terem participado de guerras, ser vítima ou presenciar crime violento ou acidente de trânsito e estar envolvido em desastres naturais ou industriais) e abuso ou negligência na infância e na velhice. Esses estressores são percebidos pelo indivíduo como ameaça, necessidade de ajuda ou alerta, o que dá início a uma resposta, visando a adaptar-se à situação. A adaptação, neste contexto, é entendida como processo dinâmico mediante o qual os pensamentos, os sentimentos, a conduta e os mecanismos biofisiológicos do indivíduo mudam continuamente para se ajustar a um ambiente em contínua transformação.” (Sparrenberger, Felipe; Santos, Iná Dos; Lima, Rosângela da Costa. “Epidemiologia do distress psicológico: estudo transversal de base populacional”, p. 435).

O processo de aculturação refere-se às mudanças culturais e psicológicas que resultam do contínuo contato entre pessoas de diferentes contextos socioculturais, em termos de tempo e espaço. Esta ocorre nos dois níveis: individuais e grupais.

No processo de aculturação, Berry (2002) distingue quatro estratégias definidas a seguir:

1. Integração: o indivíduo mantém aspectos da cultura de origem e também adquire traços da cultura atual. Esta estratégia só é possível em sociedades explicitamente

multiculturais, as quais são baseadas sobre valores de aceitação da diversidade cultural e baixo nível de preconceitos, isto é, um nível mínimo de racismo, etnocentrismo e discriminação.

2. Assimilação: o indivíduo não deseja manter a cultura de origem e adquire totalmente os traços da cultura de inserção. A valorização recai no relacionamento com a nova realidade.
3. Separação: o indivíduo valoriza apenas os aspectos de sua cultura originária, negando a inserção no país de recepção, desvalorizando as relações com os autóctones.
4. Marginalização: O indivíduo não mantém traços da cultura originária, e também não se identifica com os valores da cultura de inserção. Mantém-se à margem. Pode caracterizar-se por um alto nível de ansiedade, uma sensação de alienação, uma perda de contato com os dois grupos.

Achotegui (2000) cita que no processo migratório muitas pessoas começam a apresentar um conjunto de sintomas bem característicos, enquanto outras apresentam níveis de estresse menos intensos de adaptação à nova realidade social sem a presença de um conjunto de sintomas como a Síndrome de Ulisses.

Conforme o autor, existe uma relação entre os graus de estresse que vivem os imigrantes e a aparição de seus sintomas psicopatológicos. A pessoa sofre por estressores ou lutos específicos da condição migratória, podendo aparecer um conjunto de sintomas psíquicos e somáticos que se delimitam no âmbito da saúde mental.

As angústias que podem surgir pouco depois do período inicial são do tipo persecutório, confusional e depressivo, mas com grandes variações na intensidade, durabilidade e evolução.

Existem sete tipos de luto no processo migratório:

1. o da família e dos entes queridos,
2. o da língua,
3. o da cultura,
4. o da terra,
5. o do *status* social,
6. o do contato com o grupo de pertencimento,
7. o dos riscos para a integridade física.

O autor define três os tipos de elaboração do luto presentes no processo migratório:

1. o luto simples – pode ser elaborado e se dá em boas condições,
2. o luto complicado - existem sérias dificuldades de elaboração da experiência migratória,
3. o luto extremo - não pode ser elaborado. Supera as capacidades de adaptação do sujeito e é nesse estágio que se instaura a Síndrome do imigrante com estresse crônico ou múltiplo/Síndrome de Ulisses.

Grimberg e Grimberg (1984) nos mostram que só uma boa relação com os objetos internos (aprendizados familiares e da cultura), a aceitação das perdas e a elaboração dos lutos permitirão ao migrante integrar de maneira discriminada os dois países, os dois tempos e os dois grupos, o de antes e o atual. Somente desse modo é possível reorganizar e consolidar o sentimento de identidade, como a manutenção da integração subjetiva apesar das mudanças existentes.

O imigrante, quando em estado de choque entre os valores culturais do seu país de origem e a do país que o acolhe, sofre um estado confusional e de tensão, gerando nesse imigrante um mundo de incertezas.

Achotegui (2000) define os estressores da Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo. São eles:

- A solidão – separação forçada da família e dos seres queridos:

Achotegui mostra que o luto é sentido intensamente quando se deixam no país de origem filhos pequenos, pais com idade avançada ou acometidos de alguma doença. O imigrante também não quer voltar carregando o fracasso de seu processo migratório. Essa situação é comum também àqueles que possuem documentos, pois existem imigrantes documentados que não podem trazer seus familiares porque não possuem os requisitos econômicos básicos para o reagrupamento familiar.

Psicologicamente, a solidão forçada provoca um grande sofrimento, principalmente à noite, quando afloram as recordações, as necessidades afetivas, os medos, provocando um vazio afetivo. Um luto que tem relação direta com os vínculos e o apego, com a dor que as separações produzem. Cojocarú (2003) reflete sobre a necessidade de se recriar o perdido, a família, os amigos, pois além do processo de luto que envolve tal atividade mental existe um exercício de esperança, pois a pessoa precisa fazer algo para si, necessita aculturar-se no

mundo simbólico da nova linguagem e da nova cultura.

- O luto pelo fracasso do projeto migratório:
Para Achotegui (2000), sentimento de desesperança e fracasso quando o imigrante não tem as mínimas possibilidades de seguir adiante, de ter acesso aos documentos, ao mercado de trabalho, muitas vezes encontrando-se em situação de exploração. O fracasso em solidão é sentido de modo muito mais intenso.
- A luta pela sobrevivência:
A alimentação – os imigrantes em geral se alimentam mal. As diferenças culturais são evidentes na oferta de alimentos e também no seu custo. Isso pode ser um sinal claro de desadaptação.
A moradia – no caso daqueles que sofrem com a exploração e os não-documentados, as condições de moradia são extremamente precárias.
- O medo:
O sentimento de medo decorre, em outras razões, da condição irregular que muitas vezes o imigrante está submetido. Essa irregularidade propicia ao sujeito uma espécie de integração perversa a redes “frias” de sociabilidade. Medo pelos perigos físicos relacionados à viagem migratória, coerção das máfias, prostituição, medo de detenção e expulsão e abusos. A irregularidade suprime as garantias sociais e o direito à cidadania.

A solidão, o fracasso na obtenção dos próprios objetivos, as experiências de carência extremas e o terror são a base psicológica e psicossocial da Síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo (Síndrome de Ulisses).

Existem fatores que potencializam o efeito dos estressores, tais como: a multiplicidade de estressores, a cronicidade, a intensidade, a ausência de sensação de controle, a ausência de uma rede de apoio. O quadro se caracteriza quando a pessoa começa a ter uma série de sintomas e as forças de seguir lutando começam a falhar. Os sintomas descritos por Achotegui (2000) são:

- 1) Na área da depressão: tristeza, choro, culpa e ideias de morte (apesar de não ser frequente).
- 2) Na área da ansiedade: tensão e nervosismo, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade e insônia.

- 3) Na área da somatização: cefaleias (ligada ao mecanismo defensivo da negação), fadiga, somatizações do tipo osteomuscular, abdominais e torácicas.
- 4) Na área confusional: falhas de memória, de atenção, desorientação física e temporal. A confusão pode estar ligada ao fato de ter que se esconder, fazer-se invisíveis, para não serem presos ou deportados. Na situação de migração extrema favorece a confusão a existência de muitas mentiras e fabulações nas relações familiares. Tanto os imigrantes como os familiares evitam explicar os problemas que vão surgindo, potenciando a confusão e a desconfiança.

Os imigrantes não sofrem propriamente de uma doença mental, mas sim de uma série de sintomas provocados pelos estressores acima discutidos. Se a situação em relação aos estressores não se resolve, existe o risco que se desenvolva uma doença mental. Delimitar e denominar a Síndrome de Ulisses contribui a evitar que essas pessoas sejam incorretamente diagnosticadas como depressivos ou psicóticos e possam receber um tratamento adequado no âmbito psicossocial.

Parkes (1998), psiquiatra britânico, considerou a influência de ordem social e cultural no processo de elaboração da perda. Conceitos esses que são úteis para compreender a situação da imigração, dado que nela está implícita a situação de perda imposta, porém diferente do luto por morte de alguém, o que implica na possibilidade de refazer a vida. Para Parkes (1998), os estudos antropológicos sobre funerais e costumes manifestados no período do luto interessam, tanto para mostrar a universalidade do luto, quanto para indicar as variações de uma sociedade para outra.

Esse pesquisador trouxe contribuições significativas, entre tantas outras, para o entendimento das relações entre desenvolvimento psíquico, trauma, doença mental e luto a partir de seu conhecimento e vasta experiência em Psiquiatria.

Podemos citar também a contribuição de Walsh e McGoldrick (1998), com o estudo sobre a perda nos diferentes estágios do ciclo de vida familiar para vários membros e para a família, como uma unidade funcional, à luz da teoria familiar sistêmica.

Para as autoras, os eventos que se relacionam com a morte podem ser entendidos como transições normativas no ciclo de vida familiar, potencialmente promotores de crescimento e desenvolvimento, ou geradores de perturbações momentâneas ou disfunções a longo prazo.

Analisando a experiência de perda a partir de uma visão sistêmica, pode-se compreender as extensas ramificações de uma morte em família em todo o sistema de relações, dando especial atenção ao legado familiar multigeracional de perda.

O desafio do luto é aprender a conviver com a ausência e encontrar um novo sentido à existência. O luto é um processo pessoal ligado ao vínculo de intimidade que existe com objeto de perda. O luto nos dá a oportunidade de reconstruir o mundo pessoal de significados que foram interrogados pela perda. Ele nos permite começar a contar uma nova história, que nos dará a possibilidade de recriar um novo capítulo, que construirá um elo entre o passado e presente buscando dar continuidade num futuro.

Walsh (2005) fala sobre a morte na família e a superação do luto; os esforços terapêuticos estão justamente entre o luto e a adaptação positiva; a família sofre perdas profundas; os membros podem também ganhar forças e novas habilidades: por exemplo, após o divórcio, um pai que não mora mais com os filhos pode tornar-se mais próximo, mais atencioso e dedicado com as crianças quando passa o seu tempo com elas, visto que, antes do divórcio, ele teve um papel mais tradicional como o arrimo da família, enquanto que a mãe era a protetora, e a casa era preenchida pelo conflito matrimonial. Isto não significa que nós incentivamos o divórcio; significa que, quando nós trabalhamos com uma família em uma situação de divórcio, nós podemos ajudar pais a fortalecerem suas ligações com suas crianças, apesar da perda dolorosa da união e da unidade intacta da família.

2.9.2. Fatores de **Proteção**

Em contraposição aos fatores estressores, o imigrante pode vir a dispor a seu favor de fatores protetivos. Numa rápida abordagem, podem ser mencionados: nível educacional do imigrante; seu status social/ ocupacional; a rede de apoio na qual está inserido; suas crenças e valores, vinculados ao seu processo íntimo de fé e esperança; e círculos de amizades que venha a desenvolver fora da sua rede de apoio.

Berry (2002) justifica que a educação é um recurso pessoal em si mesmo, a análise e a resolução de problemas treinadas na educação formal contribuem para uma melhor adaptação. Assim, o nível elevado de educação é fator de proteção para uma adaptação positiva, pois diminui o estresse.

O *status* ocupacional e a rede de apoio favorecem uma boa adaptação. Por outro lado, grandes distâncias culturais implicam na necessidade de grandes desprendimentos reaprendizagem culturais, podendo trazer conflitos ininterruptos e levar a dificuldades adaptativas.

Aprendizagem cultural implica em desaprender um repertório, que não é mais apropriado, aprendendo um novo que seja compatível com novo contexto social e cultural.

2.10. Resiliência Familiar

A resiliência familiar nasceu do próprio conceito de resiliência para indivíduos. As famílias como as pessoas também podem vivenciar esse processo, no sentido de terem de lidar com os desafios (Patterson, 2002). Nesse caso, a unidade de análise passa a ser a família, e não mais os indivíduos isoladamente (DeHaan, Hawley e Deal, 2012; Walsh, 2003; 2006). A premissa básica desse entendimento sistêmico é a de crises severas e adversidades persistentes têm impacto na família como um todo. Assim os processos familiares seriam mediadores do desenvolvimento saudável de todos os seus membros e da unidade familiar (Walsh, 2012). Há dois fatores essenciais para a consolidação da resiliência aplicada às famílias: a teoria sistêmica – que compreende o indivíduo como parte de uma rede com influências recíprocas; e a teoria de estresse e seus desdobramentos (Souza, 2009). Nesse sentido, a resiliência familiar busca por um olhar sobre os aspectos sadios das famílias em contraponto às preocupações exclusivas sobre seus desajustes (Antonovsky e Sourani, 1988). Um trabalho orientado para essa resiliência tem o foco nas forças da família, compreendendo que o sucesso de uma intervenção depende mais dos recursos familiares do que das técnicas do terapeuta (Walsh, 2012).

Os primeiros achados deram ênfase a uma tipologia das famílias, demarcando rótulos e entendendo que algumas seriam mais resilientes que outras (McCubbin e McCubbin, 1988).

Segundo Walsh (1998, 2005), o que distingue uma família de outra é a maneira como ela enfrenta as dificuldades e a sua competência para resolvê-las. As crises podem estimular o sistema familiar a desenvolver habilidades e recursos. Na concepção de Walsh, os piores tempos podem ser os melhores, o que significa que se aprende através das adversidades e que todos os seres humanos podem crescer existencialmente com as crises e conflitos, caso existam condições básicas (físicas, emocionais e ambientais) e suficientes para tal.

A família tem sido um recurso negligenciado nas intervenções que visam a estimular as possibilidades de resiliência em crianças e adultos e em seus ambientes. Segundo Walsh (2003, 2005) os processos familiares podem atuar como estímulos à resiliência ou à vulnerabilidade de seus membros em momentos de crise. No entanto, não é apenas a família que deve ser levada em conta, pois os recursos dos diferentes contextos associados ao sistema familiar são o que poderão compor "forças ou fraquezas" que afetarão a adaptação do indivíduo, podendo aumentar ou diminuir o impacto de fatores de risco.

Para Walsh (2004), Resiliência Familiar é ter forças mesmo submetido ao estresse. É ter a habilidade de se recuperar - e crescer, sair mais forte - das crises da vida e de uma

prolongada adversidade. Mais do que simplesmente lidar com a adversidade e se adaptar, a resiliência envolve o crescimento positivo para além do sofrimento e do esforço.

Walsh (2003) coloca que não há nenhum “modelo” de resiliência familiar. As famílias têm recursos variados, que devem organizar para se deparar com diferentes tipos de desafios da vida (uma crise, um trauma ou uma perda), com as transições destrutivas (por exemplo, uma migração ou um divórcio), ou com estresses crônicos, tais como uma doença, ou a inabilidade séria, e com condições de pobreza.

Pode-se identificar os processos-chave, tais como, a confiança entre os membros da família, a espiritualidade forte, a sustentação mútua, uma comunicação aberta e o espírito colaborativo para a solução dos problemas. Walsh (2007) enfoca processos-chave, que os terapeutas possam se utilizar para fortalecer a resiliência da família.

É sabido que algumas famílias têm mais vulnerabilidades e fatores de risco do que outras, por exemplo, pobreza e circunstâncias múltiplas de estresse, e não podem alcançar um “ideal” de sucesso. Contudo, a pesquisa conduzida por Walsh (2007) sugere que todas as famílias têm a capacidade de aumentar sua resiliência assim que se tornam mais fortes, com mais capacidade de suportar as adversidades e de enfrentar os desafios da vida.

Para Walsh (2007), os sistemas de confiança da família são a mais poderosa influência para a resiliência. Os processos chave incluem:

- 1) famílias que se ajudam têm maiores condições de enfrentarem situações adversas, produzindo significado às experiências vividas;
- 2) pela ajuda, elas superam o desespero para retomar a esperança e a confiança que ajudam a conquistar seus objetivos com esforço e persistência;
- 3) através da espiritualidade, envolvendo a fé e as práticas espirituais, todos têm como suporte a sua força e oferecem o conforto e a solidariedade em épocas difíceis.

Para Walsh (2005), o termo resiliência em família refere-se aos processos de enfrentamento e adaptação da família como uma unidade funcional. A autora (2005), defende uma perspectiva sistêmica que nos permite compreender como processos familiares interferem no estresse e permitem à família superar a crise, além de enfrentar dificuldades prolongadas.

A autora, organizou seus conhecimentos nesta área apresentando um panorama conceitual dentro de três domínios, com o objetivo de compreender os processos chave que fortalecem a habilidade da família para solucionar com sucesso as crises ou estresses prolongados. Processos chave foram organizados em três áreas e ampliados por Souza (2003).

- Padrões de organização, a flexibilidade na família refere-se à existência de padrões de interação e regras consistentes, com uma certa estabilidade e rotina previsível, que

garanta a confiabilidade. Desse processo também faz parte importante os rituais com o objetivo de manter a sensação de continuidade através do tempo, e que também são interações facilitadoras na transição de um ciclo para o outro e que também auxiliam nas transformações em relação a perdas ou em mudanças inesperadas. É certo que muitas vezes papéis e regras são renegociados de acordo com as necessidades; respeitando a autonomia dos membros da família, por meio de hierarquias e fronteiras bem estabelecidas. A liderança familiar ocorre de forma firme o suficiente para proteger e orientar demais membros e compartilhar quando possível. No tocante aos arranjos familiares, acomodados de maneira atender às demandas familiares e extrafamiliares.

- Padrões de comunicação entre membros da família; bem como buscar informações fora ou com profissionais na comunidade, tem seu efeito benéfico em situações de estresse, e em decorrência desta ação, vem contribuir não só para clarificar como auxilia na construção do significado; desta forma a família constrói sua realidade. Desta forma solucionar problemas de forma colaborativa envolve: reconhecimento da existência do problema, reconhecimento da importância e da possibilidade de resolução do problema, a troca de ideias e tipo de negociações, até a tomada de ações efetivas. Um outro aspecto importante para que haja harmonia nessa negociação familiar; é o grau de afinidade entre os membros da família, devendo ser estimulada como forma de convivência e boa comunicação.
- Sistemas de Crenças - partindo da crença de que o significado da adversidade é socialmente construído, então, quando a família compartilha seus pensamentos e sentimentos sobre determinada situação, ela reconstrói um novo significado e pode enfrentar a crise por meio da elaboração mútua. Segundo Walsh (1998), as crenças e significados são expressos nas histórias e narrativas que contamos. Essas histórias transformam-se, quando são contadas e recontadas, permitindo a apreensão da mudança de significado de um evento. Segundo a autora, cada vez que contamos nossas histórias, revelamos alguns segredos, os quais possibilitam que nossa vida se torne mais clara e se abra para novas possibilidades. O compartilhamento de histórias e rituais é um poderoso recurso de resiliência, por permitir que se mantenha viva a identidade de um povo em uma outra cultura, principalmente quando essas pessoas estão afastadas de seu país, ou vivências anteriores, como ocorre com os imigrantes. Em situações de transição, se faz necessário manter alguma conexão com raízes ou vivências anteriores, evitando o rompimento abrupto e a vulnerabilidade. As histórias são alternativas para as pessoas manterem os vínculos com suas origens. A busca de relacionamento com

pessoas que possam ter alguma conexão com as raízes, ou algo em comum, são recursos par continuar mantendo os rituais e histórias vivos.

Para a autora, além desses processos-chave, não há nenhum "modelo" estático de resiliência familiar. As famílias têm recursos variados, que as mesmas organizam, cada qual a seu modo, quando se deparam com diferentes tipos de particularidades da vida (conflitos familiares, trauma, perdas); com as transições destrutivas (por exemplo, uma migração forçada ou uma inabilidade séria ou a situação de extrema pobreza.

Podem ser identificados outros processos-chave, tais como: a confiança entre os membros da família, a espiritualidade forte, a sustentação mútua, a comunicação clara e transparente e o espírito colaborativo para a solução dos problemas.

A fim de tornar mais clara a conceituação e evolução da Resiliência, estão resumidos em quadros, tabelas e diagramas os vários itens discutidos nas páginas anteriores, visando contribuir para uma apreensão mais global dos diferentes aportes sobre o tema;

- 2 Conceitos de Resiliência, Fatores de Risco e Proteção (Segundo vários Pesquisadores)
- 3 Processos-Chave da Resiliência em Famílias
- 4 Entendimento de Resiliência Através da Física
- 5 Principais Pesquisadores sobre Resiliência
- 6 A Teia de Riscos
- 7 Primeira Geração de Pesquisadores sobre Resiliência - 1970
- 8 Segunda Geração de Pesquisadores sobre Resiliência - 1990
- 9 Revisão de Resiliência, segundo Fantanova e Ojeda

CONCEITOS DE RESILIÊNCIA, FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO (SEGUNDO VÁRIOS PESQUISADORES)

- (Flach, 1991; Grotberg, 2005; Murphy, 1987; Walsh, 1998/2005), a resiliência é um fenômeno relacionado à resistência ao estresse e, sendo assim, são escolhidos como sujeitos de pesquisa pessoas que não se abalaram em situações adversas e demonstram o que eles chamam de competência. A noção de adaptação, em sentido de ajustamento social, está inserida nessa concepção
- Kotliarenco, Alvarez e Cáceres (1995) os fatores de proteção seriam as características ambientais e/ou individuais que atenuam ou reforçam aos indivíduos para que estejam sob efeitos negativos do meio.
- Rutter (1995, 1997), ➔ Resiliência como a capacidade do indivíduo de construir estratégias de enfrentamento e de ser capaz de agir positivamente diante das adversidades, de maneira a manter a autoestima e a confiança em suas capacidades e habilidades de se adaptar de forma adequada ao ambiente.
- Gergen, (1997, 1999); Spink, (1999) ➔ Resiliência também tem sua abordagem no construcionismo social, o qual pode ser contextualizado e entendido à luz da comunidade e das relações nas quais o indivíduo está inserido, podendo ser entendido como um processo da interação social que acontece entre pessoas.
- Ralha-Simões (2001) ➔ Resiliência como uma especificidade estrutural do desenvolvimento psicológico, que se traduz na capacidade que determinadas pessoas, grupos ou instituições possuem para evitar, enfrentar ou mesmo ultrapassar os efeitos desestruturantes que seriam esperados devido à exposição a certas experiências.
- Placco (2001) ➔ Resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, apresentando uma atitude otimista, positiva, perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico no decorrer e após a adversidade.
- Cyrulnik (2001) ➔ Resiliência é um processo íntimo que se integra a um processo social. É associada à figura da "mola", pela capacidade de se modificar frente a um impacto e retornar à estabilidade, e a um "tecido", que se configura no espaço entre a pessoa e seu entorno social, como um mosaico de pano que vai sendo tecido.
- Yunes e Szymanski (2001) ➔ Resiliência definida como processos de superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações.
- Lisboa; Koller; Ribas; Bitencourt; Oliveira; Porciúncula e Marchi, (2002) ➔ Coping tem sido associado ao ajustamento social e à saúde.

- Silva, (2003) ➔ Resiliência refere-se à capacidade dos seres humanos de enfrentar e responder de forma positiva às experiências que possuem elevado potencial de risco para a saúde e desenvolvimento do indivíduo.
- Junqueira e Deslandes (2003) ➔ Resiliência como a capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade não sucumbindo a ela, alertando para a necessidade de relativizar, em função do indivíduo e do contexto, o aspecto de "superação" de eventos potencialmente estressores.
- (Walsh 2003) ➔ Processo de resiliência vai além do enfrentamento, incluindo o aprendizado com a situação de crise passada, a integração de sua experiência, seja pessoal, familiar ou social, e o retorno desse aprendizado à comunidade; é um processo que pressupõe a existência de fatores de risco e proteção.
- Pinheiro (2004) ➔ palavra resiliência a partir de sua origem etimológica: do latim *resiliens*, saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper.
- Melillo et al. (2005) ➔ Diferentes definições de resiliência enfatizam características do sujeito resiliente: habilidade, adaptabilidade, baixa suscetibilidade, enfrentamento efetivo, capacidade, resistência à destruição, condutas vitais positivas, temperamento especial e habilidades cognitivas, todas desenvolvidas durante situações vitais adversas e estressantes.
- Grotberg (2005) detalhou oito novos enfoques e descobertas obtidas a partir do conceito de resiliência e define o que acontece atualmente na área do desenvolvimento humano.
 1. Resiliência está ligada ao desenvolvimento e ao crescimento humano, englobando diferenças etárias e de gênero.
 2. A promoção de fatores de resiliência e de condutas resilientes requerem diferentes estratégias.
 3. Nível socioeconômico e a resiliência não estão relacionados.
 4. Resiliência é diferente dos fatores de risco e proteção.
 5. Resiliência pode ser medida e é parte da saúde mental e da qualidade de vida.
 6. Diferenças culturais diminuem quando os adultos valorizam novas ideias para o desenvolvimento humano.
 7. Prevenção e promoção são alguns conceitos relacionados à resiliência.
 8. Resiliência é um processo, ou seja, há fatores de resiliência, comportamentos resilientes e resultados resiliente
- Polleto e Koller (2006) ➔ Fatores de proteção são aqueles que, numa trajetória de risco, modificam o rumo da vida do sujeito para um final mais adaptado.
- Santos e Dell'Aglia, (2006) ➔ Vulnerabilidade associada a condições de baixa autoestima, traços de personalidade e distúrbios psíquicos; também, a condições externas como práticas educativas familiares ineficazes, desemprego, pobreza e dificuldade de acesso a saúde.

Processos-Chave da Resiliência em Famílias

Sistema de crenças (o coração e a alma da resiliência)	Atribuir sentido à adversidade	Visão das bases relacionais da resiliência <i>versus</i> bases individualistas. Normalizar/contextualizar a adversidade e o estresse. Senso de coerência. Crises como desafios significantes, compreensíveis e administráveis. Atribuir causas e explicações: como isso pôde acontecer? O que pode ser feito?
	Olhar positivo	Esperança e otimismo: confiança na superação das adversidades. Coragem e encorajamento; afirmar forças; focar nos potenciais. Iniciativa (ação) e perseverança (espírito de poder fazer). Confrontar o que é possível; aceitar o que não pode ser mudado.
	Transcendência e espiritualidade	Amplios valores, propostas e objetivos de vida. Espiritualidade: fé, comunhão e rituais curativos. Inspiração: visualiza sonhos, novas possibilidades, apresenta expressão criativa e ação social. Transformação: aprende, muda e cresce com as adversidades.
Padrões de organização	Flexibilidade	Abertura para mudanças: reformular, reorganizar e adaptar-se aos novos desafios. Estabilidade: sentido de continuidade e acompanhamento de rotinas. Forte liderança: prover, cuidar, proteger e guiar Formas familiares variadas: parentalidade cooperativa/equipes de cuidado. Casais/relação coparental: igualdade na parceria.
	Coesão	Apoio mútuo, colaboração e compromisso. Respeito às diferenças, necessidades e limites individuais Busca de reconciliação e reunião em casos de relacionamentos familiares conflituosos
	Recursos sociais e econômicos	Mobilização da família extensa e da rede de apoio social. Busca de modelos e mentores. Construção de segurança financeira: equilíbrio entre trabalho e exigência
Processos de comunicação	Clareza	Mensagens claras e consistentes (palavras e ações) Esclarecimentos de informações ambíguas Busca-se a verdade/Fala-se a verdade
	Expressões emocionais "abertas"	Sentimentos variados são compartilhados (felicidade e dor; esperança e medo). Empatia nas relações: tolerância das diferenças Responsabilidade pelos próprios sentimentos e comportamentos, sem busca do "culpado" Interações prazerosas e bem-humoradas
	Colaboração na solução de problemas	"Explosão das ideias" com criatividade Tomada de decisões compartilhada: negociação, reciprocidade e justiça Foco nos objetivos: dar passos concretos; aprender com os erros Postura pró-ativa: prevenção de problemas, resolução de crises, preparação para futuros desafios.

Quadro 1 – Processos propostos por Yunes
Fonte: Yunes (2006)

ENTENDIMENTO DE RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÍSICA

Assis e cols., 2006; Balancieri, 2007; Couto-Oliveira, 2007; Junqueira e Deslandes, 2003; Libório, Castro, e Coelho, 2006; Poletto, 2007; Poletto e Koller, 2006, 2008; Souza e Cervený, 2006a, 2006b; Trombetta e Guzzo, 2002; Yunes, 2003; Yunes, Mendes, e Albuquerque, 2005; Yunes e Szymanski, 2001, entre outros.

Vários autores da psicologia apontam para a origem do termo e do conceito de resiliência como proveniente da Resistência dos Materiais – um ramo da ciência Física.

Nas Ciências Exatas, o termo integra os estudos sobre resistência dos materiais e já era usado desde...

- a) 1807 - Inglês Thomas Young (em obra publicada) introduz pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade.
- b) Nessa obra, Young aborda resiliência ao apresentar uma discussão sobre fraturas de corpos elásticos.

Concepção de resiliência na Psicologia: capacidade para se recuperar de abalos (impactos) sofridos ou de se abalar e voltar ao que se era antes do abalo.

Essa concepção tem mais a ver com o conceito físico da elasticidade do que propriamente de resiliência.

Diagrama 1

PRINCIPAIS PESQUISADORES SOBRE RESILIÊNCIA

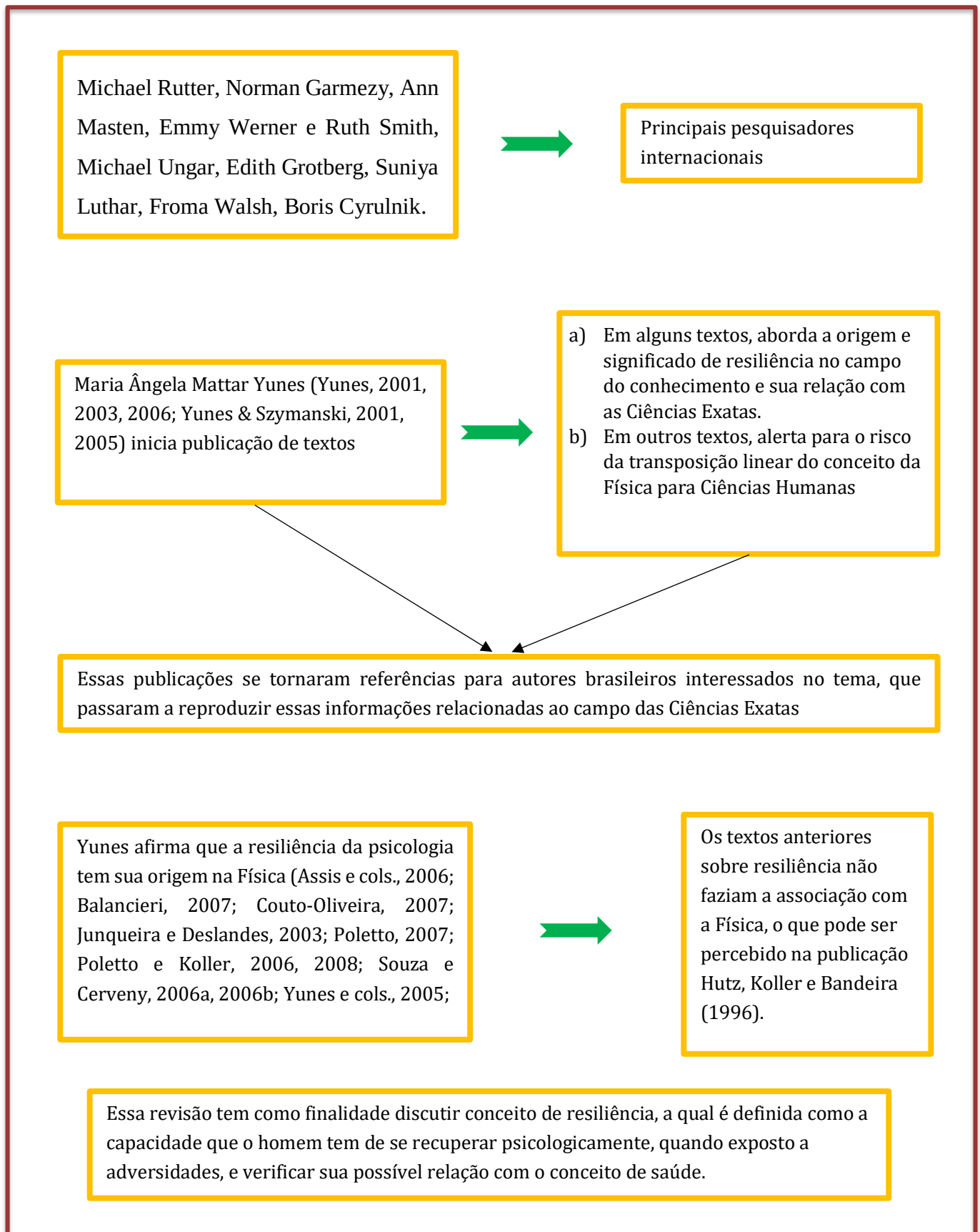


Diagrama 2

A TEIA DE RISCOS



Diagrama 3

PRIMEIRA GERAÇÃO DE PESQUISADORES SOBRE RESILIÊNCIA

1970

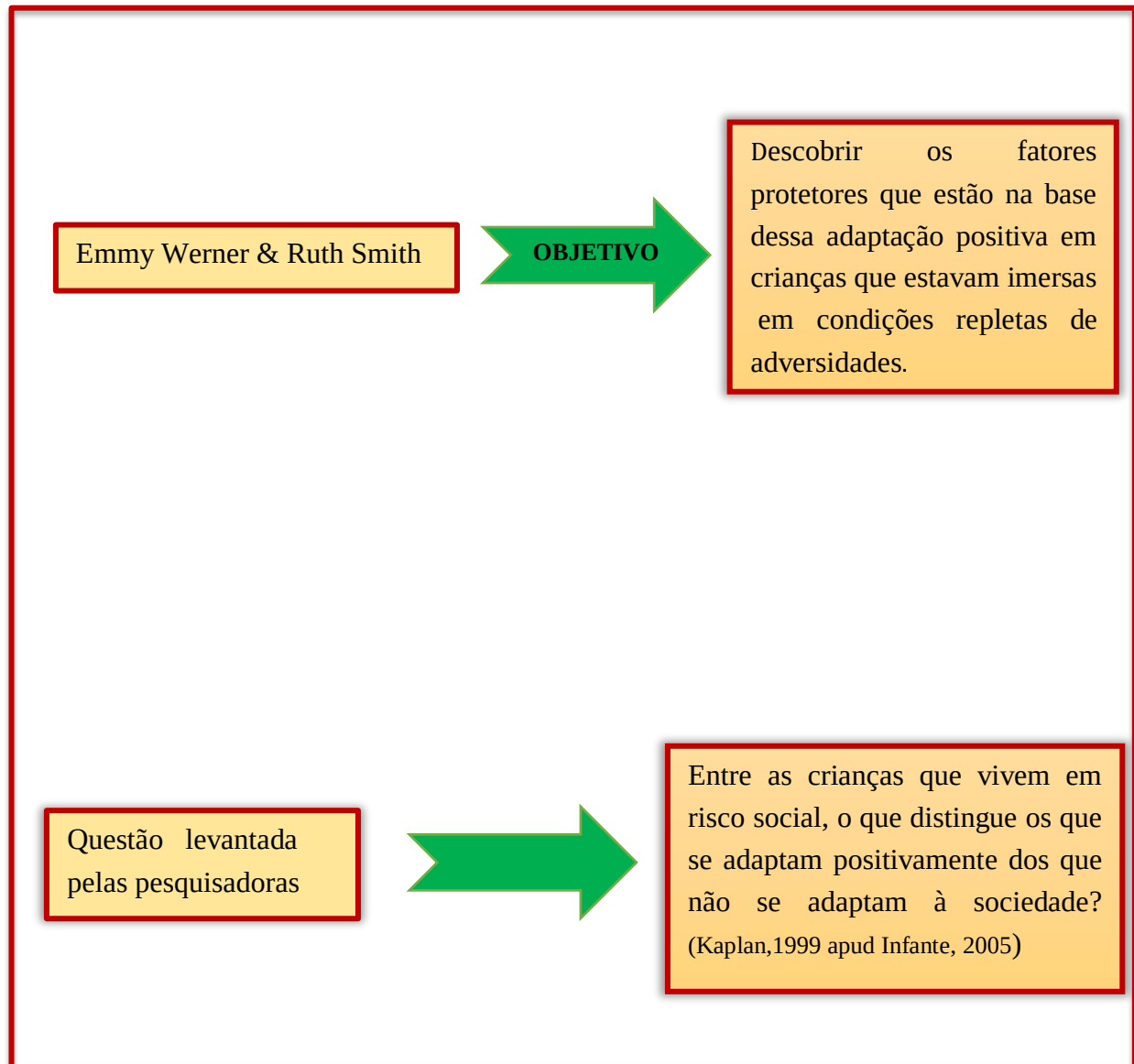


Diagrama 4

SEGUNDA GERAÇÃO DE PESQUISADORES SOBRE RESILIÊNCIA

1990

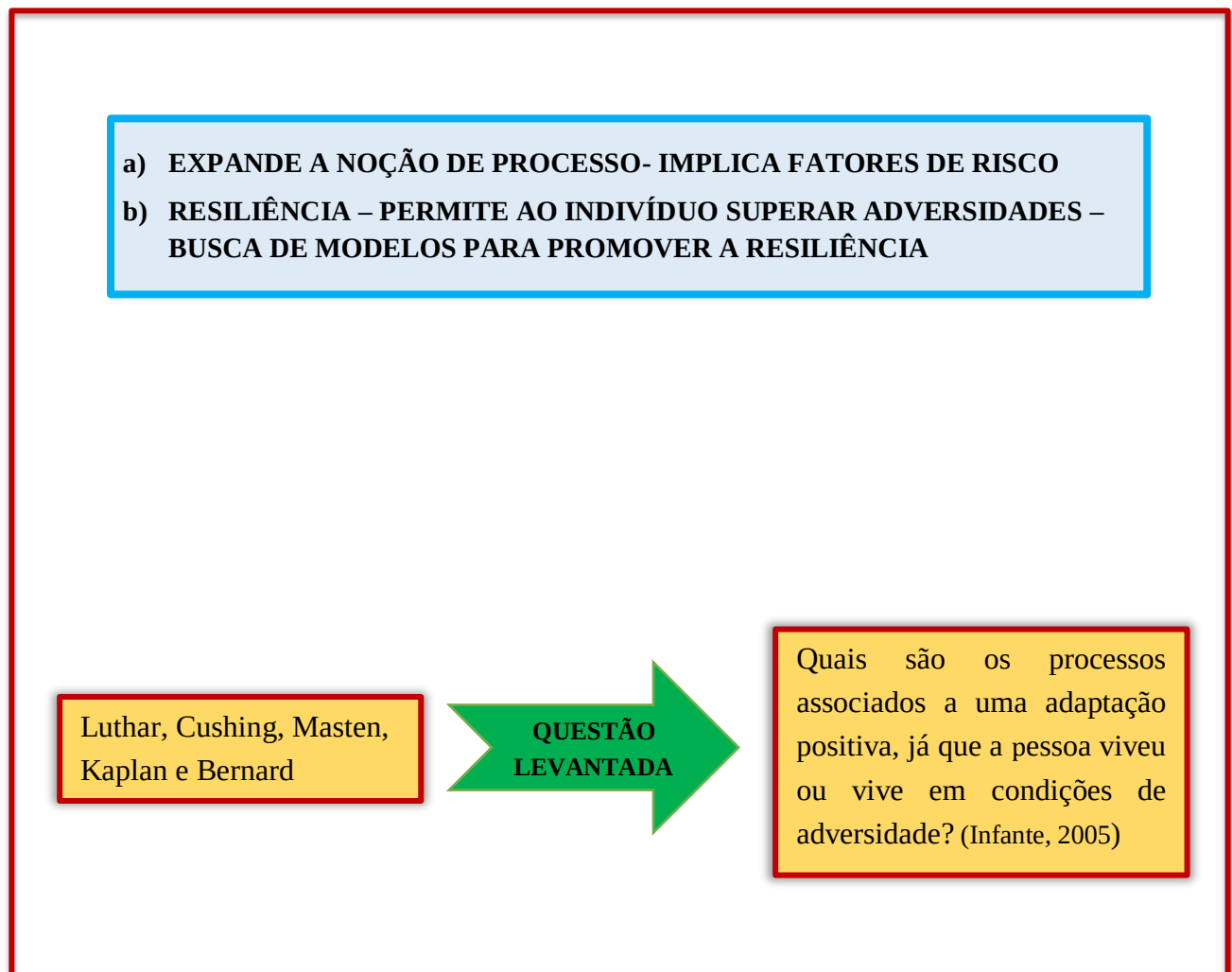


Diagrama 5

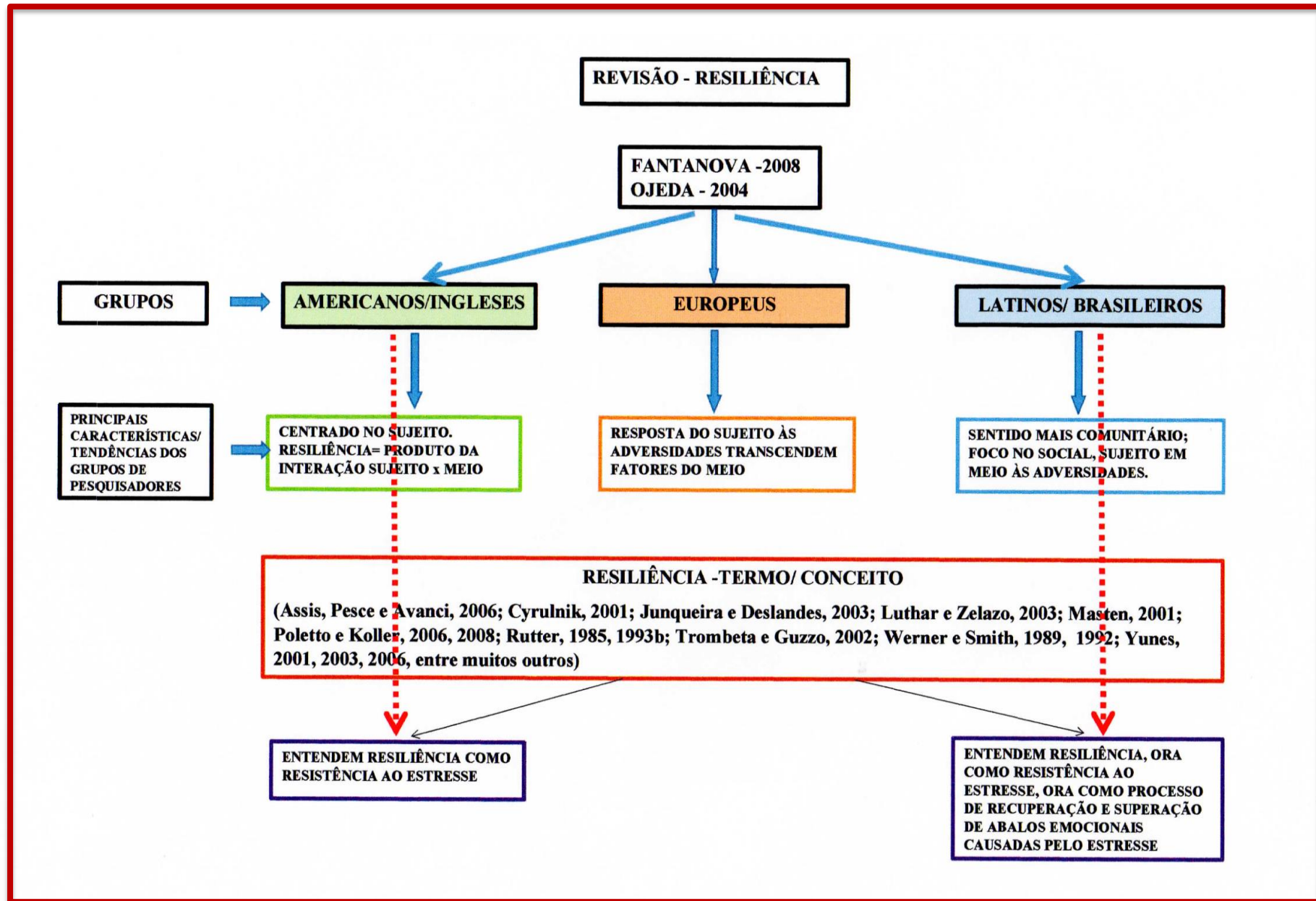


Diagrama 6 – Revisão de Resiliência, segundo Fantanova e Ojeda

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Esta dissertação aborda aspectos relativos à resiliência, analisada no contexto da imigração sírio-libanesa, quando foram levantadas as situações de enfrentamentos, as razões e motivações que fizeram com que os imigrantes tomassem a decisão de levar a efeito essa ação de enorme magnitude e consequências à sua história de vida.

3.2 Objetivos Específicos

- Analisar os desafios enfrentados, de acordo com a forma de organização, processos comunicacionais, sistemas de crenças e valores em seu cotidiano.
- Analisar recursos e fatores protetores utilizados pelas famílias para seu fortalecimento.

4. MÉTODO

A vida cotidiana é caracterizada como o lugar de negociações entre os seres humanos. A interface entre a natureza humana e a nova cultura onde o imigrante se instalará se dá através de processos de construção e reconstrução no cotidiano; esse processo possibilita o surgimento das reflexões geradoras de narrativas que fazem parte das histórias de vida. Nessa concepção as histórias de vida não falam sozinhas, sendo necessário enquadrá-las no contexto em que se desenvolvem, ou seja, avaliar todo um conjunto de significações que formam o cotidiano. Porém as histórias não só organizam a experiência vivida, mas determinam a que eventos damos destaque em detrimento de tantos outros que deixamos passar.

4.1 A Escolha do Método

Trata-se de uma pesquisa Qualitativa Interpretativa, cujo instrumento utilizado foi a História de Vida. A investigação se pautou em um estudo de caso, permitindo melhor compreensão dos significados específicos de construção e constituição da realidade (Bruner, 1991); desta maneira, identificar como as pessoas dão sentido às suas experiências a partir de referências pessoais, familiares, sociais, culturais, incluindo também os aspectos transgeracionais. O estudo identificou os momentos em que o processo de resiliência ficou claramente estabelecido nas histórias das famílias pesquisadas. Bosi (2003), cita a importância e a riqueza de trabalhar com histórias de vida onde a memória está sendo sempre ativada, dando a possibilidade de entender de que lugar, tempo, espaço o entrevistado fala. A construção da história é feita mediante entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com a finalidade de promover o registro e o uso das mesmas. Meihy, (2005).

A pesquisa analisou o processo da imigração sírio-libanesa e seus impactos.

- Aspectos estressores, dificuldades na língua local, na construção de redes de apoio e repercussões emocionais.
- Avaliação da Resiliência diante da condição imposta pela nova cultura, pela análise das estratégias de enfrentamento das situações vividas identificadas nas histórias.

4.2 Participantes

Foram participantes desta pesquisa chefes de duas famílias de imigrantes sírio-libanesas e seus descendentes de segunda geração; que imigraram para o Brasil, com mais de 40 anos, e os filhos descendentes de segunda geração, moradores na cidade de São Paulo. Esses participantes demonstraram interesse em falar de suas histórias familiares. Não houve restrição quanto ao nível socioeconômico ou grau de instrução, como critério de elegibilidade. O contato com os interessados em participar da pesquisa foi feito por meio de amigos comuns. É importante destacar que essas pessoas demonstraram grande satisfação em participar do processo, pois constituiu oportunidade especial de poderem falar sobre imigração e também contar suas histórias.

4.3 Instrumentos

A utilização da História de Vida como abordagem metodológica vem evoluindo continuamente. Foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais.

Essa metodologia foi de fundamental importância para coleta de dados, como já citado acima. Foi desenvolvido um roteiro de trabalho para permitir a sistematização das informações, e que estivesse em sintonia com os objetivos e questões da pesquisa. Após o aceite do entrevistado, deu-se início às entrevistas, que se desenvolveram em linguagem flexível, adequando-se ao vocabulário do entrevistado. Na condução das conversas, foi dada maior importância às histórias e trajetórias de vida dos entrevistados. Após a coleta de todos os dados, foram cruzadas as informações do roteiro individual, referente à biografia e ao processo de migração do entrevistado, com o roteiro geral, referente à história da comunidade, país, grupo étnico ou social. Desta forma, observou-se que o entrevistado expunha suas memórias de forma espontânea, sem qualquer ato de pressão sobre o mesmo que pudesse impedir maior flexibilidade na condução das entrevistas e na construção da narrativa.

As entrevistas foram conduzidas tendo por orientação de dois questionários, cujas perguntas eram apresentadas gradativamente ao entrevistado. Porém, não houve uma

obediência rígida aos mesmos, uma vez que o entrevistado, ao se sentir à vontade e mais descontraído, relatava suas histórias de forma natural e espontânea.

Durante as entrevistas, buscou-se manter observação detalhada do processo. Havia a preocupação de respeitar a figura do entrevistado, mediante o estabelecimento de relação de alteridade e respeito, que pudesse resultar em diálogo sincero e consistente com o mesmo. Buscou-se interferir o mínimo possível nas entrevistas, pois melhores resultados são alcançados quando menos for a interferência nas mesmas; portanto, é fundamental deixar fluir, evitando questionamentos rígidos, que possam interromper a narrativa. Respeitar os momentos de silêncio e esquecimento são tão importantes quanto as narrativas.

Considerar as possibilidades e os limites do entrevistado como determinantes para o ritmo da entrevista é ter respeito e ter uma atitude amorosa. Considerar também que as lembranças são construções do presente sobre o passado. Outra observação importante é no que se refere a perguntas longas e indiretas, que devem ser evitadas, por gerarem tensão.

Deve-se realizar a entrevista em local no qual o entrevistado se sinta bem, buscando-se assim criar uma relação de confiança.

4.4 Procedimento

É uma amostra de conveniência. O convite foi feito pessoalmente às pessoas que satisfizeram os critérios de elegibilidade apontados, a fim de colher as informações necessárias. Os procedimentos da pesquisa com as famílias estudadas estão de acordo com a lei 466/12 e tendo sido o projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, e posteriormente, uma vez aceito o convite, foi apresentado o termo TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), de acordo com a mesma lei citada acima. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo para construção de categorias temáticas. Para análise das mesmas foi aplicada a técnica de História Oral – História de Vida, de Meihy (2005).

4.4.1 Fases do Procedimento

Logo após as indicações feitas, o contato telefônico como porta de entrada foi de fundamental importância e ao mesmo tempo facilitador para o contato face a face posteriormente.

Os encontros foram programados de acordo com as disponibilidades das famílias e realizados conforme a conveniência das mesmas, ou seja, em suas residências. O tempo de entrevista variou de acordo com a necessidade de cada participante. Em média girou em torno de aproximadamente de 2h (duas horas). Ficou acordado inicialmente uma entrevista deixando em aberto a possibilidade de quantos encontros fossem necessários. As histórias foram gravadas para posterior análise. Após transcrição foram apresentadas aos participantes para sua validação, permitindo a inclusão ou exclusão de algum trecho que o participante desejasse, tendo em vista a intimidade dos dados apresentados.

Realizadas as entrevistas com imigrantes de 1ª geração e posteriormente os de 2ª geração; as transcrições foram feitas e posteriormente leitura e correções por parte dos entrevistados, as quais ocorreram em suas respectivas residências, local que os depoentes se sentiam à vontade.

A história de vida nesta pesquisa procurou configurar o processo de resiliência, analisada no contexto da imigração sírio-libanesa, oportunidade que facilitou o entendimento sobre as motivações desses imigrantes para situação de enfrentamento em deixar seu país, os recursos utilizados pelos mesmos, bem como, os efeitos do desenraizamento para esses imigrantes.

4.5 Método de Análise

As entrevistas tiveram foco nas histórias de vida através das narrativas familiares, com atenção aos recursos organizacionais, processos de comunicação e sistema de crenças de seus membros no contexto de vida. Feita a transcrição do relato das entrevistas, foi realizada a análise e interpretação das narrativas familiares através do roteiro de história oral- história de vida. Esse roteiro organiza-se em etapas de análise que incluem a obtenção da narrativa, a exposição do texto como unidade, a subdivisão do texto em unidades experimentais ou função-chave, a análise linguística interpretativa de cada unidade, desdobramento em série, interpretação dos significados e desenvolvimento de interpretações funcionais do texto. Finalmente, as últimas etapas abrangem a compreensão

do texto em sua totalidade e a exposição das múltiplas interpretações. Para a interpretação funcional do texto foram utilizados os processos de resiliência em famílias de Walsh (2005), para compreensão dos processos individuais, relacionais e para a interpretação subjetiva que cada família atribuiu aos eventos adversos, e os seus reflexos em suas vidas. Esses elementos de análise foram contextualizados numa compreensão ecológica das relações familiares, ambientais e individuais, conforme modelo proposto por Bronfenbrenner (2002).

A seguir, é apresentado esquematicamente genograma simplificado com participantes da pesquisa, para facilitar sua localização na estrutura familiar; logo após, o fluxo migratório e, na sequência, a síntese da história do entrevistado da entrevistada Sra. E, para facilitar sua localização na estrutura familiar.

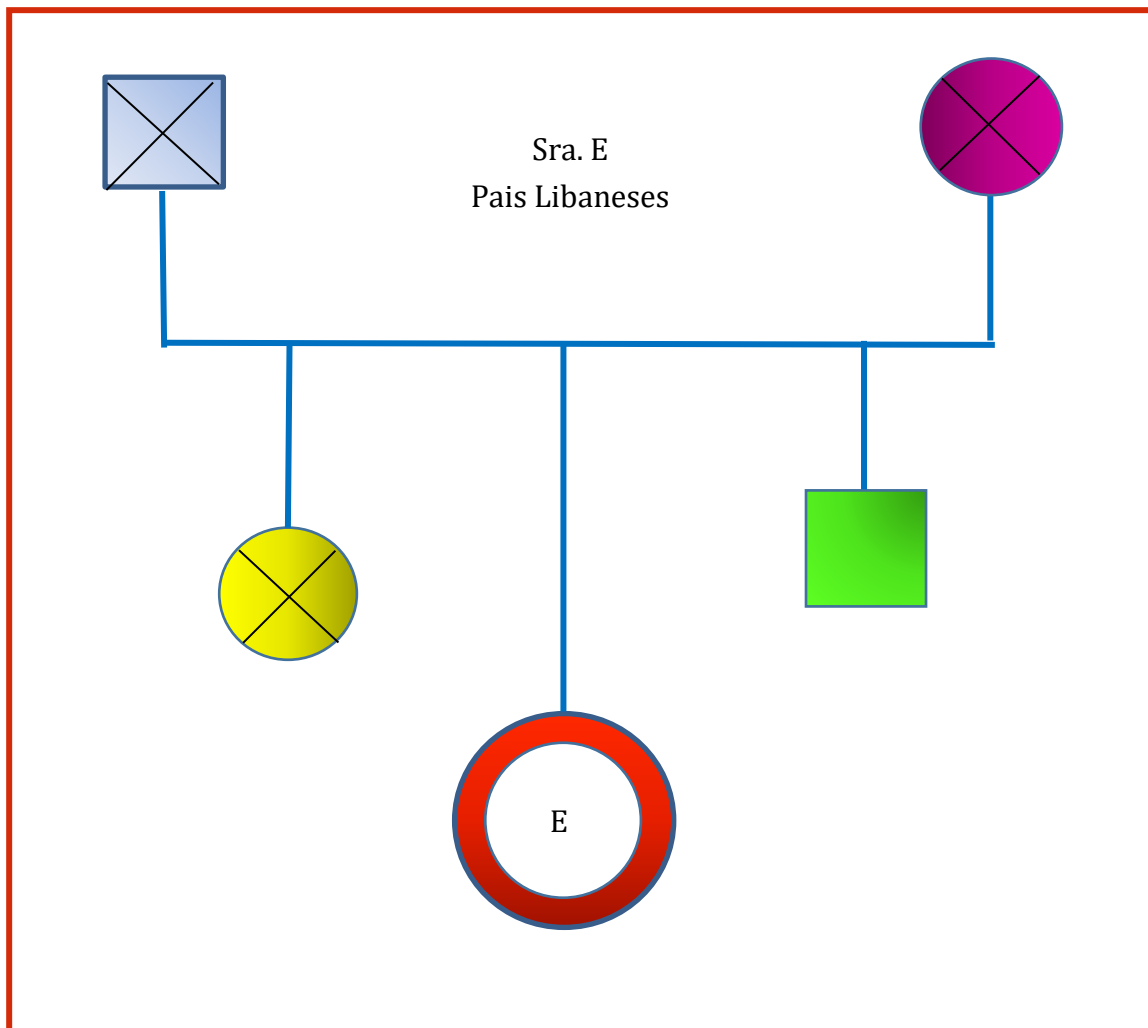
Esta sequência se repetirá para cada participante na pesquisa.

5. GENOGRAMAS DAS FAMÍLIAS - FLUXOS MIGRATÓRIOS

HISTÓRIAS DE VIDA - REDUÇÃO

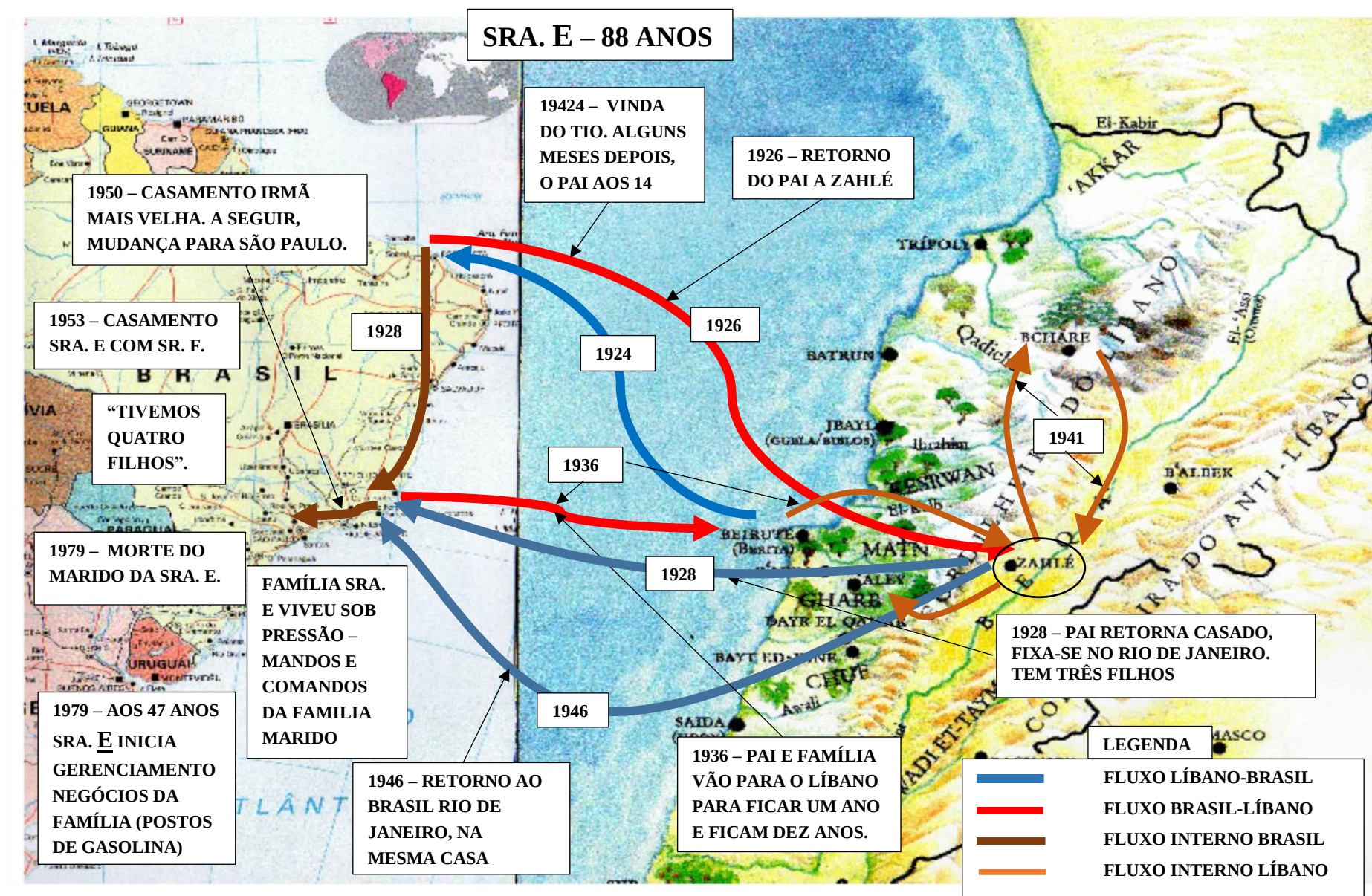
5.1 Família A – 1ª e 2ª Geração

Genograma da Família A – 1ª Geração



Quadro 2 – Entrevistada Sra. E – 88 anos

FLUXO MIGRATÓRIO – FAMÍLIA A – 1ª GERAÇÃO (Figura 2)



REDUÇÃO FAMÍLIA A - 1ª GERAÇÃO

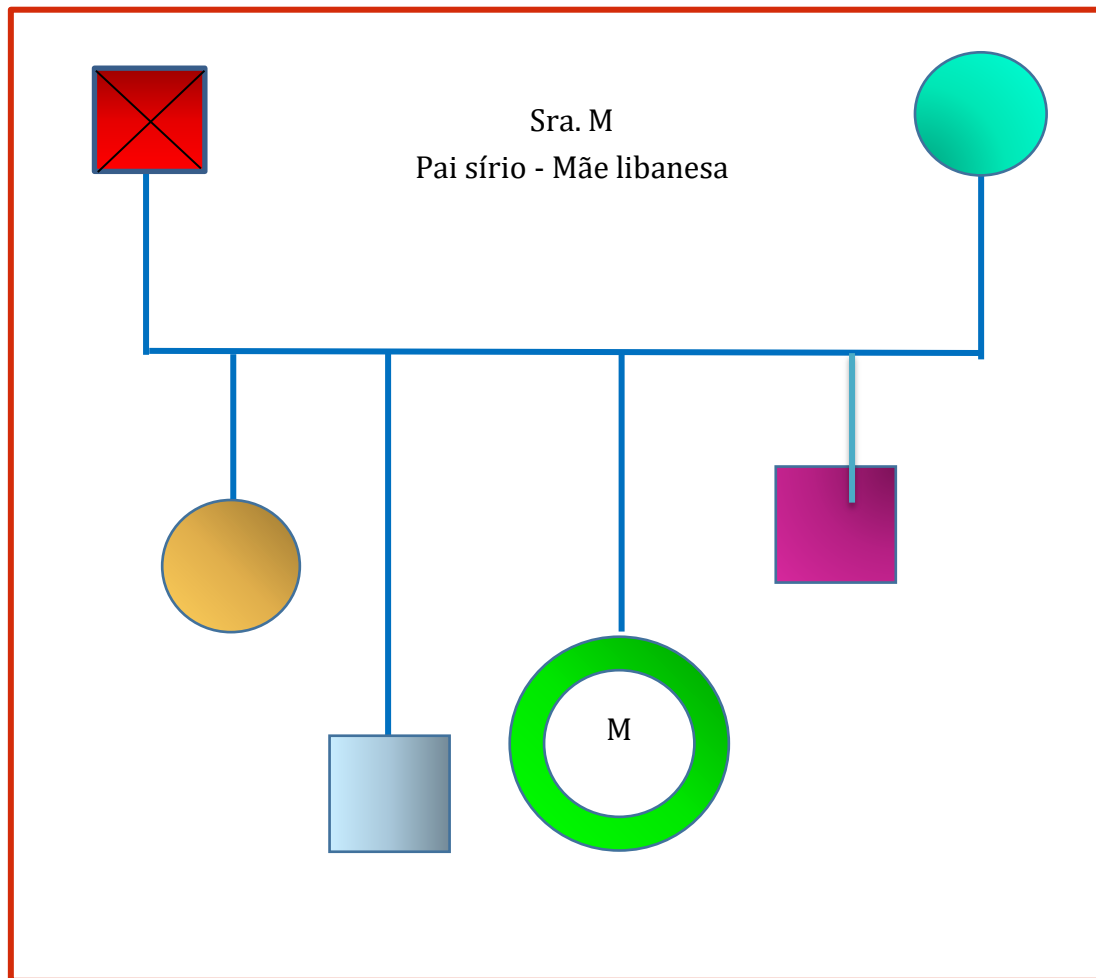
SRA. E - 88 ANOS – BRASILEIRA, DESCENDENTE DE LIBANESES					Fl. 1/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAM./TO ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
A primeira pessoa a vir para o Brasil foi um tio da família M, em 1924. Depois, veio meu pai aos catorze anos de idade, com algum adulto- situação essa não esclarecida totalmente. Viagem de navio durava de 40 a 50 dias. A saída deles foi o porto de Beirute; foram direto para São Luiz do Maranhão. Passados alguns anos, sr. Eas retorna a Zahle, onde algum tempo depois se casa e no mesmo ano, retornam ao Brasil. Em seguida, se instalam no Rio de Janeiro, onde moram em uma casa próxima à praça Sains Peña. A família com os filhos (Sra. E com oito anos de idade) vão ao Líbano, com a intenção de permanência de um ano; porém, ficam dez anos, em razão da situação política do país, agravada pela 2ª Guerra Mundial. E relata período de grande tristeza pela impossibilidade de retornar ao Brasil, por considerar Beirute feia, ao que o pai dizia que Zahle é linda (dita pelos libaneses como a Obra Prima de Deus). O que abrandou essa situação de tristeza foi o apoio familiar de lá. Aos poucos a família foi se adaptando ao contexto, espaço, local, dando continuidade à vida, mediante a rotina de escola, atividades domésticas, religião, passeios, como por exemplo, ir à floresta do Cedro do Líbano.	• Rede de apoio familiar e dos amigos • Apoio da colônia • Cafeomancia; redemoinho na cabeça de filho, indicando o sexo do próximo filho. • União do clã. • Cuidar dos filhos e da família do irmão falecido, como controle e mando. • Ovo da galinha recém posto, passar sobre os olhos para fortalecê-los. • Direção da posição tradicional de gênero.	1924 - tio - primeira pessoa a vir Brasil. 1924 - pai vem ao Brasil aos 14 anos. 1928 - pai retorna ao Líbano, casa-se e volta ao Brasil no mesmo. 1936 - A família de E vai Líbano; 1941 - Falecimento da avó paterna; acidente de carro. 1946 - Família de E retorna ao Rio de Janeiro. 1976 - Falecimento de sr. F, marido de E.	• Pai de E - 14 anos - Idas e vindas - Brasil<=>Líbano. • Família de E => mudança para Beirute = de um ano ficaram 10 anos. • Perda da avó. • Vinda para o Brasil (Rio de Janeiro) => readaptação. • Mudança para São Paulo => adaptação. • Perda do marido de E aos 47 anos; quatro filhos para criar. • Pressão da família do marido, com cobrança e mandos na família de E. • Necessidade de assumir negócio de homem.	• O processo de superação foi construído com auxílio das redes de contatos, formados por alguns familiares, amigos e vizinhos. • Também colaboraram no processo o acolhimento da colônia, passando otimismo, atitudes positivas etc. • Também, os processos internos e pessoais de autoestima, otimismo, atitudes positivas etc.	Pessoas semelhantes. Nome das pessoas Confiança Bons negócios. Agregar. Família.

Tabela 1

SRA. E - 88 ANOS – BRASILEIRA, DESCENDENTE DE LIBANESES					Fl. 2/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAMENTO/ ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS- CHAVE
A importância de estudar no Colégio Sacré Couer e aprender o francês. Situações marcantes foram a morte da avó paterna, o acidente de carro, onde a mãe de E recuperou brilhante de sete quilates perdido no interior do veículo (quando se vai ao Líbano, tem de se levar joias). Retornam ao Brasil em 1946, no Rio de Janeiro, morando na mesma casa de antes. Lá passam a receber visitas dos patrícios, dando-lhes as boas-vindas. Com o evento do casamento de sua irmã Ae, toda família desloca-se para fixar-se em São Paulo. Ali, Sra. E conhece As, e se casam em 1953. Tiveram quatro filhos. Ficou viúva aos 47 anos de idade, e não se casou novamente. Passa a sofrer pressões da família do marido, com controle e mando, pois para os sírio-libaneses, os filhos são única e exclusivamente filhos do marido; portanto, com a ausência deste, a família extensa é que dá as ordens.				Finalmente, a forte estrutura familiar extensa do núcleo de E (incluindo os filhos).	

Tabela 1

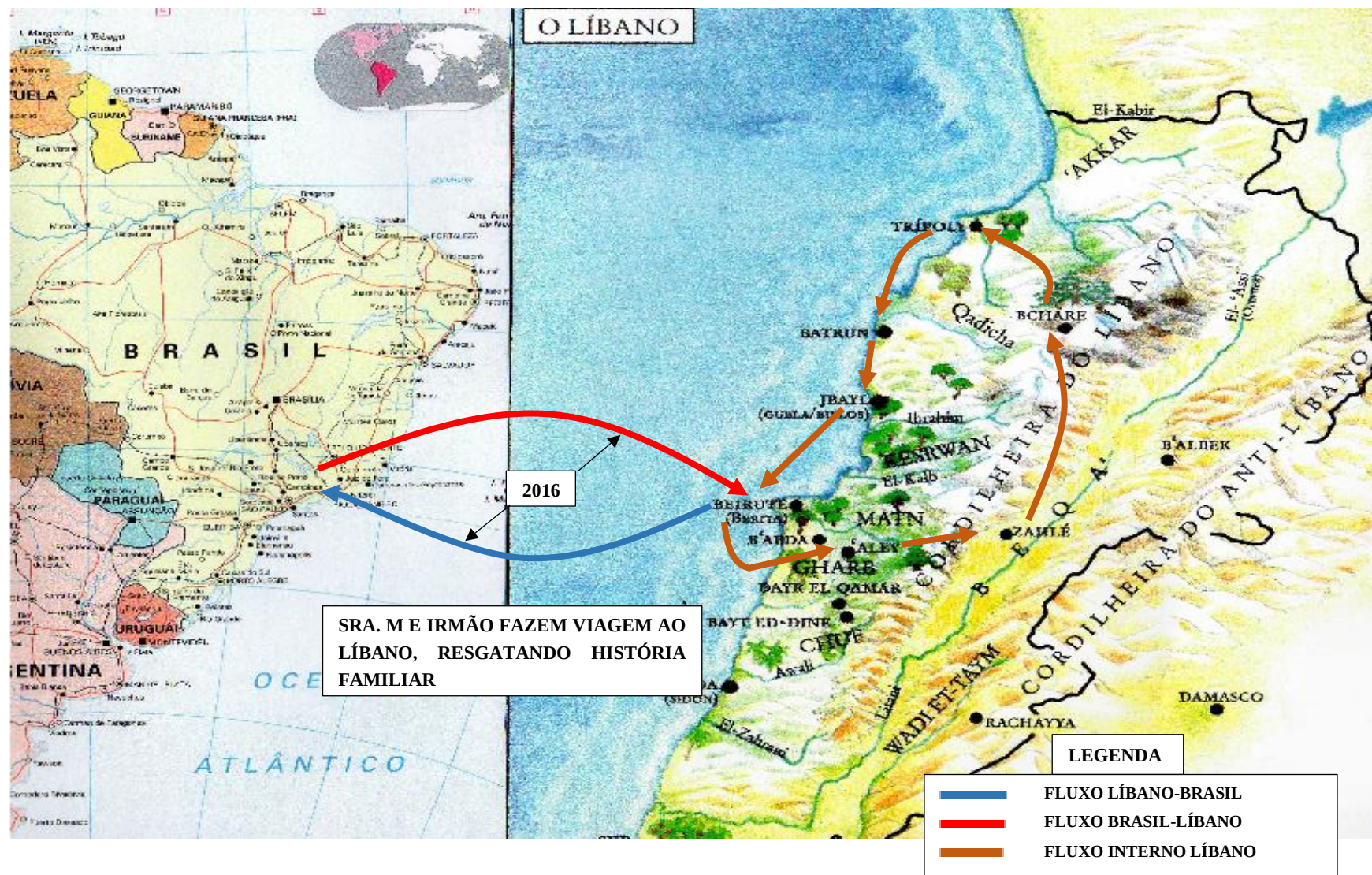
Genograma da Família A – 2ª Geração



Quadro 3 – Entrevistada Sra. M – 53 anos

FLUXO MIGRATÓRIO – FAMÍLIA A – 2ª GERAÇÃO (Figura 3)

SRA. M – 53 ANOS



REDUÇÃO FAMÍLIA A - 2ª GERAÇÃO

SRA. M - 53 ANOS - DESCENDENTE DE SÍRIOS E LIBANESES					Fl. 1/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAM./TO ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
Sra. M, 53 anos, descendente de sírios e libaneses. M manifesta a importância do sobrenome Fa, que significa alegria. Diz que sua vida está inspirada nessa alegria. Expressa "meu avô sempre foi muito alegre.". M diz que sua mãe expressa "você é 50% Fa, 50% Fk". Sra. M diz: "meu avô materno era a pessoa que cultivava e mantinha a família unida; com a morte dele eu assumi essa função". Sra. M se diz agregadora da família; desabafa quanto aos conflitos familiares provocados pelas cunhadas que fomentavam brigas entre os irmãos da Sra. M; e ela entrava mediando essas situações, apaziguando, dirimindo esses conflitos. Sra. M fala de como sua mãe Sra. E enfrentou a perda do marido, a responsabilidade de criar os filhos, educando-os e preparando-os para vida. Sra. M define sua mãe como uma mulher forte, que se abriu para o mundo, receptiva a todos os movimentos e tendências de cada época vivida, no tocante aos seus filhos e sobrinhos. Porém, Sra. M ressalta o fato de a mãe manteve-se fiel aos valores da cultura sírio-libanesa e de sua família de origem, submetendo-se às orientações emanadas da família do pai após a morte do mesmo. Sra. M destaca os conselhos e orientações da Sra. E, principalmente relativos a se cuidar quanto a falatórios provenientes das ações feitas pelos filhos, as quais poderiam gerar interpretações equivocadas e julgamentos errôneos	• Valor agregado ao nome das famílias. • Valor agregado à figura do avô, quanto à generosidade e tolerância. • União da família constituída pelos seus pais e irmãos. • Valor agregado à mãe, definida como mulher forte, apaziguadora e aberta para o mundo. • Visão empreendedora • Anti- modelo	Não especificado	• Conflito intrafamiliar. • Controle e mando da família do pai, exercendo pressão sobre a família de M. • Distanciamento de sua família em relação à família paterna (tios, tias e primos). • Perda do pai e do avô, por morte.	O processo de superação foi construído fundamental/te na figura da mãe, a qual soube conviver com os conflitos familiares provocados pela interferência da família do pai nos processos de controle e mando, dando a si e seus irmãos condições de superar essa realidade. Mediadora Apaziguadora Educou os ilhós com mais liberdade.	• Apoio • Força • Superação • Alegria de viver

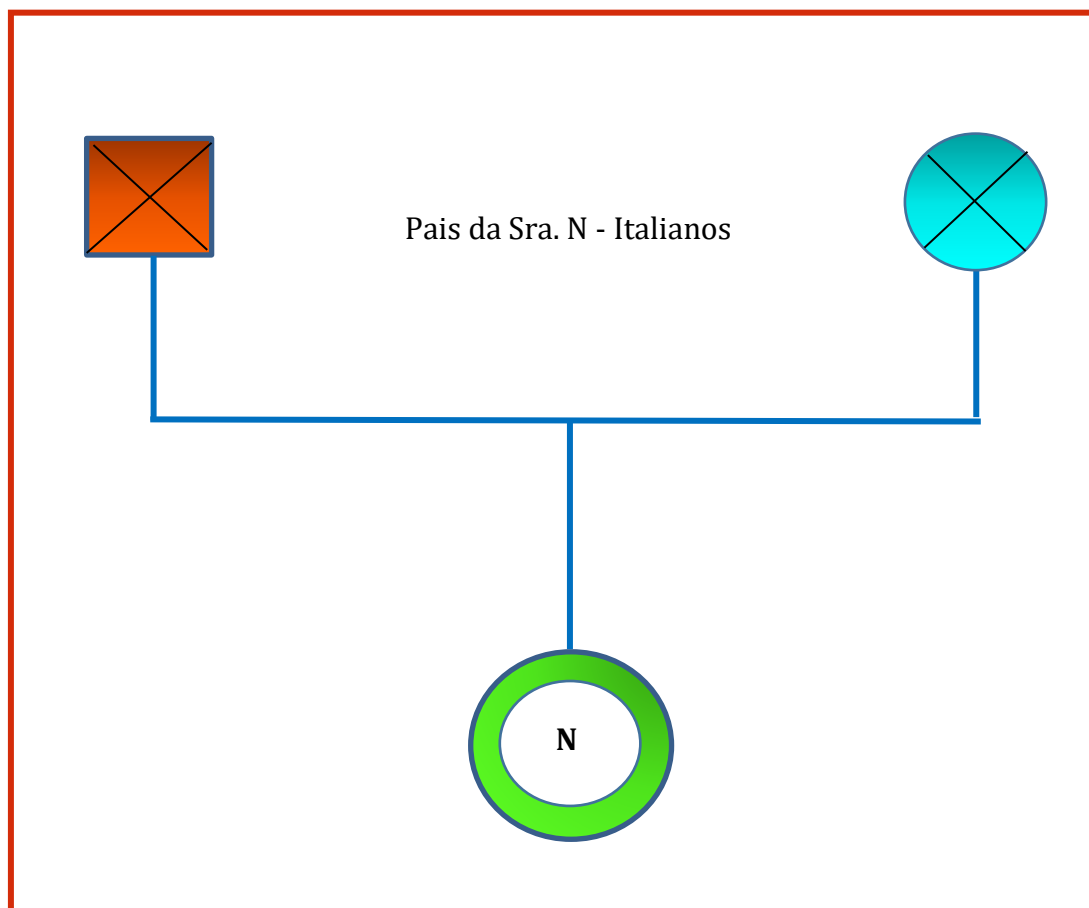
Tabela 2

SRA. M - 53 ANOS - DESCENDENTE DE SÍRIOS E LIBANESES					Fl. 2/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAM./TO ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS- CHAVE
Sra. M diz que a mãe se privou de muitas coisas, para evitar o julgamento repressivo da família de seu pai. Em síntese, Sra. M destaca que a mãe E buscou sempre educá-la e seus irmãos sob as regras e valores da família de seu pai; esse procedimento provocou, na visão da Sra. M, perdas no tocante à liberdade de ação e modo de viver de sua família. Porém, Sra. M considera que sua mãe buscou compensar essa situação, tendo uma atitude mais aberta e tolerante para outras questões que não estavam em conflito com o contexto imposto pela família de seu pai. M diz "minha mãe sempre foi força apoiadora, que nos dá sensação de liberdade". Sra. M destaca que o comportamento da família de seu pai com relação à sua provocou distanciamento sempre crescente entre sua família e de seus parentes paternos (tios, tias e primos), permanecendo esse distanciamento até o presente. Sra. M diz que, embora não tenha filhos, cuida de seus sobrinhos e afilhados com desvelo, participando de sua educação, buscando de manter diálogo constante com eles. Sra. M diz que tem de seu pai o espírito empreendedor e visionário, e de sua mãe a alegria e a atitude de se abrir para o mundo. Sra. M conclui dizendo que fez a viagem ao Líbano, buscando encontrar as origens de seus pais e avós, e de certa forma vivenciar as experiências de sua mãe quando lá esteve, e saber um pouco mais de suas raízes.					

Tabela 2

5.2 Família B – 1ª e 2ª Geração

Genograma da Família B – 1ª Geração

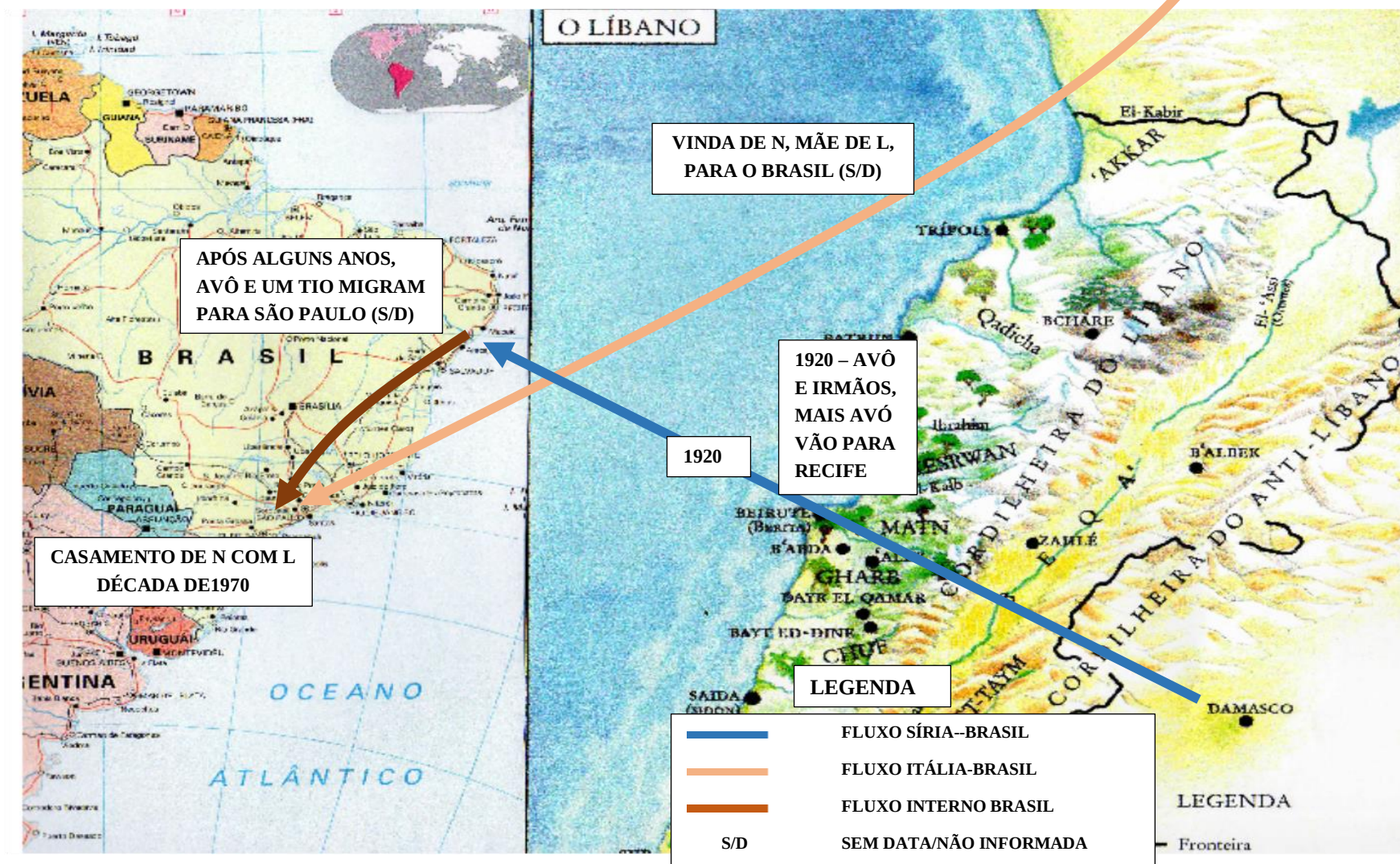


Quadro 4 – Entrevistada Sra. N – 76 anos

FLUXO MIGRATÓRIO

FAMÍLIA B - 1ª GERAÇÃO (Figura 4)

SR. N – 76 ANOS

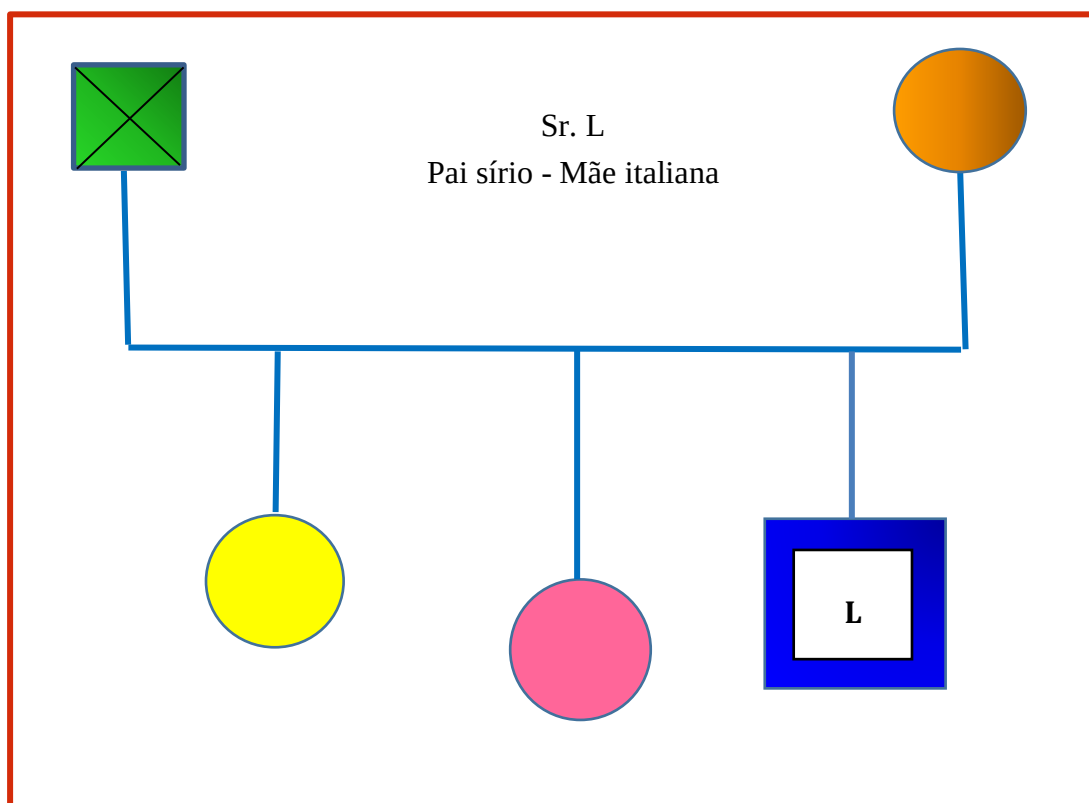


REDUÇÃO FAMÍLIA B - 1ª GERAÇÃO

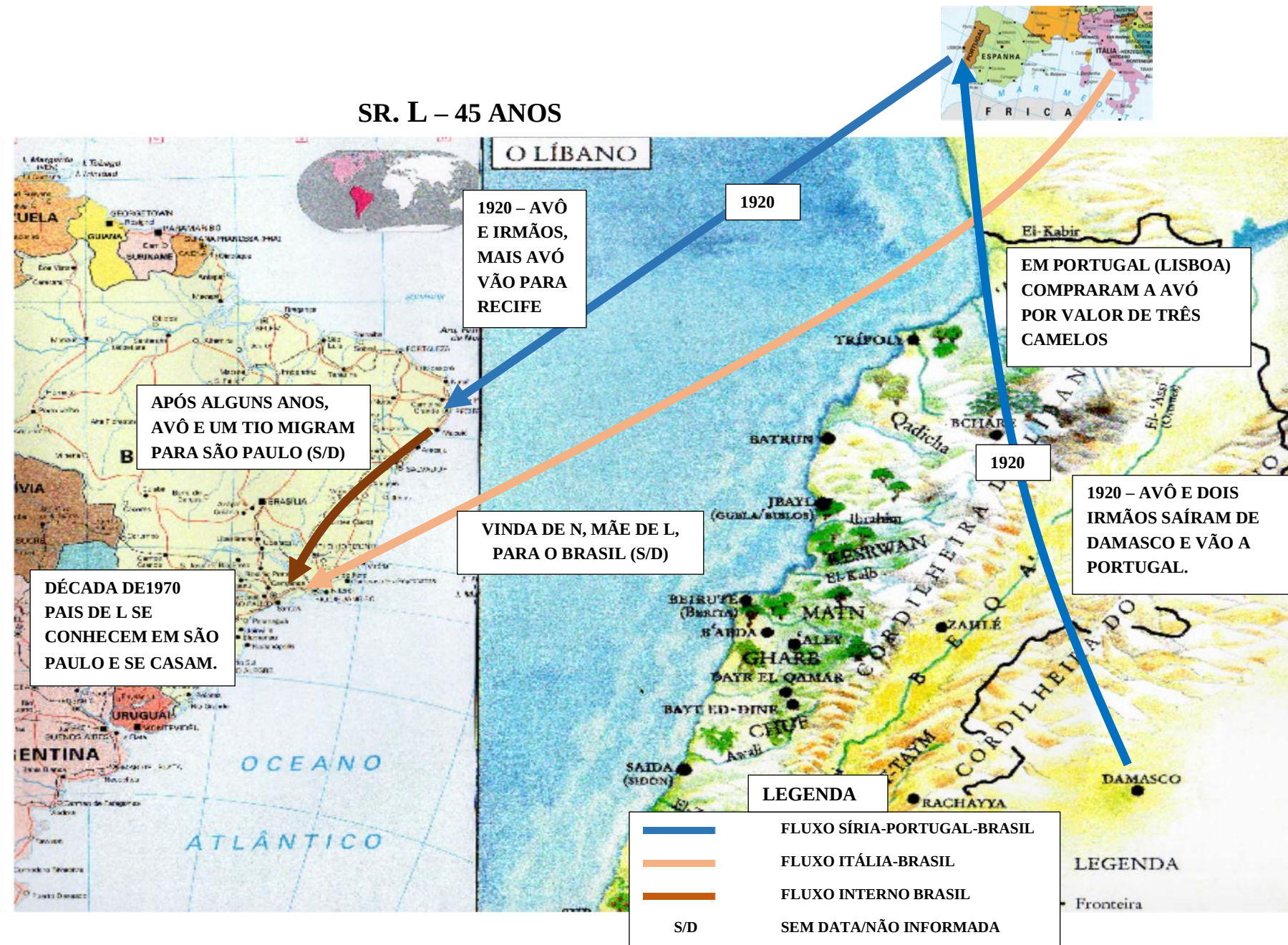
SRA. N - 76 ANOS – ITALIANA					
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAMENTO. ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS- CHAVE
Senhora N diz “Conheci meu marido L no início da década de 70. Nossas famílias tinham escritórios no mesmo prédio comercial no centro de São Paulo e trabalhávamos lá. A família dele tinha uma empresa de representação e vendia para mercados, como Pão de Açúcar, especialmente produtos de limpeza e consumo. A família dele tinha um comércio no Recife antes de mudar para São Paulo e sempre foram muito hábeis em vendas. O meu marido seguiu no ramo e criamos três filhos, sempre através de vendas que eram a principal característica do meu marido. Moramos nos bairros de Campo Belo, Brooklin até 1979. Quando fomos para Moema, pois os descendentes árabes migraram em boa parte para aquele bairro. Meu sogro e minha sogra sempre foram os que mais cultivaram a cultura árabe, principalmente promovendo almoços aos domingos para unir a família. Tivemos três filhos, duas meninas e um menino.”	Sogro e Sogra sempre foram os que mais cultivaram a cultura árabe, principalmente promovendo almoços aos domingos para unir a família.	Nao declarada.	Não declarados	Não declarado	União da família

Tabela 3

Genograma da Família B – 2ª Geração



Quadro 5 – Entrevistado Sr. L - 45 anos



REDUÇÃO FAMÍLIA B - 2ª GERAÇÃO

SR. L - 45 ANOS – DESCENDENTE DE SÍRIO E ITALIANA					Fl. 1/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAM./TO ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS- CHAVE
Sr. L conta que seus bisavô e avô eram de Damasco (Síria). “Vieram ao Brasil meu avô e seus dois irmãos. Antes de virem ao Brasil passaram por Portugal (Lisboa) e lá meu avô conheceu minha avó, que, segundo relata, tinha quinze anos de idade, e foi necessária autorização para casar-se com ela”. Também relata que sua avó foi comprada pelo preço equivalente de três camelos. Fato importante omitido no relato da mãe (Sra. N), e trazido pelo Sr. L, foi o encontro do casal de seus avós paternos, qual seja, a avó foi comprada, como citado acima. De Portugal, vieram diretamente para o Brasil, se estabelecendo em Recife (Pernambuco), sem ter qualquer apoio pré-existente no local. Estabeleceram-se em um prédio assobradado que, na parte térrea era a área de comércio, e na superior, era a residência da família. O comércio, tipo empório, fez com que eles prosperassem. O avô e um dos irmãos montaram uma transportadora. O avô mudou-se para São Paulo e montou uma firma de representação de produtos, basicamente de material de limpeza, e que eram vendidos aos grupos de supermercado (p.ex. Pão de Açúcar). Sr. L informa também que seu pai se considerava árabe. Embora não dominasse a língua, ele tinha comportamento e atitudes bastantes comuns à colônia árabe, e tinha habilidades bastantes desenvolvidas para o comércio em geral.	Ter pessoas semelhantes ao seu lado, saber o nome delas. Desenvolver a confiança junto a essas pessoas, e com isso, ter chances de fazer bons negócios. Agregar a família, sempre. Cultivar dentro da família o interesse pelas histórias familiares. Machismo	Meados da década de 1980, aos quinze anos, começa a trabalhar e se familiariza com as questões do comércio. No início da década de 1990, o seu pai morre, e ele se torna arrimo de família. Aos vinte e cinco anos de idade, se casa e continua na área do comércio.	A morte do pai, no início da década de 1980. Ser arrimo de família (da mãe e das duas irmãs). Amadurecimento precoce. Não ter filhos homens.	O processo de superação se deu fundamental/te em função do apoio familiar, destacando-se a figura da mãe N, e da rede de amigos que ele estabeleceu, devido ao seu caráter extrovertido, também estimulado pela sua mãe.	Pessoas semelhantes. Nome das pessoas Confiança Bons negócios. Agregar. Família. Determinação.

Tabela 4

SR. L - 45 ANOS – DESCENDENTE DE SÍRIO E ITALIANA					Fl. 2/2
REDUÇÃO	VALORES / JUÍZOS SABEDORIA DE VIDA	TRAJETÓRIA DE VIDA	PONTOS DE RESILIÊNCIA ENFRENTAM./TO ADAPTAÇÃO	SUPERAÇÃO	PALAVRAS- CHAVE
Veio a falecer muito cedo, e Sr. L assumiu a família aos 20 anos de idade como seu arrimo. Sr. L diz que "Tudo na minha vida aconteceu muito rápido. Sempre tive em mente ter meu negócio próprio." Segundo Sr. L, a mãe sempre foi um suporte emocional importante, e dela ele considera que herdou a habilidade de comunicação e relacionamento; diz ainda que considera a mãe muito mais árabe que o próprio pai. Sr. L diz "Minha mãe sempre acompanhou o meu desenvolvimento, inclusive o profissional. Minha mãe me conhece de fato. O aprendizado familiar que tive é ter pessoas semelhantes ao seu lado, saber o nome delas, porque a chance de fazer bons negócios aumenta e também você desenvolve a confiança". Iniciou a trabalhar aos quinze anos de idade, tomando conta de uma locadora de vídeos. Lá percebeu possibilidades de crescimento, alavancando o negócio da locadora, com a introdução de novos produtos e negócios na locadora. Já em negócio próprio, chegava a vender duzentas aparelhos de vídeo cassete por mês. Para tanto, teve de aprender a fazer câmbio e se familiarizar na área comercial. Atualmente, é dono de imobiliária e administração de condomínios, tem pela sua empresa bastante estima e diz que, uma vez que seu nome de família se encerra nela (pois tem duas filhas), a marca de seu nome familiar é a da sua empresa.					

Tabela 4

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

As análises e reflexões a seguir seguem os preceitos já abordados anteriormente, com especial atenção à metodologia História de Vida, no tocante à forma de organização, processos comunicacionais, sistemas de crenças e valores no cotidiano. Assim apresentei resultados primeiramente de forma concisa segundo a metodologia da História de Vida. A seguir, promovo uma análise mais detalhada das histórias contadas, segundo Walsh (2005) ou seja: a partir dos elementos onde após transcrição, foi feita uma redução dessas narrativas, já na técnica da História Oral. Apresento o quadro de redução que é da seguinte forma; constam seis colunas: na primeira que é a redução da História de vida contada nas entrevistas; já na segunda constam valores, juízos e sabedoria de vida, seguidamente na terceira coluna temos a trajetória de vida, na quarta são os pontos de resiliência, enfrentamento e adaptação, a quinta é a da superação e a sexta e última é a palavra-chave.

Segundo Walsh (2005), “A partir dos elementos principais, descrito pela autora como norteadores dos três processos de resiliência, a saber: os sistemas de crenças, que abrangem valores, convicções e atitudes que desencadeiam emoções e guiam ações, favorecendo ou restringindo as possibilidades de enfrentamento das adversidades; os processos de comunicação, definidos a partir da qualidade das trocas de informações; e os padrões organizacionais que incluem a mobilização de recursos e a estrutura familiar, definindo as relações e regulando comportamento.”

6.1 Família A

6.1.1 Família A - 1ª Geração

a) Padrões de Organização Familiar

Segundo Walsh, “os padrões organizacionais incluem a mobilização de recursos e a estrutura familiar, definindo as relações e regulando comportamento;...”

“Inicialmente, veio para o Brasil um tio, irmão da mãe, da família M. Com os contatos via carta, veio meu pai. Naquele tempo a viagem era feita de navio na 3ª classe em condições precárias e com uma demora de 40 a 50 dias, imagina isso? Era em 1924. Inicialmente chegaram

em São Luiz no estado do Maranhão, e tempos depois, migraram para Rio de Janeiro. Meu pai veio aos 14 anos de idade.”

Análise e interpretação Sra. E resgata a história de imigração de sua família, a partir da vinda de seu pai para o Brasil aos 14 anos de idade, numa época em que as pessoas trabalhavam para juntar dinheiro e retornavam ao país de origem. História que nem mesmo a entrevistada Sra. E soube explicar como seu pai chegou ao Brasil. Como veio? Se com algum outro adulto? Como isso aconteceu? Afinal era menor de idade. Será que fugido? E expressa que nunca havia feito essa reflexão antes; e que achava no mínimo intrigante. Perguntava-se porque será que aos 14 anos? E se colocando um pouco no lugar de seu pai, cria reflexões e externa que o fato de se aventurar para algo novo, desconhecido... “É deixar um pouco de sua história e de tudo que se viveu até aquele instante.” E conclui dizendo: “Para meu pai vir, os pais dele deviam estar cientes disso; e ao mesmo tempo teria alguém esperando por ele aqui no Brasil”. Isso dava a certeza de que ele estaria acolhido e seguro.

Embora nessas situações de incerteza nota-se que para essa ação o adolescente tinha fortes recursos internos e externos para se aventurar pelo mundo afora. Esse fato fica ressaltado pelas viagens de ida e vinda ao Líbano e ao Brasil, durante a década de 1920, demonstrando que o pai de E tinha confiança e domínio de sua situação.

Entretanto, o relato completo de E deixa transparecer que havia incertezas quanto ao processo de imigração de seu pai, se ele estava totalmente seguro e acolhido ou passou por situações de sofrimento, medos e incertezas. Essas emoções podem ter trazido desconforto em certa medida que teve de ser superado por um processo de resiliência.

“Meus pais vieram para Brasil de navio. Agora, quando fomos ao Líbano, que seria por um ano, ficamos 10 anos. Porque não podíamos sair de lá. Nós filhos chorávamos. Tínhamos saudades do Brasil.”

Análise e interpretação Embora não haja citações explícitas no relato de E com relação à importância e ao papel da família em sua história de vida, pode-se dizer que esse fator foi bastante marcante em sua vida e de seus descendentes. Ela enfatiza que a rede de apoio familiar, amigos e da colônia (pessoas de mesma origem étnica) sempre foram fatores de proteção, para quaisquer situações de dificuldade maior que surgissem nos momentos de vida. É valorizada a instituição familiar no que diz respeito às crenças e valores culturais (juízos e sabedoria de vida), como sendo elementos fundamentais para a existência da família, fortalecimento e, ao mesmo tempo, proteção.

Sra. E relatou um episódio curioso sobre uma competição ela e sua prima, no Líbano: a maior e mais pesada bola de alumínio. Tinha de ser papel de alumínio de cigarro, bala, enfim

tudo que contivesse alumínio. Não valia rolo de alumínio. Quem perdesse teria de dar uma festa a rigor. Aí E pegou uma melancia pequena e começou a colar os pedacinhos de papel alumínio (visando cobrir toda a superfície da fruta, simulando uma bola maciça de papel alumínio) e pediu ao senhor /dono da mercearia que pesasse a bola. Porém, E tinha a intenção que o valor da pesagem da falsa bola de alumínio fosse divulgado entre os moradores e se espalhasse em comentários. O que aconteceu: os amigos do grupo de E ficaram animados e coletaram mais papeis, fazendo com que a equipe oposta ficasse mais aterrorizada. Aí na data final, E leva a bola verdadeira, que muitos amigos haviam ajudado a montar. Uma cidade próxima a Zahlé ajudou E nessa empreitada.

Análise e interpretação O relato acima destaca o processo de socialização e liderança da sra. E, que chegou a mobilizar, não somente a cidade de Zahlé, mas também a cidade vizinha, para o sucesso de sua empreitada.

“Eu e o F nos casamos em 1953. Meus sogros, quando vieram para o Brasil, foram morar em São Carlos, interior de São Paulo, onde também os filhos nasceram. Demorei 5 anos para ter filhos, minha sogra queria muito ser avó, mas nunca me cobrou. ”

Sra. E ressalta o comportamento ético de sua sogra ao não lhe cobrar maternidade, embora muito desejasse que tal acontecesse, pois, além de ser um desejo íntimo dela, também era um valor de sua cultura.

“Eu sempre fui muito chegada ao meu pai. Tinha uma crença que o redemoinho de minha cabeça, no entendimento de meu pai, que o próximo filho viria um menino; e de fato veio. O filho homem para o libanês é muito importante, pois carrega o nome da família, perpetuação da espécie. E por isso papai era muito grato. Era como se eu estivesse dando um sinal a ele que o próximo filho seria um menino”. “Eu me relacionava muito bem com meu pai. Eu era a queridinha do papai. Então tudo que meus irmãos queriam, me pediam para eu falar com papai. ”

Sra. E destaca sua especial relação com seu pai, que pode ser associada ao amor paterno-filial, mas também à crença redemoinho como elemento premonitório do sexo do próximo filho, que, em seu caso, foi bem-sucedido.

b) Processos de Comunicação - Grupo/Família

Segundo Walsh “ os processos de comunicação, definidos a partir da qualidade das trocas de informações”.

- “Quando chega uma família libanesa do Líbano para morar no Brasil, todos daquela colônia vão cumprimentar essa recém-chegada família, mesmo não a conhecendo. Vão cumprimentar, ou seja, vão ao encontro dessa pessoa ou família, dando-lhes as boas-vindas. E aí essa pessoa ou família acaba entrando na amizade das pessoas da colônia, em função do apoio que é dado de início.
- “O grupo recém-chegado entra para o círculo de amizades da comunidade. O apoio dado aos libaneses era total e as pessoas se sentiam como se estivesse no Líbano, inclusive minha mãe se sentiu assim quando aqui chegou. Minha mãe se casou no Líbano e veio diretamente para o Brasil sem conhecer ninguém. Meus padrinhos foram escolhidos por minha mãe em relação à amizade criada nesses encontros por pessoas da mesma descendência, ou seja, libaneses. A amizade era mantida e esse relacionamento fazia com que minha mãe se sentisse melhor e acolhida. Era uma rede que estava sendo construída. Acabava se criando um grupo fechado. Mas, ao mesmo tempo que aqueles que quisessem pertencer ao grupo, não tinha problema nenhum, ia chegando, entrando e acabavam participando das atividades do grupo, e finalmente integrados naturalmente no mesmo. Saíam todos juntos para passear, até então não frequentavam nenhum clube na época; mas saíam todos juntos para passear com suas crianças. Depois com a ambientação de todos ao local, é que as crianças foram colocadas nos clubes Homs e Zahlé (cidade de São Paulo) para prática de atividades esportivas. Isto só aconteceu bem depois de um primeiro momento de muitas dificuldades. Mais tarde fora estendido aos grupos de adultos as atividades nos clubes.
- Depois de eu ter morado 10 anos no Líbano voltei com minha família para o Rio de Janeiro, onde retornamos à casa onde moramos até então. Era uma casa que estava toda mobiliada, próximo à praça Saens Peña. Nesse retorno recebíamos visitas de pessoas que vinham de muito longe para cumprimentar meu pai. Por essa ocasião veio um grupo de Belo Horizonte. Tal a importância de acolher os “irmãos libaneses”.

Análise e interpretação Neste momento, devem ser destacados dois processos distintos, mas interligados: a) O processo de comunicação entre os membros da colônia e b) a constituição das redes de apoio e socialização, ampliadas pelo processo de comunicação. Embora os dois processos citados sejam características bastante comuns e observáveis entre grupos étnicos fechados de emigrantes, elas são muito marcantes na cultura sírio-libanesa.

c) Sistemas de Crenças/ Valores

Segundo Walsh “...os sistemas de crenças, que abrangem valores, convicções e atitudes que desencadeiam emoções e guiam ações, favorecendo ou restringindo as possibilidades de enfrentamento das adversidades”.

“Algumas crenças de minha família:

Meu irmão fazia leitura da xícara, da borra de café. Isso vem lá das crenças daquela época antiga. Mas funciona.

Quando a galinha bota o ovo, deve-se pegar e passar imediatamente sobre os olhos para fortalecê-los.

“Eu sempre fui muito chegada ao meu pai. Tinha uma crença que o redemoinho de minha cabeça, no entendimento de meu pai, que o próximo filho viria um menino; e de fato veio. O filho homem para o libanês é muito importante, pois carrega o nome da família, perpetuação da espécie. E por isso papai era muito grato. Era como se eu estivesse dando um sinal a ele que o próximo filho seria um menino.”. O redemoinho na cabeça do filho (a) que antecede aquele que está por nascer indica qual será o sexo do bebê”.

Análise e interpretação Vale a reflexão de Walsh, acima transcrita. Além disso, destaca-se a importância atribuída ao filho homem, como elemento de sucessão e perpetuação do nome de família.

“Nesse retorno recebíamos visitas de pessoas que vinham de muito longe para cumprimentar meu pai. Por essa ocasião veio um grupo de Belo Horizonte. Tal a importância de acolher os “irmãos libaneses”.

Passados muitos e muitos anos as filhas desse casal de Belo Horizonte observaram que guardavam na lembrança o evento do dia em que vieram de BH para cumprimentar meu pai. Expressavam a alegria que foi para a família delas ir até o Rio de Janeiro fazer tão honrosa visita a meu pai.

Disse a elas que era um puro gesto de amor, tanta atenção e dedicação para com a minha família. Entendi também naquele gesto a importância do valor agregado ao mesmo. Olhe aqui no mapa, você está vendo Zahlé? É bem próximo de Beirute. Zahlé em relação a Beirute é considerado um local quase que sagrado. Sabe por que? Há uma história que diz o seguinte: Deus fez sua obra prima, Zahlé, depois disso não criou mais nada. O que isso tinha haver com os cumprimentos à (minha) família de seu Eas no Rio de Janeiro? É que as pessoas nascidas e

que moraram por longo tempo em Zahlé eram o como se fossem irmãos, pois pertenciam a mesma cidade, que era pequena e todos se conheciam. E então isso fazia com que, numa saída de um deles e posteriormente a de outro, quando se encontrassem em outro lugar é como fossem matar a saudade daquele irmão, daqueles irmãos. Portanto, o fato de ser de Zahlé tem um significado muito importante, talvez por todos serem da cidade, se conhecerem bem e associado ao significado especial atribuído ao local, que era muito forte pra eles. Tal a importância da sua origem, que em uma ocasião meu pai esteve internado, quando aconteceu o seguinte episódio: Papai estava internado no hospital com aquele avental... aquela roupa toda aberta atrás muito irritado e ele disse em árabe, ao fugir do hospital, o seguinte: “Eu sou todo poderoso e vou sair daqui, porque sou de Zahlé”. Que audácia de papai!

Observe, Zahlé deve ter mais significados, sobre os quais não consigo falar, porém acho que deu para sentir o que é ser de Zahlé. Nessa ocasião, penso que meu pai estava muito chateado de ficar ali no hospital internado. Amigos diziam que meu pai entrou morrendo e saiu correndo. Foi motivo de muita piada, muita gozação. Imagine só, ele estava com pneumonia!

Dois conceitos podem ser extraídos desse relato: o primeiro refere-se à importância atribuída ao relacionamento e à amizade entre membros da colônia, independentemente de serem relações antigas ou recentes; o valor atribuído ao relacionamento social é aspecto marcante da cultura sírio-libanesa.

O segundo conceito refere-se à importância atribuída à sua origem, pois tal fato criava distinção entre os membros da colônia e, de certa maneira, podiam acreditar que lhes davam características especiais em relação aos demais.

“-Esse passeio nas montanhas, quando fizemos, o carro rodopiou, derrapou e despencou abismo abaixo, parando num determinado ponto. Ah, quando fomos de mudança para o Líbano, levamos o carro também e foi com esse carro que ocorreu esse acidente, carro da General Motors. Ficamos lá um tempinho até que alguém nos resgatou, e ninguém, Graças a Deus, se machucou, minha mãe estava com um anel maravilhoso, e conseguiu ainda salvar esse diamante de sete quilates. Quando se programava de ir ao Líbano tinha de se ir com joias. Ninguém se machucou, e o fato de não ter perdido a pedra, já valeu”.

Análise e interpretação É um valor da cultura sírio-libanesa a posse e a ostentação de joias, como símbolo de riqueza e sucesso financeiro. A ida ao Líbano constituiu-se em oportunidade única para tal exibição.

Só tenho coisa boa em minha memória, porque tenho alegria de viver. Meu próprio sobrenome tem significado de alegria - Fh. Fiquei muito contente de falar de minha família, foi muito prazeroso! ”.

6.1.1.1 Análise e Interpretação dos Resultados

a) Pontos de Resiliência - Enfrentamento, Adaptação

- Iniciada com vinda de seu pai aos 14 anos de idade para o Brasil; não se sabe ao certo. Se veio com alguma família, ou se só. Idas e vindas de seu pai ao Líbano.
- b) Ida da Sra. E e família de mudança para Beirute para permanecer lá por 01 ano e ficaram 10 anos. Não conseguiam sair de Beirute, pois as guerras impediam. A tristeza e o desespero da entrevistada e seus irmãos foram situações estressantes para a família. E expressa que essa situação em especial (momento da guerra) foi marcante, pois sua família foi acolhida pela rede de contatos, formada por familiares estabelecidos no Líbano, bem como os amigos e vizinhos. O papel da colônia foi de extrema importância, pois passavam otimismo e tinham sempre uma atitude positiva, mesma naquelas situações críticas.
- c) Assim foi em relação ao falecimento de sua avó paterna, ocasião que se sentiu profundamente entristecida. Sra. E tinha laços estreitos com avó.
- d) Após 10 anos família Sra. E, retorna Brasil, para cidade Rio de Janeiro.
- e) Mudança após algum tempo para cidade de São Paulo.
- f) Falecimento marido da Sra. E. Ela estava com 47 anos e nunca mais se casou.

b) Superação e Transformação

- O processo de superação foi construído com auxílio das redes de contatos, formados por alguns familiares, amigos e vizinhos.
- Também colaboraram no processo o acolhimento da colônia, passando otimismo, atitudes positivas etc.
- Também, os processos internos e pessoais de autoestima, otimismo, atitudes positivas etc.
- Finalmente, a forte estrutura familiar extensa do núcleo de E (incluindo os filhos).

6.1.2 Família A - 2ª Geração

a) Padrões de Organização Familiar

Segundo Walsh, “os padrões organizacionais incluem a mobilização de recursos e a estrutura familiar, definindo as relações e regulando comportamento;...”

“Sou bastante agregadora e tenho esse espírito. Até quando meus dois irmãos estavam casados, as esposas teriam separados os meus irmãos se eu não tivesse feito um trabalho de agregação entre eles. Eu sei que eu sou um elo, que procura de colocar calma, “vamos tentar vamos conversar, vamos tentar ver”. Com isso os dois trabalham juntos até hoje, coisa que poderia ter dado para traz em função de esposas, desentendimento, né?!

Isso é uma das coisas que eu vejo que veio do lado da minha família, família de minha mãe”.

Análise e interpretação Sra. M demonstra como administra conflitos intrafamiliares, em conformidade com os valores de sua família.

b) Processos de Comunicação - Grupo/Família

“Com todas essas histórias minha mãe era muito aberta para época, só para você ter uma ideia, na ocasião em que minha prima engravidou minha mãe buscou demonstrar para toda a família que a época era outra e que o assunto deveria ser tratado com cautela. Minha mãe sempre foi uma pessoa atualizada. Conforme o tempo passava ela se atualizava e dizia pra família que as coisas já não eram mais como antigamente; e que as coisas haviam mudado muito hoje; e isso era mais ou menos por volta de 1980. ”

A mãe E diz: “Eu acompanhei de fato, eu busquei de acompanhar essas décadas todas, porém eu não acompanhei no tocante a comportamentos meus, eu fiquei lá traz, mas em relação aos demais, sempre busquei me atualizar. ”

Análise e interpretação Fica implícito nos diálogos acima de que sempre houve uma comunicação aberta e franca entre a mãe E e seus filhos, até mesmo para abordar questões mais delicadas relativas à família extensa (gravidez precoce).

M aborda o relacionamento com a familiar de seu pai: “Não, não, elas é que cobravam, sim, da gente. Cobrava como é que eu tinha ido na escola, como é que eu tinha feito determinadas coisas. Eram cobranças e muitas cobranças, a ponto de perdermos muito com a família de meu pai, justamente por essas coisas, cobranças com educação e mais outras tantas coisas. ” Eu não via mais lazer com eles, não sentia mais interesse em vê-los e as coisas acabaram se distanciando. Não existia com a família de meu pai aquela coisa do compartilhar,

eu sentia só como cobrança ter de dar satisfação daquilo que se fazia. Viver para dar satisfação para alguém, você começa a se distanciar. Deixávamos de falar, de contar muitas das coisas porque elas eram pessoas muito mais velhas do que minha mãe e não acompanhavam as coisas; então era mais fácil a gente não contar nada. Em casa com minha mãe era muito mais fácil de levar as coisas porque minha mãe é uma pessoa aberta e nós podíamos compartilhar bastante; coisa que com minhas tias e tios era difícil; e com isso, o distanciamento foi aumentando, que ficou tão grande que com a família de meu pai a gente acaba só se encontrando em situações de velório e enterro. Minhas tias acabaram falecendo e com os primos das idades iguais a minha continuamos na mesma situação, a gente não se relaciona, acho que porque ficou aquela história, né? No meio do caminho pela distância já estabelecida, a coisa continuou desse jeito e aí então a gente não se relaciona.

Análise e interpretação Do relato acima, constata-se que a comunicação com a família extensa ficou bastante prejudicada, e atualmente quase inexistente. A sra. M vê esse processo como irreversível, e também, não demonstra que no presente essa situação lhe traga desconforto, o que no passado lhe foi bastante sofrido.

“Por minha mãe ter sido tão privada é que ela deu liberdade aos filhos e é essa a minha forma de ser hoje, graças à força que minha mãe deu a todos nós. Quando coloco para minha mãe que eu tenho vontade de voar e ela me incentiva dizendo então vai..., vai voar então. Para tudo aquilo que a gente quer uma força, temos apoio minha mãe sempre; como foi na viagem para o Líbano, por exemplo, onde ela deu suporte para isso, dando condição de conhecer e de poder entender um pouco mais sobre as coisas da cultura Libanesa. Minha mãe é bem isso... uma força; que nos dá essa sensação de liberdade, foi ela que me deu essas asas para eu voar.

Análise e interpretação Mais uma vez, a sra. M destaca o papel central de sua mãe E, principalmente após o falecimento de seu pai, papel que ainda continua exercendo entre os seus.

b) Sistemas de Crenças/ Valores

“O significado do sobrenome Fh é alegria. Desde que desde que descobri isso e eu me inspiro nela. Meu avô era sempre muito alegre. Eu carrego isso no gene, carrego isso na minha genética. Essa alegria que carrego até no nome. Eu não assino no sobrenome, mas eu tenho.

Até minha mãe comenta comigo você tem 50% Fh e 50% Fk. Investigando um pouco e trabalhando com dinâmicas de liderança, que eu gosto de fazer tudo, eu percebi que a generosidade, a tolerância, as coisas que meu avô dizia e fazia, a maneira dele ser; não era só empreendedor visando a parte financeira, mas era também o cuidado para com parte familiar. Meu avô era uma pessoa que cultivava e mantinha a família, e minha mãe é isso, e eu sou muito mais que isso porque eu vejo, eu com os meus irmãos, como somos. Minha mãe vive me dizendo: ‘que bom que você reuniu todos, que bom que você mantém isso, que bom que você marcou esse almoço’, e eu vivo fazendo isso porque nós somos em quatro filhos, não sei dizer se é muito ou pouco, mas somos em cinco com minha mãe. Trago os meus sobrinhos juntos também. Faço tudo que eu puder, para trazer sempre todos para o ponto de união da família. Tenho muito mais características da família do lado de minha mãe”.

Análise e interpretação Pode-se destacar como valor da Sra. M a alegria, que, segundo ela, teria herdado de seu avô materno. Ressalta esse ponto ao relacionar o significado de seu sobrenome familiar. Além disso, M também destaca a importância que seu avô dava à família como instituição, à generosidade e à tolerância entre as pessoas, valores que ela cultua.

“Meu pai foi muito empreendedor e visionário, muito visionário, ele não tinha casa própria, mas entrou numa sociedade pra ajudar uma pessoa. Meu pai foi sócio fundador do Clube Sírio, comprou um apartamento no Guarujá porque todos da colônia estavam comprando e não tinha casa própria em São Paulo, morava de aluguel.

Na 25 de Março comprou uma loja pra criar um ponto de comércio dele, ele foi visionário porque ele ia, sim, para todos os lados. Frequentava a Colônia sírio-libanesa e era muito bem recebido. Eu não o vejo só como um empreendedor financeiro, mas como um agregador de pessoas, ele tinha muitas pessoas perto dele que gostava muito dele. ”

Análise e interpretação Os valores atribuídos ao pai, quais sejam, ser empreendedor, visionário e agregador de pessoas, são também seus valores.

“A cobrança da cultura libanesa pra cima da Mulher, a imposição de modo geral, mais a imposição social, é clássica; mostra a maneira pela qual a mulher deva se comportar, eu vejo assim. Minha mãe mostrou isso pra mim, dizendo: não faça nada que falem de você, ou que falem mal, né? Porque, falar bem é mais difícil. ”

“Minha mãe se privou muito, se fechou muito, mas ela se fechou porque a família do meu pai por ser síria ...”. A mãe E pergunta: “Por que?... Sírio? ”; M retoma: “Não. O que a pesquisadora está me falando é como eu vejo e como eu acho, como foi pra mim. Mãe, não é a tua visão das coisas da tua vida, é a minha visão de como eu vejo as coisas, não do seu ponto de vista. ”

A mãe E: “É verdade, você tem razão, M.”

M: “Eu falo de uma cobrança por parte das minhas tias, irmãs de meu pai e na visão da sociedade, que minha mãe não poderia agir de modo diferente porque, afinal, os filhos são do F. Minha mãe prestava contas de todos os passos dela e dos filhos para as tias. Tal o controle. Então minha mãe se privou. Para que não houvesse cobranças, minha mãe buscou sempre de colocar os filhos o mais na linha possível, porque aí os irmãos do F poderiam comentar alguma coisa.”.

“Eu era contra essas regras todas, mesmo porque eu não gostava e também porque o meu pai já havia falecido e então ficava uma coisa que eu não entendia; o porquê dessas cobranças. E por outro lado, minha mãe tinha que passar essas regras, porque as cobranças das minhas tias e tios em relação a nossa família eram grandes, mesmo meu pai tendo falecido. Por esse motivo, minha mãe buscou de nos colocar mais ou menos nesses trilhos.”.

Análise e interpretação Aqui, M aborda uma circunstância familiar recorrente, que é reflexo de valor cultural e familiar, com o qual discordava veementemente, mas com que teve de conviver, principalmente na infância e adolescência.

“Não tenho filhos, mas tenho muitos afilhados, que cuido realmente deles. Agrego e também cuido bem de meus sobrinhos e afilhados, busco sempre assim de dar um apoio não só às amigas, mas também aos filhos dessas amigas, com esses meus afilhados busco manter um diálogo com eles, é até para saber de dificuldades, como posso ajudar melhor. Sinto essa responsabilidade, não estou gerando, mas eu estou criando também ou ajudando a criar. ”

Análise e interpretação Sra. M não constituiu família, porém mantém os valores culturais junto a seus agregados – afilhados e sobrinhos-, colaborando para dar continuidade à tradição familiar.

6.1.2.1 Análise e interpretação dos resultados

a) Pontos de Resiliência - Enfrentamento, Adaptação

- Conflito intrafamiliar.
- Controle e mando da família do pai, exercendo pressão sobre a família de M.
- Distanciamento de sua família em relação à família paterna (tios, tias e primos).
- Perda do pai e do avô, por morte.

b) Superação e Transformação

O processo de superação foi construído fundamentalmente na figura da mãe, a qual soube conviver com os conflitos familiares provocados pela interferência da família do pai nos processos de controle e mando, dando a si e seus irmãos condições de superar essa realidade.

6.2 Família B

6.2.1 Família B - 1ª Geração

O relato da sra. N foi bastante sucinto, não presencial, entregue por escrito pelo filho L - 2ª geração. Desse relato podem ser extraídas poucas informações, a seguir expostas:

Pelo relato, pode-se dizer que é pessoa reservada, nada falou sobre si própria, focando na relação com o marido, o seu negócio, e também, menção aos sogros.

Pelo seu filho L, soube-se que sra. N é pessoa forte, que deu suporte aos seus filhos, principalmente após o falecimento de seu marido. O filho L destaca a importância do apoio emocional que sua mãe lhe confere.

Um relato de pessoa forte, boa autoestima e com visão aberta para mundo. Sra N fala da cultura síria, pois seu sogro era de Damasco. Sra N fala dos almoços aos domingos na casa de seus sogros, onde a família toda se reunia e conversavam de tudo. O que sempre foi marcante para ela, eram essas reuniões familiares. Sentia a união da família

a) Padrões de Organização Familiar

Segundo Walsh, “...os padrões organizacionais incluem a mobilização de recursos e a estrutura familiar, definindo as relações e regulando comportamento;...”

Sra. N nada fala de sua família ascendente. Destaca a boa relação com a família de seu marido, em particular seu sogro e sogra, a quem atribuiu a manutenção das tradições e da cultura síria em sua família, através de almoços de domingo e encontros familiares.

b) Processos De Comunicação - Grupo/Família

Segundo Walsh “ os processos de comunicação, definidos a partir da qualidade das trocas de informações”.

Pelo relato de seu filho L, depreende-se que a comunicação familiar é boa, as mensagens são claras e consistentes, ao ponto de L declarar que a única pessoa o conhece de fato é sua mãe N.

c) Sistemas de Crenças/ Valores

Segundo Walsh “...os sistemas de crenças, que abrangem valores, convicções e atitudes que desencadeiam emoções e guiam ações, favorecendo ou restringindo as possibilidades de enfrentamento das adversidades”

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, principalmente pelo falecimento prematuro de seu marido, a família representada na figura de N, sempre buscou de passar aos filhos esperança e otimismo, atitudes que têm sido importantes na condução de suas vidas.

6.2.1.1 Análise e Interpretação dos Resultados

Não foi possível apresentar os pontos de resiliência – enfrentamento/ adaptação e superação e transformação, porque o relato da entrevistada não abordou essas questões.

.

6.2.2 Família B - 2ª Geração

a) Padrões de Organização Familiar

Segundo Walsh, “...os padrões organizacionais incluem a mobilização de recursos e a estrutura familiar, definindo as relações e regulando comportamento;...”

“Meu bisavô e avô são de Damasco Depois vieram para o Brasil. Antes de chegar ao Brasil, meu avô passou por Portugal – Lisboa e comprou minha avó, pagou o equivalente a três camelos por ela. Ela tinha 15 anos de idade e foi necessário pedir autorização para casar, e em seguida, migraram para Brasil.

Entraram por Recife, onde se estabeleceram por um tempo, abrindo um comércio; onde parte inferior desse prédio era o comercio e a parte superior era a moradia. Enfim, esse comércio de rua, tipo um empório, fez com que eles prosperassem.

Inicialmente, vieram para o Brasil meu avô e dois irmãos dele. Vieram sozinhos, não tinha nenhuma referência aqui no Brasil para acolhê-los. Ainda hoje, tenho um tio que permaneceu lá em Recife.”

Análise e interpretação O relato de L comprova um padrão imigratório bastante comum no final do século XIX/ início do século XX, qual seja, a vinda ao país de membros pioneiros que se estabeleciam, e a partir de então, davam condições para chegada de outros membros da família ou da região de origem. Havia uma predominância da atividade econômica voltada para o comércio, seja como mascates (ambulantes) seja se estabelecendo em pequeno comércio, que gradativamente ia se expandindo.

Deve-se destacar o episódio pitoresco do casamento de seus avós: a compra de uma noiva por três camelos denota que a união matrimonial não se fez em bases emocionais, afetivas, mas sim, por interesse e conveniência das partes.

“Meu sobrenome penso que tenha sido mudado com a imigração; acho que era Az, e no momento do registro aqui de entrada ficou Al.

O funcionamento da família era mulheres de um lado, homens do outro, falando de negócios, futebol.

Análise e interpretação O sr. L mostra o funcionamento social bastante característico de sua família: em eventos sociais, havia naturalmente a segregação de mulheres e homens.

“Meu pai era um representante comercial, morreu cedo. E me tornei arrimo de família logo cedo; assumi a família cedo, isto aos 20 anos de idade. Sustentava a família, inclusive minhas irmãs. Tudo na minha vida aconteceu muito rápido. Sempre fui do comércio desde criança. Sempre tive em mente ter meu negócio próprio. Minha mãe tem muita coisa da cultura árabe. Nós comentávamos que minha mãe era mais árabe que meu pai. ”

“Aprendizado familiar, ter pessoas semelhantes ao seu lado, gravar nomes das pessoas ao seu redor, chance de bons negócios, confiança em tudo que você faz e venha fazer.”.

“Minhas filhas são duas turquinhas. Sou de agregar pessoas, cultivo muito as histórias familiares. Afinal, todos temos uma história. Adquiri da minha mãe esse lado da Inteligência Emocional. Comunicação e relacionamento adquiri dela. ”

“Minha mãe acompanhou sempre todo meu desenvolvimento. Minha mãe me conhece de fato. A determinação de minha mãe foi exemplo forte para mim. Já no meu pai isso não era tão acentuado assim. ”

Análise e interpretação Nesses relatos, destacam-se a união familiar e o papel assumido por L, na ausência por falecimento de seu pai, tornando-se o arrimo de família. Também, a forte relação de L com sua mãe, que lhe deu e dá sustentação emocional.

b) Processos de Comunicação - Grupo/Família

Segundo Walsh “ os processos de comunicação, definidos a partir da qualidade das trocas de informações”.

“Adquiri da minha mãe esse lado da Inteligência Emocional. Comunicação e relacionamento adquiri dela. Minha mãe acompanhou sempre todo meu desenvolvimento. Minha mãe me conhece de fato. ”

Análise e interpretação L se declara uma pessoa expansiva, de fácil relacionamento, seja no âmbito interno do núcleo familiar, seja no âmbito externo comercial/social, características que atribui à influência de sua mãe sobre ele.

c) Sistemas de Crenças/ Valores

Segundo Walsh “...os sistemas de crenças, que abrangem valores, convicções e atitudes que desencadeiam emoções e guiam ações, favorecendo ou restringindo as possibilidades de enfrentamento das adversidades”.

“Aprendizado familiar, ter pessoas semelhantes ao seu lado, gravar nomes das pessoas ao seu redor, chance de bons negócios, confiança em tudo que você faz e venha fazer. Meu produto é meu conhecimento, saber tratar pessoas, inclusive na família. Sei que tenho uma visão um pouco machista, aquela coisa do árabe. ”

Análise e interpretação As características da personalidade de L foram essenciais para o seu processo de enfrentamento. A perda de seu pai e o apoio recebido de sua mãe fizeram com que seu amadurecimento e crescimento ocorressem de forma prematura, porém positiva. Também, L se identifica muito com a cultura e os valores sírios.

“O árabe tem um pé na cozinha por jogo. – Carteadado tudo a dinheiro. Vi muito isso. Entrei muito em vários campeonatos desde vôlei ao tênis. Sou competitivo”

Análise e interpretação A sua característica competitiva foi mais um elemento a contribuir para o seu amadurecimento e crescimento.

“O nome Al acaba em mim, foi impactante no princípio, mas hoje isso é bem administrado. A empresa que tenho está no meu nome AL, e essa marca veio para ficar.”

Análise e interpretação A não continuidade do nome de família costuma ser frustrante para o árabe. Ao transferir a importância da continuidade nome familiar para a empresa, que leva o mesmo nome, L encontra conforto emocional para essa situação, pois, segundo suas palavras, “essa marca veio para ficar”.

6.2.2.1 Análise e Interpretação dos Resultados

a) Pontos de Resiliência- Enfrentamento, Adaptação

- A morte do pai, no início da década de 1980.
- Ser arrimo de família (mãe e irmãos)
- Por ser uma pessoa bem relacionada e também estimulado pela mãe.
- Amadurecimento precoce. Não teve espaço para grandes erros.

- O processo de superação se deu em função do apoio familiar na figura da mãe e rede de amigos que L estabeleceu
- b) Superação/ Transformação
O processo de superação se deu em função do apoio familiar na figura da mãe e rede de amigos que L estabeleceu.

6.3 Análise e Interpretação sobre as Família A e Família B

Os entrevistados trazem em suas narrativas personagens que marcaram momentos que delinearam seus percursos de vida. Essas narrativas possibilitam o resgate do passado, melhor entendimento do presente e a projeção de um futuro. Iniciam as conversas traçando suas trajetórias de vida até o momento atual. Contam como foram desenvolvendo o caminho dentro do contexto de suas histórias, uma forma de contar sobre suas experiências.

Em ambas as famílias, os **padrões organizacionais** entram como processos amortecedores das dificuldades enfrentadas. Ambos os grupos familiares mostram coesão, colaboração clara entre pais e filhos, respeito mútuo e a busca de apoio na família extensa e na rede social externa. O resultado da crise, ou seja, o período pós-adversidade é percebido como transformador e benéfico, e o grupo familiar se sente mais forte e mais unido, organizado e com um grande sentimento de solidariedade. A solidariedade é traço marcante dessas famílias, e poder-se-ia pensar que dentre as categorias eleitas por Walsh (1998,2003,2005) caberia um lugar de destaque para essa categoria, que no caso em questão apareceu como sendo fluida, não rígida, que permeou e parece permear as relações de toda família, dando significado de viver aos seus membros.

No tocante à **flexibilidade**, essa característica fica bastante evidente na família A, principalmente no relato da Sra. E – 1ª geração, ao mencionar as dificuldades enfrentadas na convivência com a família extensa de seu marido, após seu falecimento, quando teve de se adaptar as imposições na forma de viver e conduzir sua vida e de seus filhos; também, quando contornou a situação de gravidez precoce de uma sobrinha. Essa característica de flexibilidade não fica tão evidenciada na família B, por falta de informações.

Quanto à **conexão**, as famílias A e B demonstraram que essa característica está presente, no âmbito da família nuclear. No âmbito da conexão da família extensa, na família A essa característica mostrou-se prejudicada e até quase extinta na relação à família de seu marido,

pelas razões já expostas. Na família B a condição de conexão com a família extensa se mostrou presente.

Quanto aos **processos de comunicação**, notou-se que em ambas as famílias as mensagens são claras, buscando-se sempre não só elucidar as informações que chegam no âmbito familiar, mas também, ao se encaminharem para as ações, as mesmas são levadas a cabo de forma assertiva, com apoio da rede construída.

Enfim há um compartilhamento de sentimentos, pensamentos e ações. Walsh, (1998, 2005) faz referências específicas a aspectos de processos de comunicação interna entre os membros da família. Nas famílias pesquisadas pode-se notar que a comunicação, as transações, vínculos e negociações transcendem à dinâmica intrafamiliar, transbordando para diferentes contextos e ambientes através de quatro padrões de interação: ajuda, aprendizagem, afeto e solidariedade.

Quanto ao **Sistema familiar de crenças**, ambas as famílias apresentam seus valores e crenças particulares, não se encontrando pontos comuns entre elas. Exceção feita à importância dada às tradições, à cultura de origem e aos valores familiares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta dissertação deparei-me com algumas dificuldades naturais ao processo, tais como a extensa pesquisa à bibliografia disponível e, por consequência, o trabalho de condensação da rica informação existente. Mas, por outro lado, encontrei muita ajuda e colaboração nas famílias entrevistadas, nas orientações recebidas, e também nas observações e comentários pertinentes recebidos da egrégia banca examinadora.

Faço uma breve síntese do trabalho, destacando minhas conclusões.

O tema “Resiliência Familiar: Imigração Sírio-Libanesa - Estratégias de Enfrentamento para Adaptação” reúne na verdade vários subtemas de muito peso e profundidade. Um dos subtemas é o estudo do processo padrão de imigração, a sua historicidade, referenciada nas décadas/períodos das ondas migratórias. Ao abordá-lo, faz-se um registro histórico bastante interessante sobre alguns aspectos da formação da sociedade paulista e paulistana, principalmente ao longo do século 20. Outro subtema é o estudo do processo da resiliência, com todas as suas numerosas definições e entendimentos de como ela se processa nas situações de adversidades a que o ser humano está submetido ao longo de sua vida.

A cultura sírio-libanesa trazida pelos imigrantes se misturou harmoniosamente ao caldo populacional que estava sendo constituído no início do século XX, juntamente com as demais culturas imigrantes que gradativamente vinham se estabelecendo em nosso país e particularmente na cidade de São Paulo.

Nossa cidade, pelo seu caráter cosmopolita de enorme metrópole, abriga na sua população, atualmente na casa de 12 milhões de habitantes, muito mais pessoas de origem exótica do que daqueles primeiros habitantes nativos (índios e negros) e colonizadores que eram a base da população local. Basta lembrar que até o final do século XIX a população paulistana era estimada em aproximadamente 240.000 habitantes (31.385 em 1872) e já atingia 1.400.000 habitantes em 1940. Muito desse crescimento vertiginoso deveu-se ao processo de migração interna, principalmente brasileiros da região nordeste, mas também ao afluxo de imigrantes estrangeiros, que foi bastante intenso nesse período.

“São Paulo foi a capital brasileira que mais cresceu em todo o século XX, atingindo a marca de um milhão de habitantes na década de 1930 e se configurando como o município mais populoso do Brasil desde 1960, quando ultrapassou o Rio de Janeiro em população.”

Segundo Truzzi,(1997) São Paulo é a cidade mais multicultural do Brasil e uma das mais diversas do mundo. Desde 1870, aproximadamente 2,3 milhões de imigrantes chegaram ao estado, vindos de todas as partes do mundo. Atualmente, é a cidade com as maiores

populações de origens étnicas italiana, portuguesa, japonesa, espanhola, libanesa e árabe fora de seus países respectivos, e com o maior contingente de nordestinos fora do Nordeste.”

“A comunidade italiana é uma das mais fortes, marcando presença em toda a cidade. Dos dez milhões de habitantes de São Paulo, 60% (seis milhões de pessoas) possuem alguma ascendência italiana....;No início do século XX, o italiano e seus dialetos eram tão falados quanto o português na cidade, o que influenciou na formação do dialeto paulistano da atualidade.”

“A comunidade portuguesa também é bastante numerosa, e estima-se que três milhões de paulistanos possuem alguma origem em Portugal. A colônia judaica representa mais de 60 mil pessoas em São Paulo” ...”A partir do século XIX, e especialmente durante a primeira metade do século XX, São Paulo recebeu também imigrantes alemães, espanhóis e lituanos. Podemos destacar também a importante comunidade armênia, que fez do comércio e da fabricação de calçados suas principais atividades”.

“Com a decadência da imigração europeia e asiática após a década de 1930, passou a predominar a vinda de migrantes, em sua maioria oriundos da região Nordeste do Brasil. A cidade já contava com população afrodescendente no século XIX, mas foi a partir da segunda metade do século XX que a população de origem africana cresceu rapidamente, através da chegada de pessoas de outros estados brasileiros, principalmente da zona litorânea da Bahia”.

“Uma das colônias mais marcantes da cidade é a de origem árabe. Os libaneses e sírios chegaram em grande número entre os anos de 1900 a 1930. Hoje seus descendentes estão totalmente integrados à população brasileira, embora aspectos culturais de origem árabe marcam até hoje a cultura da capital paulista. Restaurantes de comida árabe abundam por toda a cidade, vendendo pratos que já entraram definitivamente na culinária brasileira: quibe, esfiha, charutinho de repolho etc. A rua 25 de Março foi criada pelos árabes, que eram em sua maioria comerciantes”.

Esse breve resumo da evolução demográfica da cidade de São Paulo no século XX mostra que o processo de imigração foi fundamental para a moldagem da sua principal característica cosmopolita e principal responsável pela sua pujança. E neste contexto, a contribuição sírio-libanesa foi expressiva.

Embora existam paralelos nos fatores indutores nas histórias de imigração das diversas etnias, como o desejo de melhores condições de vida, existência de guerras, conflitos sociais, raciais ou religiosos nos países de origem, entre outros, cada etnia traz sua particularidade.

Analisado no contexto histórico e social, o processo de imigração sírio-libanesa pode ser sintetizado como segue. Como primeiro fator indutor, a expulsão da terra de origem (dos

atuais Síria e Líbano) pelas dominações sofridas por esses povos pelos turcos otomanos e posteriormente pelos franceses. Um segundo motivo mobilizador das emigrações foi a melhoria dos transportes marítimos e terrestres que facilitou a chegada de bens manufaturados europeus na região do Oriente Médio, o que contribuiu para a desorganização do comércio local e levou à falência um número grande de artesãos locais que não conseguiram competir com o preço dos bens importados. Agregado a isto está o aumento populacional, que exigiu mais terras e mais produtos, e isto não havia para todos. Outro fator frequente e gerador de uma série de discórdias são as disputas religiosas, particularmente, entre cristãos e muçulmanos. Essas eram fomentadas pelos turcos otomanos e franceses, que para melhor dominarem apoiavam um ou outro grupo, causando hostilidades entre eles.

Problemas, como as guerras, fizeram com que muitos fugissem por medo de serem mortos, medo de serem convocados pelo exército, e também a fome surgida com o fim da Primeira Guerra Mundial. Na sequência, houve as perseguições políticas exercidas pelo poder executivo sírio ou libanês contra aqueles que fizessem oposição à forma de governo. Por extensão, outro fator motivador para emigração, que afetava diretamente os jovens sírio-libaneses, referia-se à política do império turco-otomano de convocar esses jovens para servir no exército. Para fugir a essa obrigação, a emigração era uma solução possível.

Nas entrevistas, foram apresentados os roteiros do processo migratório de cada família. Os que eram naturais do atual Líbano, vieram de várias cidades como Beirute e Zahlé. Já os imigrantes que deixaram o território da atual Síria, procediam em sua maioria de Damasco. Esses estrangeiros geralmente passavam por outras cidades antes de dirigirem-se para São Paulo, como pelo estado do Maranhão, Pernambuco, depois Rio de Janeiro. Com os depoimentos colhidos constatou-se que os sírios e os libaneses escolheram a cidade de São Paulo para viver porque esta era considerada um lugar de amplas possibilidades para negócios, uma concentração de patrícios que se retroalimentavam via a construção de uma forte rede de apoio e boas oportunidades de trabalho.

Para esse grupo étnico, que se dedicou primeiramente a mascateação a fim de amealhar dinheiro, a cidade proporcionava excelentes oportunidades, por ser importante núcleo cafeeiro e vivenciar no período estudado um crescimento urbano-industrial. Depois de um tempo como mascates, alguns desses imigrantes sírios e libaneses acabavam por montar estabelecimentos comerciais, geralmente localizados na Rua 25 de Março.

Já no âmbito pessoal e familiar, o processo decisório de emigrar envolve um conjunto de variáveis bastante complexo, pelas várias situações de adversidades a serem enfrentadas ao longo do tempo por esse imigrante. Portanto, a decisão de emigrar, quando não motivada por

situações extremas, tais como, guerra, perseguição política, conflitos étnicos, entre outras, é algo que é construído passo a passo, e que requer um mínimo de planejamento e não acontece da noite para o dia. A dificuldade de deixar para trás muitas vezes parentes, amigos, algumas vezes mulher e filhos, para se aventurar a um lugar desconhecido é suplantada pelo anseio de buscar melhores condições de vida, uma nova oportunidade

A família foi um fator estimulador da emigração, isto porque o indivíduo ou grupos que tomavam essa decisão tinham o pensamento voltado ao firme propósito de conferir ao seu núcleo familiar melhores condições de vidas e perspectivas de futuro. Em grande medida, o custeio inicial da empreitada era feito pela família nuclear e/ou extensa, que era recompensada pelo envio ao seu país origem de recursos acumulados pelo emigrante em seu novo país. Ou então, o emigrante criava condições para que outros membros da família pudessem fazer seu processo de emigração.

Uma vez estabelecidos na nova pátria, a aculturação se desenvolveu gradualmente. Um dos aspectos que mais colaborou para tal refere-se aos matrimônios contraídos: num primeiro momento predominaram casamentos entre patrícios, isto é, no interior do grupo étnico. Mas, a partir da década de 1930 tornaram-se comuns também os matrimônios externos ao grupo, principalmente, homens sírios ou libaneses que se casavam com mulheres brasileiras ou de outras nacionalidades, tornando-se mais um fator de aproximação entre a cultura sírio-libanesa e a brasileira. Aproximação também percebida através dos apadrinhamentos de casais brasileiros ou pessoas de outras descendências, na medida em que isso pressupunha, muitas vezes, relação próxima de amizade e respeito.

A pesquisa bibliográfica do presente estudo mostrou também as características das atividades profissionais e econômicas desses imigrantes. Observou-se que a maioria dos sírios ou dos libaneses se dedicou à profissão de mascate, atividade que por vários meios e durante certo período foi reprimida pelas autoridades municipais. Esse último ponto deve ser ressaltado, porque provocou situações de desavenças e conflitos para comunidade sírio-libanesa pelas suas atividades comerciais, uma vez que os comerciantes estabelecidos ficavam descontentes com os ganhos e as práticas adotadas pelos vendedores ambulantes. Esse descontentamento se traduzia na prática em ações contra esses comerciantes em várias instâncias, como na justiça, na imprensa, na Associação Comercial, na Câmara Municipal, etc. e também, em ações de agressões físicas e pessoais.

Por fim, foram analisados os mecanismos de ascensão social verificados no interior desse grupo de imigrantes. Verificou-se que entre os sírios e os libaneses estabelecidos em São Paulo poucos foram os que conseguiram, no período estudado, tornar-se grandes industriais.

Aqueles que ascenderam economicamente e socialmente dedicaram-se, em sua maioria, às atividades comerciais.

Foi de extrema importância as trocas culturais vivenciadas entre esses imigrantes e a população de São Paulo. Neste sentido, a imigração levou a um enraizamento desses imigrantes e descendentes em um novo território, sem que ocorresse uma ruptura total com o país de origem. Desde então passaram a amar ainda mais sua terra, pois lá ficaram familiares, amigos, e encontravam conforto com a ideia de um lugar bom que precisaram deixar em busca de melhores empregos e para onde um dia voltariam ao menos para visitar.

O resumo histórico apresentado acima, apoiado nos trabalhos de (Sayad,1998 e Truzzi,1992,1997 e 2005) entre outros, encontra perfeita ressonância com as histórias de vidas das famílias A e B estudadas. Pode-se mudar algumas datas ou localidades de onde e quando se estabeleceram, mas o enredo das histórias é praticamente idêntico ao dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores citados.

Esse fato reforça a convicção de que o processo de imigração de sírios e libaneses para o Brasil, e para a cidade de São Paulo, tem uma vertente única, de um povo trabalhador, dedicado, muito habilidoso nos negócios e no comércio, que marcaram a cultura e o modo de viver de brasileiros, em especial, dos paulistanos. Os processos de enfrentamento, adaptação, superação e transformação são exemplos a serem analisados e, quando cabível, copiados.

Os discursos dos participantes revelam a persistência diante das dificuldades trazidas pelas próprias circunstâncias. As estratégias de enfrentamento são transmitidas de pais para filhos, sentimento de pertença à comunidade em que vivem; igualmente, a fé e os laços de amizade entre aquele imigrante e pessoas da terra aparecem como características importantes, as quais certamente estão relacionadas a processos de resiliência vivenciados por esses imigrantes. Eles falam de superação, mostrando a força da rede de apoio, da colônia, amigos, vizinhos, no meio ao qual estão inseridos, enfrentando as adversidades de forma positiva, fazendo sentirem-se protegidos.

Os fatores de proteção são encontrados no acolhimento, nessa rede de apoio estruturada, que se sobrepõe aos fatores de riscos, favorecendo o desenvolvimento saudável individual, da família, e nas relações com pessoas de outros grupos.

Cabe reforçar o papel indiscutível da rede de suporte social para favorecimento dos processos de resiliência desses imigrantes nesse contexto. Resiliência é produzida de modo social e cultural.

A beleza das narrativas, com dificuldades ou não, são tecidas como uma colcha de retalhos e costuradas com fios de sentido. Essa foi a sensação dos entrevistados ao final de nosso trabalho.

As coisas até então vivenciadas e nunca antes pensadas ou refletidas são resgatadas de modo prazeroso, e como num estalar de dedos passam a fazer sentido, descortinando tudo aquilo que antes estava encoberto.

Foi para mim, como pesquisadora, muito gratificante ter participado desse trabalho e de ter podido compartilhar com as famílias A e B as suas emoções, suas conquistas e as suas histórias. A família A me sensibilizou ao afirmar que eu seria aquela pessoa que chegou para abrir portas e janelas dando incentivo para a feitura de um livro de família. O empenho, disposição e alegria da família B, da segunda geração, me foram relatadas com muita emoção e orgulho, ao falar dos desafios e do crescimento da família, quando em situações de enfrentamento, sempre encaradas de forma muito positiva e bem-sucedida.

Sou muito grata a essas famílias que me ensinaram de diferentes formas sobre processos de superação, adaptação e transformação, de acordo com o seu funcionamento familiar, no que diz respeito a sua organização, processos de comunicação, crenças e valores.

REFERÊNCIAS

- Achotegui, Joseba. “Los duelos de la migración: una perspectiva psicopatológica y psicosocial” in Perdiguero, Enrique; Comelles, Joseph M. (org.). *Medicina e Cultura*. Barcelona: Editorial Bellaterra, 2000, p. 88-100.
- _____. *La depresión en los inmigrantes. Una perspectiva transcultural*. Barcelona: Editorial Mayo, 2002.
- _____. “Estrés Límite y Salud Mental: El Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico y Múltiple (Síndrome de Ulises)”, in *Revista “Norte” de salud mental de la Sociedad Española de Neuropsiquiatría*, V, 21, 2004, p. 39-53.
- Achotegui, J. *Emigraren Situación Extrema: el síndrome del inmigrante con estrés: Barcelona 2014*.
- Aglio, Débora Dalbosco Dell; Koller, Sílvia Helena; Yunes, Maria Angela Mattar. *Resiliência e Psicologia positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- Amado, J.e Ferreira, M.de M (org.) *Usos e abusos da História Oral*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- De Antoni, C.; Koller, S. H. *Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares*. **Psico**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 39-66, 2000.
- Anderson, T. *Processos reflexivos*. Noos/ITF: São Paulo, 1997.
- Arendt, H. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000
- Arendt, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997,
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- Barudy, Jorge; Dantagnan, Maryorie. *Los Buenos tratos a la Infancia. Parentalidad, apego y resiliencia*. 3ª Ed. Barcelona: Gedisa Editorial 2007. 254p
- Barros, D. D. - *Histórias narradas, histórias vividas: crises pessoais e transformações sociais em uma localidade negro africana*. *Estudos Afro Asiáticos*, v. 26, p.87-110, 2004a.

Bayer e J. Shotter (Eds.). *Reconstructing the psychological subject: bodies, practices and technologies*. Sage: London.

Benjamin, W. *Textos Escolhidos – Walter Benjamin et al.* Tradução de Modesto Carone et al. São Paulo: Abril Cultural, (coleção Os Pensadores) 1983.

Benjamin, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense 1993.

Berry John; Poortinga, Ype. *Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: University Press, 2002.

Blainey, Geoffrey *Uma breve história do mundo* – São Paulo SP – Editora: Fundamento Educacional 2007.

Blum, Robert Wm. - *Risco e resiliência: Sumário para desenvolvimento de um programa. Adolescência Latino-americana*, 1(1). Recuperado em 30 de junho, 2016, da Scielo (Scientific Electronic Library On Line): www.scielo.br

Bosi, E. *Cultura e desenraizamento*. In: BOSI, A. *Cultura Brasileira – Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.

Bosi, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

Bosi, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 2ª ed. São Paulo – SP: T.A. Queiroz Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1987.

Bosi, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Brito, R. C.; Koller, S. H. *Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo*. In: Carvalho, Alysson Massote (org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Bronfenbrenner, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (Tradução VERONESE, M. A. V.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Original publicado em 1979). 272p.

Bruner, J. - *Atos de significação*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997. Chiari, G e Nuzzo, M. L. Psychological constructivisms: a metatheoretical differentiation. *Journal of Constructivist Psychology* 9, 3, 1996.

Cabral, Sandra S.; Cyrulnik, Boris., - *Resiliência- Como Tirar Leite de Pedras*. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

Cecconello, A.M.; Koller. S.H. Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco. In: Koller. S.H. (Org.) *Ecologia do Desenvolvimento Humano. Pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casado Psicólogo, 2004.

Cervený, Ceneide Maria de Oliveira (organizadora). *Família e ...*- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Chiari, G e Nuzzo, M. L. *Psychological constructivisms: a metatheoretical differentiation*. *Journal of Constructivist Psychology* 9, 3, 1996.

Coimbra, R.M.; Moraes, N.A.D., - org. – *A resiliência em questão – Perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre, RS – Editora Artmed, 2015.

Cojocarú, Lacette Lehen. “Migrações forçadas: o exílio político no Brasil” in Jacques, Wilson Cleber Antunes et al. *Histórias e memórias de psicologia: trabalhos premiados no concurso comemorativo dos 40 anos de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: CRP 7ª Região, 2003, p. 13-23.

Cyrulnik, Boris. *La maravilla del dolor* – Barcelona, Granica, 2001.

Cyrulnik, Boris et al. *El realismo de la esperanza. Testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia*.- Barcelona: Gedisa, 2004.

Cyrulnik, Boris. - *Falar do amor à beira do abismo* São Paulo. - Martins Fontes, 2006.

Cyrulnik, Boris. - *Os alimentos afetivos – o amor que cura*. - São Paulo, Martins Fontes, 2007.

Deleuze, G., in Martinelli, M.L., On, M.L., Muchail, S.T. - *O uno e o múltiplo nas relações do saber*. São Paulo, Ed. Cortez, 1995.

Delgado, L.A.N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

Dell'Aglio, Débora Dalbosco; Koller, Silvia H; Yunes, Maria Angela. *Resiliência e psicologia positiva: interface de risco e proteção*. São Paulo, SP. Casa do Psicólogo, 2006

Dicionário Google On Line

Diegues J., M. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.

Falceto, O.G. - Pesquisando a Resiliência Familiar. In: Macedo R.M.S. (org.) *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Rocca, 2008.

Fausto, Boris et al. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo: Sumaré e UFSCAR e FAPESP, 1995. Fausto, Boris; Grün, Roberto; Sakurai, Célia; Truzzi, Oswaldo.

Fausto, B. et al. *Imigração e Política em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1995.

Fausto, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.

Fausto, B. *Negócios e Ócios; história da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Felman, Shoshana, - *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. Tradução Ariani Bueno Sudatti; prefácio Mário Seligmann Silva - São Paulo: Editora Edipro, 2014

Féres, A. - *O mascate*. São Paulo: Laiazul, 1970.

Ferreira, M. de M. (org.) *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

Flack, F. - *Resiliência: a arte de ser flexível*. São Paulo: Saraiva, 1991

Franco, M. H.P. *Atendimento psicoterapêutico no luto*. São Paulo: Zagodoni, 2014

Frankl, Viktor E. - *Em Busca de Sentido*. São Leopoldo- RS. Editora Sinodal, 1985.

Freitas, S. M. de. *E chegam os imigrantes... O café e a imigração em São Paulo*. São Paulo: Chevalier, 1999.

Freitas, S.M. *E chegam os imigrantes*. 2ª ed. Edição da autora: São Paulo, 1999.

Freyre, Gilberto. - *Casagrande e Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

Fried, Schnitman, D. e Fuks, S. I. - *Metaforas del cambio: terapia y proceso*. In D. Fried Schnitman (Ed.), *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*, 1994. p.377-391.

Ferreira, E. A.P., Mettel, T. P. de L. - *Interação entre irmãos em situação de cuidados formais - Psicologia Reflexão e Crítica*. Ano/vol.12, número 001. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. p.133-146,1999.

Garnezy, N. (1991). *Resiliency and vulnerability to adverse developmental outcomes associated with poverty*. *American Behavioral Scientist*. 34(4), 416-430.

Garnezy, N. (1993). *Children in poverty: resilience despite risk*. *Psychiatry* 56, 127-136.

Gergen, K. J. - *The ordinary, the original and the believable in psychology's construction of the person*. In B. M. 1985

Gergen, K. J. *Construcionismo Social – Um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro, Instituto Noos, 2010.

Giacoaia Jr., O. *Heidegger Urgente- Introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

Grandesso, M. A.- *Da família de origem à família atual do terapeuta*. Fofat e formação terapêutica: uma avaliação. Palestra apresentada no III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar e I Encontro Latino Americano. Rio de Janeiro, 1998.

Grandesso, M.A. - *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

Greiber, Betty Loeb et ali. - *Memórias da imigração - libaneses e sírios em São Paulo*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

Grotberg, Edith Henderson. Introdução: Novas tendências em resiliência. In: Melillo, A; Ojeda, E. N. S. e colaboradores. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.

Grotberg, E. H. *La resiliência em el mundo de hoy - Cómo superar las adversidades*. - Editorial Gedisa S.A. Barcelona, España, 2008

Halbwachs, M. - *A memória coletiva*. - São Paulo: Vértice, 1990.

Hawley, D.R. e DeHann, L. (1996). - Toward a definition of family resilience: integrating lifespan and family perspectives. - *Family Process*, 35(3), 283-298.

Heidegger, M. *O caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1969.

Infante, Francisca. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: Melillo, Aldo; Ojeda, E. N. S. e colaboradores. - *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

Junqueira, M. de F. P. Da S; Deslandes, S. F. - *Resiliência e Maus Tratos à Criança*. - Cadernos de Saúde Pública, v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003.

Melillo, Aldo; Ojeda, E. N. S. e colaboradores. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Kant, I. - *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. Editora Abril: São Paulo, 1974, orig. 1787.

Kolbo, JR. (1996). Risk and resilience among children exposed to family violence. *Violence and victims*, 11(2).

Kotliarenco, A.M.; Cáceres, I.; Álvarez, C.- *Resiliencia. Construyendo en la adversidade*. - Ed. Ceanim, Sgo. De Chile 1996

Kozakai, Toshiaki; Wolter, Rafael Pecly. - *Armadilhas do multiculturalismo: análise psicossocial da integração à francesa dos estrangeiros* - in Alethéia– Revista de Psicologia, Canoas (ULBRA), n. 26, 2007, p. 11-26.

Lisboa, C.; Koller, S. H.; Ribas, F. F.; Bitencourt, K.; Oliveira, L.; Porciuncula, L. P. e De Marchi, R. B. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15 (2), 345-362.

Libório, Renata Maria Coimbra; Castro, Bernardo Monteiro e Coelho, Angela Elizabeth Lapa. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: Aglio, Débora Dalbosco Dell; Koller, Sílvia Helena; YUNES, Maria Angela Mattar. *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 89-115;

Libório, R.M.C. e Morais, N.A.de *A Resiliência em questão perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

Libório, Renata Maria Coimbra; Castro, Bernardo Monteiro e Coelho, Angela Elizabeth Lapa. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: Lisboa, Carolina; Koller, Sílvia Helena.; Ribas, Fernanda Freitas; Bitencourt, Kelly; Oliveira, Letícia; Porciuncula, Lízia Pacheco; Marchi, Renata Busnello De. (2002). - *Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. Psicologia: reflexão e crítica*. - 15(2). Recuperado em 29 de junho, 2016, da Scielo (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br .

Luthar, S. S., & Zelazo, L. B. (2003). Research on resilience: An integrative review. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 510-549). Cambridge, UK: Cambridge Press.

Masten, A.S. Coatsworth, D.J. *The development of competence in favorable and unfavorable environments: lessons from research on successful children*. *American Psychologist*, 53 (suppl.,2):205-220,1998.

Macedo, R. M. S. (org.) - *Terapia Familiar no Brasil na última década* - São Paulo, Editora Roca, 2008

Macedo, R. M. S.; Figueiredo, D.M. - *Diálogo Intercultural - uma experiência transformadora*. São Paulo: Ed. Paco Editorial, 2014.

Macedo, R. M. S. (org.). – *Família e Comunidade*. São Paulo – Editora Juruá, 2014.

Macedo, R. M. S. (org.) - *Expandindo Horizontes da Terapia Familiar*. Editora CRV. 2016.

McCubbin, M.A. e McCubbin, H.I. (1993). - Families coping with illness: the resilience model of families stress, adjustment, and adaptation. Em C. Danielson; B. Hamel-Bissell & (Orgs.), *Families, health, & illness –perspectives on coping and intervention* (pp. 21- 63). St Louis: Mosby.

Mccubbin, H.I; Thompson, A.L; Mccubbin, M.A. - Family Assessment: *Resiliency, Coping and Adaptation* American Journal, 53,1998

McCubbin et. al. - *The dynamics of resilient families*. - Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1999. 279 p.

Marx, K. e Engels, F. *A ideologia alemã*. (Feuerbach). 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

Márquez, G. G. - *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Mascolo, M. F. e Pollack, R. D. - *Frontiers of constructivism*. Journal of Constructivist Psychology,10, 1997.

Maturana, H. - *A árvore do conhecimento*. Ed. Psy, São Paulo,1972 MINGERS, J.. Self-Producing systems: implications and applications of autopoiesis. Plenum Press: New York, 1995.

Meihy, J. C. S. B. - *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

Meihy, J. C. S. B.; Holanda, F. - *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

Meihy, M. - *Os Libaneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

Melillo, Aldo; Estamatti, Mirta; Cuestas, Alicia. (2005). - Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: Melillo, Aldo, e Ojeda, Elbio Nestor Suárez. (orgs). - *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. - Porto Alegre: Artmed, 2005. p.59-72.

Mini Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro – RJ. Editora Objetiva 2003.

Minayo, M. C. S. *A violência na adolescência: um problema de saúde pública*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 278-292, setembro, 1990.

Minayo, M. C. S. - *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.

Miró, M. T. - Construtivismo terapêutico e psicoterapia científica. In R. F. Ferreira & C. N. de Abreu (Org.), *Psicoterapia e construtivismo: considerações teóricas e práticas*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1998

Monteiro, P.P. (2005). - *Envelhecer: Histórias, Encontros, Transformações* - 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

Morin, E. - Problemas de uma epistemologia complexa. In E. Morin et al. *O problema epistemológico da complexidade*. Publicações Europa-América: Portugal, 1996.

Nelasco, E.C. - *Nas entrelinhas da escritura* - São Paulo: Editora Annablume - p.259 - 2001.

Novo Dicionário Aurélio – *DICIONÁRIO ELETRÔNICO* – Versão 6.0 – Positivo Informática S/A, 2009 – CD-ROM.

Ojeda, E. N. S. Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. (orgs.) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005, 160p.

Ojeda, Elbio Nèstor Suares; La Jara, Ana; Marques. Cláudia. Resiliência Comunitária. In: HOCH, Carlos; ROCCA, - Susana. *Sofrimento, Resiliência e Fé* - Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007, 97p.

Paiva, Odair da Cruz; Moura, Soraya. - *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo*. - São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Pesce, Renata P.; ASSIS, Simone Gonçalves de; Santos, Nilton; Oliveira, Raquel de V. Carvalhaes. - *Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência*. - Psicologia: Teoria e pesquisa, Brasília, v. 20, n. 2, p. 135-143, Mai/Ago, 2004.

Pinheiro, Débora Patricia Nemer. (2004, janeiro/abril). - *A resiliência em discussão*. Psicologia em Estudo, 9(1). Recuperado em 30 de junho, 2016, da Scielo (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

Placco, Vera. Maria Nigro de Souza. Resiliência e desenvolvimento pessoal. Tavares, J. (org) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p.7-12.

Polleto, Michele; Koller, Sílvia Helena. - Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: Aglio, Débora Dalbosco. Dell. Koller, Sílvia Helena.; Yunes, Maria Angela Mattar. - *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

Pollak, M. - *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos* - 5(10),1992, pp200-215.

Queiroz, M. I.; Mahfoud, M. Halbwachs. - *Memória coletiva e experiência*. Psicologia USP, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

Queiroz, M. I. - Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, O. R. M. von (org.) *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.

Ralha-Simões, Helena. - Resiliência e desenvolvimento pessoal. Tavares, J. (org). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

Rutter, M. (1987). - *Psychosocial resilience and protective mechanisms*. American Journal of Orthopsychiatry, 57(3), 316-331.

Rutter, M. (1994). - *Individual Characteristics as a Force in Development*. - Em M. Rutter & D. Hay *Development through life* (pp.79-111). London: Blackwell Science

Rutter, M. (1995). - *Resilience: some conceptual considerations*. Journal of Adolescent Health, New York, 14, 626-631.

Rutter, M. - *Resilience concepts and findings: Implications for Family Therapy*. Journal of Family Therapy, 21 (Supp2):119-144,1999.

Sabbag, P. Y. – *Resiliência – Competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional* – Negócio Editora - São Paulo: Elsevier, 2012.

Santos, J.L e Macedo, R.M.S. - Valores familiares e educação dos filhos na contemporaneidade. In: MACEDO, R.M.S. (org) *Terapia familiar no Brasil na última década* São Paulo: Rocca, 2008.

Santos, Lene Lima; Aglio, Débora Dalbosco Dell. - *A constituição de moradas nas ruas como processo de resiliência em adolescentes*. In: Aglio, Débora Dalbosco Dell; Koller, Silvia Helena; Yunes, Maria Angela Mattar. - *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. P. 203 -231

Sayad, A. - *A Imigração – Ou os Paradoxos da Alteridade* - São Paulo: Editora Edusp, 1998.

Seligman, M. E. P. et al. - *Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions*. American Psychologist, v. 60, n. 5, p. 410-421, 2005.

Sigal, J.J. (1998). - *Long-term effects of the holocaust: empirical evidence for resilience in the first, second, and third generation*. Psychoanalytic Review, 85(4).

Silva, Marta Regina Santos da; Lunardi, Valéria Lerch; Lunardi Filho, Wilson Danilo; Tavares, Katia Ott. (2005). - *Resiliência e promoção da saúde*. Texto e Contexto- Enfermagem, 14(n. spe). Recuperado em 30 de junho, 2016, da Scielo (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

Shotter, J. - *The social construction of our inner selves*. Journal of Constructivist Psychology, 10, 1997.

Shotter, J. - *Cultural politics of everyday life: social constructionism, rethoric and knowing of the third kind*. Open University Press: Buckingham, 1993.

Souza, M.T.S. - *Família e resiliência*. - In: Cervený, Ceneide Maria de Oliveira (org.), 2004. - p. 52-84.

Sparrenberger, Felipe; Santos Iná dos; Lima, Rosângela da Costa. - “*Epidemiologia do distress psicológico: estudo transversal de base populacional*”, in Rev. Saúde Pública [online], v. 37, n. 4, 2003, p. 434-439.

Steier, F. - Introduction: research as self-reflexivity, self-reflexivity as social process. In F. Steier (ed.). *Research and reflexivity*. Sage: London, 1991 Thomas, W. I.; Znaniecki, F. El campesino polaco en Europa y en América. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004.

Tese de Doutorado: Osman, Samira Adel (Catálogo USP). - História Social 2007-04-19- São Paulo. Orientador: Meihy, José Carlos Sebe Bom. Banca Examinadora: Meihy, Jose Carlos Sebe Bom (Presidente); Debiaggi, Sylvia Duarte Dantas; Jarouche, Mamede Mustafa; Moura, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; Truzzi, Oswaldo Mario Serra.

Todorov, T. - *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record. 1999.

Thompson, P. - *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Trombeta, L. H. & Guzzo, R. S. L. (2002). *Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes*. Campinas: Alínea.

Truzzi, Oswaldo M. S. - *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1992.

Truzzi, Oswaldo M. S. - *Patrícios Sírios e Libaneses em São Paulo* (Hucitec, 1997).

Truzzi, Oswaldo M. S. - *Sírios e Libaneses: Narrativas de História e Cultura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Valent, P. (1998). Resilience in child survivors of the holocaust: toward the concept of resilience. *Psychoanalytic Review*, 85(4).

Vinay, A., Esparbés-Pistre & Trap, P. (2000). Attachement et stratégies de coping chez l'individu résilient. *La Revue Internationale de l'éducation familiale*, 9-29.

Vygotsky, L. S. - *A formação social da mente*. Martins Fontes: São Paulo, 1984, orig. 1934.

Walsh, F. - *The concept of Family resilience: crisis and challenge*. - Family Proc.35, (Suppl): 261-281, 1996.

Walsh, F. - Family resilience: *A framework for clinical practice*, *Family Process*, 42(1), 1-18, 2003

Walsh, F. - *Resiliência Familiar: Estrategias para su fortalecimiento*. Buenos Aires: Amorrortu Editore 2004.

Walsh, F. - *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo, Roca 2005.

Walsh, F. - Traumatic loss and mayor disasters: *Strengthening family and community resilience*. *Family Process*, 2007.

Werner, E.E. (1995). - Resilience in development. *Current Directions in Psychological Science*, 4 (3), 81-85.

Watzlawick, P.; Prefácio. In P. Watzlawick (Org.). - *A realidade inventada*. Editorial Psy: Campinas, 1994.

Watzlawick, P.; Introdução. In P. Watzlawick e P. Krieg (Org.). - *O olhar do observador*, Editorial Psy II: Campinas, 1995.

Wedge, M. - *In the therapist's mirror: reality in the making*. W.W. Norton: New York, 1996.

Weil, S. (1934/5). - *O diário da fábrica*. In: Bosi. E. (org.) Simone Weil: “A condição operária e outros estudos sobre a opressão”. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

Weil, S. (1943). - *O desenraizamento*. In: Bosi. E. (org.) Simone Weil: “A condição operária e outros estudos sobre a opressão”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

White, M. - *Deconstruction and therapy, newsletter*, Adelaide; Dulwich Centre Publications, 1991, n.3 pg21-40, p.27.

White, M. - *Reflections on narrative practice and interviews*. Adelaide; Dulwich Centre Publications, 2000.

White, M. - *Mapas da Prática Narrativa*. - Porto Alegre: Pacartes, 2012.

Yunes, Maria Angela Mattar; Szymanski, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Tavares, J. (org). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

Yunes, Maria Angela Mattar. - *A Questão Triplicamente Controvertida da Resiliência em Famílias de Baixa Renda*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Yunes, H, Maria Angela Mattar. - *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 203 - 231.

Yunes, Maria Angela Mattar. - Psicologia Positiva e Resiliência: foco no indivíduo e na família. In: D.D. Dell’Aglío, S.H. Koller, e M.A.M. Yunes (Orgs.) - *Resiliência e psicologia positiva interfaces do risco e proteção* (pp.145-68) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Yunes, M. A. M.; Garcia, N. M.; Albuquerque, B. de M. *Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 444-453, 2007.

APÊNDICE - RELATO DE HISTÓRIAS

FAMÍLIAS A e B – 1ª e 2ª GERAÇÃO

FAMÍLIA A – 1ª GERAÇÃO

“Inicialmente, veio para o Brasil um tio, irmão da mãe, da família M. Com os contatos via carta, veio meu pai. Naquele tempo a viagem era feita de navio na 3ª classe em condições precárias e com uma demora de 40 a 50 dias, imagina isso? Era em 1924. Inicialmente chegaram em São Luiz no estado do Maranhão, e tempos depois, migraram para Rio de Janeiro. Meu pai veio aos 14 anos de idade. Eu sempre fui muito chegada ao meu pai. Tinha uma crença que o redemoinho de minha cabeça, no entendimento de meu pai, que o próximo filho viria um menino; e de fato veio. O filho homem para o libanês é muito importante, pois carrega o nome da família, perpetuação da espécie. E por isso papai era muito grato. Era como se eu estivesse dando um sinal a ele que o próximo filho seria um menino.

Eu me relacionava muito bem com meu pai. Eu era a queridinha do papai. Então tudo que meus irmãos queriam, me pediam para eu falar com papai.

“Meus pais vieram para Brasil de navio. Agora, quando fomos ao Líbano, que seria por um ano, ficamos 10 anos. Porque não podíamos sair de lá. Nós filhos chorávamos. Tínhamos saudades do Brasil.

Estudei no Colégio Sacré Coeur. As aulas de natação, tínhamos no mar, observe que isso para a época era uma atitude/ comportamento bem arrojada.

Algumas crenças de minha família:

Meu irmão fazia leitura da xícara, da borra de café. Isso vem lá das crenças daquela época antiga. Mas funciona.

Quando a galinha bota o ovo, deve-se pegar e passar imediatamente sobre os olhos para fortalecê-los.

O redemoinho na cabeça do filho (a) que antecede aquele que está por nascer indica qual será o sexo do bebê”.

Competição da maior e mais pesada bola de alumínio: E versus prima (no Líbano).

Tinha de ser papel de alumínio de cigarro, bala, enfim tudo que contivesse alumínio. Não valia rolo de alumínio. Quem perdesse teria de dar uma festa a rigor. Aí E pegou uma melancia pequena e começou a colar os pedacinhos de papel alumínio (visando cobrir toda a superfície

da fruta, simulando uma bola maciça de papel alumínio) e pediu ao senhor /dono da mercearia que pesasse a bola. Porém, E tinha a intenção que o valor da pesagem da falsa bola de alumínio fosse divulgado entre os moradores e se espalhasse em comentários. O que aconteceu: os amigos do grupo de E ficaram animados e coletaram mais papeis, fazendo com que a equipe oposta ficasse mais aterrorizada. Aí na data final, E leva a bola verdadeira, que muitos amigos haviam ajudado a montar. Uma cidade próxima a Zahlé ajudou E nessa empreitada.

“Quando em 1971 retornei com o marido ao Líbano, tudo já era muito diferente, tudo era meio cinza, estava tão diferente, aquele verde, só aqui no Brasil”. - (observação feita em meio às lembranças, comparando um período com outro).

“Quando chega uma família libanesa do Líbano para morar no Brasil, todos daquela colônia vão cumprimentar essa recém-chegada família, mesmo não a conhecendo. Vão cumprimentar, ou seja, vão ao encontro dessa pessoa ou família, dando-lhes as boas-vindas. E aí essa pessoa ou família acaba entrando na amizade das pessoas da colônia, em função do apoio que é dado de início. O grupo recém-chegado entra para o círculo de amizades da comunidade. O apoio dado aos libaneses era total e as pessoas se sentiam como se estivesse no Líbano, inclusive minha mãe se sentiu assim quando aqui chegou. Minha mãe se casou no Líbano e veio diretamente para o Brasil sem conhecer ninguém. Meus padrinhos foram escolhidos por minha mãe em relação à amizade criada nesses encontros por pessoas da mesma descendência, ou seja, libaneses. A amizade era mantida e esse relacionamento fazia com que minha mãe se sentisse melhor e acolhida. Era uma rede que estava sendo construída. Acabava se criando um grupo fechado. Mas, ao mesmo tempo que aqueles que quisessem pertencer ao grupo, não tinha problema nenhum, ia chegando, entrando e acabavam participando das atividades do grupo, e finalmente integrados naturalmente no mesmo. Saíam todos juntos para passear, até então não frequentavam nenhum clube na época; mas saíam todos juntos para passear com suas crianças. Depois com a ambientação de todos ao local, é que as crianças foram colocadas nos clubes Homs e Zahlé (cidade de São Paulo) para prática de atividades esportivas. Isto só aconteceu bem depois de um primeiro momento de muitas dificuldades. Mais tarde fora estendido aos grupos de adultos as atividades nos clubes.

Depois de eu ter morado 10 anos no Líbano voltei com minha família para o Rio de Janeiro, onde retornamos à casa onde moramos até então. Era uma casa que estava toda mobiliada, próximo à praça Saens Peña.

Nesse retorno recebíamos visitas de pessoas que vinham de muito longe para cumprimentar meu pai. Por essa ocasião veio um grupo de Belo Horizonte. Tal a importância de acolher os “irmãos libaneses”.

Passados muitos e muitos anos as filhas desse casal de Belo Horizonte observaram que guardavam na lembrança o evento do dia em que vieram de BH para cumprimentar meu pai. Expressavam a alegria que foi para a família delas ir até o Rio de Janeiro fazer tão honrosa visita a meu pai.

Disse a elas que era um puro gesto de amor, tanta atenção e dedicação para com a minha família. Entendi também naquele gesto a importância do valor agregado ao mesmo. Olhe aqui no mapa, você está vendo Zahlé? É bem próximo de Beirute. Zahlé em relação a Beirute é considerado um local quase que sagrado. Sabe por que? Há uma história que diz o seguinte: Deus fez sua obra prima, Zahlé, depois disso não criou mais nada. O que isso tinha haver com os cumprimentos à (minha) família de seu Eas no Rio de Janeiro? É que as pessoas nascidas e que moraram por longo tempo em Zahlé eram o como se fossem irmãos, pois pertenciam a mesma cidade, que era pequena e todos se conheciam. E então isso fazia com que, numa saída de um deles e posteriormente a de outro, quando se encontrassem em outro lugar é como fossem matar a saudade daquele irmão, daqueles irmãos. Portanto, o fato de ser de Zahlé tem um significado muito importante, talvez por todos serem da cidade, se conhecerem bem e associado ao significado especial atribuído ao local, que era muito forte prá eles. Tal a importância da sua origem, que em uma ocasião meu pai esteve internado, quando aconteceu o seguinte episódio: Papai estava internado no hospital com aquele avental... aquela roupa toda aberta atrás muito irritado e ele disse em árabe, ao fugir do hospital, o seguinte: “Eu sou todo poderoso e vou sair daqui, porque sou de Zahlé”. Que audácia de papai!

Observe, Zahlé deve ter mais significados, sobre os quais não consigo falar, porém acho que deu para sentir o que é ser de Zahlé. Nessa ocasião, penso que meu pai estava muito chateado de ficar ali no hospital internado. Amigos diziam que meu pai entrou morrendo e saiu correndo. Foi motivo de muita piada, muita gozação. Imagine só, ele estava com pneumonia!

Minha mãe se chamava A, faleceu aos 85 anos. Minha avó R, mãe de minha mãe, faleceu aos 70 anos. Do lado paterno, meu pai Eas faleceu com 100 anos; a mãe de meu pai S faleceu com 90 anos; ela era uma pessoa incrível, faleceu aos 90 anos após ter tomado uma sopa, aquele caldo verde, e morreu dormindo. Ela morava naquela região do Líbano. Estávamos lá, visitando a região da floresta dos Cedros do Líbano e correram nos avisar que vovó tinha falecido.

Meu avô materno se chamava A.F. Meus irmãos: minha irmã Ae, que significa amada faleceu aos 56 anos; depois vem eu, E, com 87 anos, e por último, meu irmão A.F, que está com 86 anos. As pessoas achavam que eu era parente do R.T e a cada lugar que eu ia, o pessoal me abria caminhos, mas era muito engraçado. Agora, daqui para baixo são todos brasileiros e para cima todos libaneses.

Lado do meu marido F são oito irmãos :1º é o C, 2ª N, 3ªV, 4ª M, 5º F, 6ª Li ,7ª Le e o último 8º R; todos, inclusive o F, são falecidos.

Minha sogra Ja e meu sogro Ar eram sírios. Quando conheci a minha sogra Ja e todos os meus cunhados meu sogro já havia falecido.

Eu e o F nos casamos em 1953.

Meus sogros, quando vieram para o Brasil, foram morar em São Carlos, interior de São Paulo, onde também os filhos nasceram. Demorei 5 anos para ter filhos, minha sogra queria muito ser avó, mas nunca me cobrou. Também quando veio, abri a fábrica. Aí vieram S,1958 – Fl, 1961 – Ma,1963 - Fo,1965”.

Sra. E apresenta uma série de fotos e fala sobre elas:

“- Esta é uma foto de meu pai Eas, com 100 anos. Sempre foi um homem muito bonito. Moreno de olhos verdes. Ele era muito lindo.

- Foto com Sr. Eas e um primo,

-Primeiro passeio para o Cedro do Líbano – foi quando tivemos notícia do falecimento de minha avó mãe de papai de 90 anos; cancelamos o passeio.

-Esta foto é do casamento de meu pai e minha mãe. Olha que foto linda! Quero colocar esta foto junto da de casamento, nós filhos. Acho linda esta foto, nós irmãos.

- Esta foto no Líbano com minhas amigas da escola. Para mim é a foto mais importante, minhas colegas de escola, na cidade de Aley, nas montanhas, a quinze minutos de Beirute, e meu irmão sempre me acompanhando, Tony. Foi minha vida lá. Foto que recebi de um amigo que veio de lá para Brasil, nos visitar. Foto era de 1951. Fiquei numa alegria só. A cidade de Beqa ficava numa planície, onde se plantava só grãos. Nós também fomos sustentados por essa fazenda, a família tomava conta.

- Esta, eu e minha irmã. Ai! Como Ae é bonita e eu acabava me achando feia!

- Esta foto, nós nadávamos aqui no mar e depois subíamos a montanha, para esquiar.

-Esta foto é uma foto muito especial. A foto de F com os irmãos no Cedro do Líbano. Você sabia que o cedro é um dos símbolos do Líbano? O cedro é uma força, uma energia, por isso de abraçar essa árvore tão importante para nós. Cidade dos Cedros – Bchare.

-Esta outra foto - em Quitandinha, esquiando, um dos primeiros passeios que fiz

-As últimas fotos de meus pais no final de vida deles.

Fotos eleitas:

-Primeiro passeio no Líbano:

-Esse passeio nas montanhas, quando fizemos, o carro rodopiou, derrapou e despencou abismo abaixo, parando num determinado ponto. Ah, quando fomos de mudança para o Líbano,

levamos o carro também e foi com esse carro que ocorreu esse acidente, carro da General Motors. Ficamos lá um tempinho até que alguém nos resgatou, e ninguém, Graças a Deus, se machucou, minha mãe estava com um anel maravilhoso, e conseguiu ainda salvar esse diamante de sete quilates. Quando se programava de ir ao Líbano tinha de se ir com joias. Ninguém se machucou, e o fato de não ter perdido a pedra, já valeu.

-No Rio de Janeiro –foto com papai e mamãe, no jardim da casa, onde fomos muito felizes. Ah, ali próximo tinha um galinheiro, onde eu ia buscar ovo ainda quente, que a galinha acabara de botar e passava sobre os olhos, para fortalecer a visão. Nessa casa tinha um chafariz grande e nós colocávamos o maiô e nadávamos lá. Foi muito bom, fomos muito felizes lá. Foi muito divertido.

-Outro momento marcante foi o casamento de minha irmã, foi no Copacabana Palace. Foi muito bonito!

- Padeiro que passava na porta de casa vendendo pão doce. Ele tocava uma buzininha e todos saiam de suas casas, iam até o portão para comprar o pão. Era muito interessante isso.

Estou muito feliz, estou ótima, só tenho coisas boas em minha cabeça. Só coisas boas.

O único momento difícil que passei foi a morte de minha avó no Líbano. E foi por ocasião de um passeio nas montanhas e tivemos que retornar. Lá no Líbano tem uma coisa de mulher não participar de funeral. Mulher não vai a cemitério. Ah, tenho mais uma coisa a contar. Conta-se que meu avô, pai de meu pai, ainda uma criança, foi dado como morto, e estava sendo levado para o sepultamento, quando ao dobrar a esquina de uma rua batem o caixão na quina da esquina, e meu avô, como quem acorda, bate no caixão e quando abrem, ele estava vivo. Ele ia ser enterrado vivo! É brincadeira?? Ele viveu 100 anos!!

Só tenho coisa boa em minha memória, porque tenho alegria de viver. Meu próprio sobrenome tem significado de alegria Fh.

Em 1970 administrei um serviço de homem, com posto de gasolina. Ia bem simples, sem ostentar nada, porque não se pode mostrar nada.

Fiquei muito contente de falar de minha família, foi muito prazeroso! ”.

FAMÍLIA A - 2ª GERAÇÃO

“O significado do sobrenome Fh é alegria. Desde que desde que descobri isso e eu me inspiro nela. Meu avô era sempre muito alegre. Eu carrego isso no gene, carrego isso na minha genética. Essa alegria que carrego até no nome. Eu não assino no sobrenome, mas eu tenho. Até minha mãe comenta comigo você tem 50% Fh e 50% Fk. Investigando um pouco e trabalhando com dinâmicas de liderança, que eu gosto de fazer tudo, eu percebi que a generosidade, a tolerância, as coisas que meu avô dizia e fazia, a maneira dele ser; não era só empreendedor visando a parte financeira, mas era também o cuidado para com parte familiar. Meu avô era uma pessoa que cultivava e mantinha a família, e minha mãe é isso, e eu sou muito mais que isso porque eu vejo, eu com os meus irmãos, como somos. Minha mãe vive me dizendo: ‘que bom que você reuniu todos, que bom que você mantém isso, que bom que você marcou esse almoço’, e eu vivo fazendo isso porque nós somos em quatro filhos, não sei dizer se é muito ou pouco, mas somos em cinco com minha mãe. Trago os meus sobrinhos juntos também. Faço tudo que eu puder, para trazer sempre todos para o ponto de união da família. Tenho muito mais características da família do lado de minha mãe.

Pergunta da pesquisadora (P): Você é a única desse grupo de irmãos que mais tem esse espírito agregador? ”.

Resposta da entrevistada senhora (M): Sou bastante agregadora e tenho esse espírito.

Até quando meus dois irmãos estavam casados, as esposas teriam separados os meus irmãos se eu não tivesse feito um trabalho de agregação entre eles. Eu sei que eu sou um elo, que procura de colocar calma, “vamos tentar vamos conversar, vamos tentar ver”. Com isso os dois trabalham juntos até hoje, coisa que poderia ter dado para traz em função de esposas, desentendimento, né?!

Isso é uma das coisas que eu vejo que veio do lado da minha família, família de minha mãe.

P: Você agrega até nas situações de conflito?

M: É, eu sou apaziguadora.

P: Isso você acha que trouxe da sua mãe?

M: Da minha mãe e do lado de meu avô, nem tanto de minha avó (mãe da minha mãe), é o lado do meu avô (pai da minha mãe).

P: Então você teve bastante convivência com seu avô?

M: É, eu convivi bastante e ele morreu com 100 anos de idade. Foi linda essa convivência, e minha mãe tem grandes chances de viver inclusive até aos 100 anos de idade, é ..., eu acho que... A mãe de meu avô viveu até 102, 103 anos de idade...é, a família que tem uma genética!!

P: O que você acha que é a marca registrada da família de seu pai e de sua mãe para construção da família?

M: Meu pai foi muito empreendedor e visionário, muito visionário, ele não tinha casa própria, mas entrou numa sociedade pra ajudar uma pessoa. Meu pai foi sócio fundador do Clube Sírio, comprou um apartamento no Guarujá porque todos da colônia estavam comprando e não tinha casa própria em São Paulo, morava de aluguel.

Na 25 de Março comprou uma loja pra criar um ponto de comércio dele, ele foi visionário porque ele ia, sim, para todos os lados. Frequentava a Colônia sírio-libanesa e era muito bem recebido. Eu não o vejo só como um empreendedor financeiro, mas como um agregador de pessoas, ele tinha muitas pessoas perto dele que gostava muito dele.

P: Então o que você está me dizendo é que ele interagia com todas as pessoas, participava de vários grupos, tinha participação nos mais variados negócios, era uma pessoa muito dinâmica”?

M: É isso sim, ele buscava de fazer tudo isso e muito mais. Minha mãe ficou viúva com quatro filhos pra cuidar. Ficou viúva aos 47 anos de idade e como nunca trabalhou antes, a não ser os afazeres da casa e nunca mais teve ninguém como parceiro, ela se abriu para o mundo e eu me vejo assim aberta para o mundo como minha mãe e, ao mesmo tempo, agregando a família.

P: Você diria que sua mãe transformou esse luto em competência e pôde se abrir para coisas novas?

M: Eu acho assim... A cobrança da cultura libanesa pra cima da Mulher, a imposição de modo geral, mais a imposição social, é clássica; mostra a maneira pela qual a mulher deva se comportar, eu vejo assim.

Minha mãe mostrou isso pra mim, dizendo: ‘não faça nada que falem de você, ou que falem mal, né? Porque, falar bem é mais difícil.

Mãe de M, senhora E falando: Às vezes não é o falar mal, mas o fato só de ver e poder imaginar que eu possa estar fazendo algo de errado ou fazendo mal a alguém, vão comentar, vão vasculhar sua vida, e isto irá render muitas histórias. Isso só de ver. Não de fazer.

M: Minha mãe se privou de muitas coisas!

E fala: Eu já fui criada assim.

M: Minha mãe se privou muito, se fechou muito, mas ela se fechou porque a família do meu pai por ser síria ...

E: Por que?... Sírio?

M retoma: Não. O que a pesquisadora está me falando é como eu vejo e como eu acho, como foi pra mim. Mãe, não é a tua visão das coisas da tua vida, é a minha visão de como eu vejo as coisas, não do seu ponto de vista.

E: É verdade, você tem razão, M.

M: Eu falo de uma cobrança por parte das minhas tias, irmãs de meu pai e na visão da sociedade, que minha mãe não poderia agir de modo diferente porque, afinal, os filhos são do F. Minha mãe prestava contas de todos os passos dela e dos filhos para as tias. Tal o controle. Então minha mãe se privou. Para que não houvesse cobranças, minha mãe buscou sempre de colocar os filhos o mais na linha possível, porque aí os irmãos do F poderiam comentar alguma coisa.

E pergunta para M: Eu tirei a liberdade de vocês?

M responde: Você de alguma forma você nos privou também, mesmo porque você teve uma vida também muito privada. Você era a privada de tudo.

E se manifesta: Mas vocês fazem tudo escondido”

E a filha E diz: Mas isso é uma outra coisa, éramos crianças e adolescentes, e isso nessa fase acontece, é normal, esconder coisas.

M: Bom para vocês sozinho escondido, já que eu não concordava e não deixava.... Vocês acabavam fazendo escondido, mas você acha que eu tirei a liberdade de vocês? Você acha que eu fiz isso de uma certa maneira?

M: Você obrigou a gente porque você também era muito obrigada pelas irmãs e irmãos de meu pai e mesmo porque você é quem era privada de tudo. Apesar de tudo isso, você é que tinha cabeça mais aberta.

Comentário da M: Com todas essas histórias minha mãe era muito aberta para época, só para você ter uma ideia, na ocasião em que minha prima engravidou minha mãe buscou demonstrar para toda a família que a época era outra e que o assunto deveria ser tratado com cautela. Minha mãe sempre foi uma pessoa atualizada. Conforme o tempo passava ela se atualizava e dizia pra família que as coisas já não eram mais como antigamente; e que as coisas haviam mudado muito hoje; e isso era mais ou menos por volta de 1980.

E: Eu acompanhei de fato, eu busquei de acompanhar essas décadas todas, porém eu não acompanhei no tocante a comportamentos meus, eu fiquei lá traz, mas em relação aos demais, sempre busquei me atualizar.

P para M: Como é que você se sentiu nesses trilhos do clã por parte de pai?

M: Eu era contra essas regras todas, mesmo porque eu não gostava e também porque o meu pai já havia falecido e então ficava uma coisa que eu não entendia; o porquê dessas

cobranças. E por outro lado, minha mãe tinha que passar essas regras, porque as cobranças das minhas tias e tios em relação a nossa família eram grandes, mesmo meu pai tendo falecido. Por esse motivo, minha mãe buscou de nos colocar mais ou menos nesses trilhos.

E expressa o seguinte: Não era elas/eles, que cobravam. Eu já era assim, portanto, eu cobrava de vocês assim.

M retorna e diz: Não, não, elas é que cobravam, sim, da gente. Cobrava como é que eu tinha ido na escola, como é que eu tinha feito determinadas coisas. Eram cobranças e muitas cobranças, a ponto de perdermos muito com a família de meu pai, justamente por essas coisas, cobranças com educação e mais outras tantas coisas. ” Eu não via mais lazer com eles, não sentia mais interesse em vê-los e as coisas acabaram se distanciando. Não existia com a família de meu pai aquela coisa do compartilhar, eu sentia só como cobrança ter de dar satisfação daquilo que se fazia. Viver para dar satisfação para alguém, você começa a se distanciar. Deixávamos de falar, de contar muitas das coisas porque elas eram pessoas muito mais velhas do que minha mãe e não acompanhavam as coisas; então era mais fácil a gente não contar nada. Em casa com minha mãe era muito mais fácil de levar as coisas porque minha mãe é uma pessoa aberta e nós podíamos compartilhar bastante; coisa que com minhas tias e tios era difícil; e com isso, o distanciamento foi aumentando, que ficou tão grande que com a família de meu pai a gente acaba só se encontrando em situações de velório e enterro. Minhas tias acabaram falecendo e com os primos das idades iguais a minha continuamos na mesma situação, a gente não se relaciona, acho que porque ficou aquela história, né? No meio do caminho pela distância já estabelecida, a coisa continuou desse jeito e aí então a gente não se relaciona.

M: Por minha mãe ter sido tão privada é que ela deu liberdade aos filhos e é essa a minha forma de ser hoje, graças à força que minha mãe deu a todos nós. Quando coloco para minha mãe que eu tenho vontade de voar e ela me incentiva dizendo então vai..., vai voar então. Para tudo aquilo que a gente quer uma força, temos apoio minha mãe sempre; como foi na viagem para o Líbano, por exemplo, onde ela deu suporte para isso, dando condição de conhecer e de poder entender um pouco mais sobre as coisas da cultura Libanesa. Minha mãe é bem isso... uma força; que nos dá essa sensação de liberdade, foi ela que me deu essas asas para eu voar. A única coisa que ela pede para a gente, que não chega ser uma proibição, mas um cuidado, zelo, carinho para conosco; é nos chamando à responsabilidade no tocante ao uso do celular, especificamente o WhatsApp, alertando-nos sobre os perigos.

Uma das irmãs (solteira) de meu pai já falecida, quando de sua morte, herdamos sua herança por sermos filhos de meu pai F, que havia sido em vida muito generoso com sua mãe e essa sua

irmã (tia). Fomos os únicos a receber a herança. Tivemos essa mesma tia que gostava só dos meninos, pois carregavam o nome da família; quando em fase adulta dos sobrinhos tinha por hábito convidar todos para almoço em sua residência, pois eles trabalhavam próximo da residência dela.

Não tenho filhos, mas tenho muitos afilhados, que cuido realmente deles. Agrego e também cuido bem de meus sobrinhos e afilhados, busco sempre assim de dar um apoio não só às amigas, mas também aos filhos dessas amigas, com esses meus afilhados busco manter um diálogo com eles, é até para saber de dificuldades, como posso ajudar melhor. Sinto essa responsabilidade, não estou gerando, mas eu estou criando também ou ajudando a criar.

Foi importante e muito bom participar desse trabalho, que proporcionou a nós momentos de descobertas incríveis. Me conhecer mais, descobrir que tenho muito mais coisas de meu pai em mim, do que de minha mãe. Saber mais das histórias de minha mãe, bem como, seu dinamismo, essa coisa de querer viver intensamente.

P: Você teria alguma coisa mais que você gostaria de colocar nesse momento?

M: Uma coisa marcante é que eu continuo me descobrindo e que através dessa pesquisa, dessa entrevista tive oportunidade de entrar em contato com uma série de curiosidades, de descobertas, e isto é um estímulo também para eu chegar até o Líbano, abraçar o cedro-do-Líbano; enfim, é nessas descobertas que sinto uma satisfação imensa do jeito que eu vivo, de forma intensa, e de saber um pouco mais de minhas raízes.

M comenta: Você veio aqui e deixou um monte de janelas abertas pra mim, você abriu um monte de janelas na minha vida só de estar fazendo aí essa pesquisa, esse trabalho, abrir janelas pra falar de mim, pra me conhecer melhor, pra resgatar a minha história; passei a escrever algumas coisas que antes que se perca; o importante é começar registrar como eu já venho registrando alguma coisa; também por isso eu tô muito curiosa pra saber daquilo que você registrou pra que eu possa também compartilhar com os meus irmãos. Comentei com as minhas primas: “tô sabendo de coisas da família que vocês não sabem” e isso acabou gerando uma certa curiosidade por parte delas. São coisas relativas à infância de minha mãe, de meu pai, há coisas que acabam passando e se não registramos, como é que as pessoas vão saber? Meu pai, pra mim, sempre foi um senhor, e eu descobri que ele foi criança, adolescente, adulto só no processo meu de minha terapia.

Olha que interessante o que você já fez conosco!...Abriu muito mais a minha cabeça com relação não só as minhas histórias, nossas histórias, mas as de minha mãe, história de minha mãe com meu pai, história de meus avós, as cidades do Líbano por onde passaram; então veio à tona uma série de coisas, coisas essas de minha origem, que pra mim tem um valor incrível,

inestimável que não pode se perder. Isso tem que ser registrado, tem de ser passado para os nossos descendentes, mostrar a nossa história, quero que os meus sobrinhos saibam disso tudo.

FAMÍLIA B - 1ª GERAÇÃO

“Conheci meu marido L no início da década de 70. Nossas famílias tinham escritórios no mesmo prédio comercial no centro de São Paulo e trabalhávamos lá.

A família dele tinha uma empresa de representação e vendia para mercados, como Pão de Açúcar, especialmente produtos de limpeza e consumo.

A família dele tinha um comércio no Recife antes de mudar para São Paulo e sempre foram muito hábeis em vendas. O meu marido seguiu no ramo e criamos três filhos, sempre através de vendas que eram a principal característica do meu marido.

Moramos nos bairros de Campo Belo, Brooklin até 1979. Quando fomos para Moema, pois os descendentes árabes migraram em boa parte para aquele bairro.

Meu sogro e minha sogra sempre foram os que mais cultivaram a cultura árabe, principalmente promovendo almoços aos domingos para unir a família.

Tivemos três filhos, duas meninas e um menino.”

FAMÍLIA B - 2ª GERAÇÃO

Nasci aqui no Brasil. Descendência sírio-libanesa, dentre outras. Nome de pai: L e de mãe: N, italiana.

Tenho duas filhas Y e Nt.

Meu bisavô e avô são de Damasco Depois vieram para o Brasil. Antes de chegar ao Brasil, meu avô passou por Portugal – Lisboa e comprou minha avó, pagou o equivalente a três camelos por ela. Ela tinha 15 anos de idade e foi necessário pedir autorização para casar, e em seguida, migraram para Brasil.

Entraram por Recife, onde se estabeleceram por um tempo, abrindo um comércio; onde parte inferior desse prédio era o comercio e a parte superior era a moradia. Enfim, esse comércio de rua, tipo um empório, fez com que eles prosperassem.

Inicialmente, vieram para o Brasil meu avô e dois irmãos dele. Vieram sozinhos, não tinha nenhuma referência aqui no Brasil para acolhê-los. Ainda hoje, tenho um tio que permaneceu lá em Recife.

Tio R ficou por lá. Abriram comercio. Meu avô e meu tio avô montaram uma transportadora. Meu avô veio pra São Paulo e montou uma representação aqui em São Paulo. Ele vendia para o Pão de Açúcar material de limpeza.

Meu pai era um representante comercial, morreu cedo. E me tornei arrimo de família logo cedo; assumi a família cedo, isto aos 20 anos de idade. Sustentava a família, inclusive minhas irmãs. Tudo na minha vida aconteceu muito rápido. Sempre fui do comércio desde criança. Sempre tive em mente ter meu negócio próprio. Minha mãe tem muita coisa da cultura árabe. Nós comentávamos que minha mãe era mais árabe que meu pai.

Meu sobrenome penso que tenha sido mudado com a imigração; acho que era Az, e no momento do registro aqui de entrada ficou Al.

O funcionamento da família era mulheres de um lado, homens do outro, falando de negócios, futebol.

Aprendizado familiar, ter pessoas semelhantes ao seu lado, gravar nomes das pessoas ao seu redor, chance de bons negócios, confiança em tudo que você faz e venha fazer. Meu produto é meu conhecimento, saber tratar pessoas, inclusive na família. Sei que tenho uma visão um pouco machista, aquela coisa do árabe. Minhas filhas são duas turquinhas. Sou de agregar pessoas, cultivo muito as histórias familiares. Afinal, todos temos uma história. Adquiri da minha mãe esse lado da Inteligência Emocional. Comunicação e relacionamento adquiri dela.

Minha mãe acompanhou sempre todo meu desenvolvimento. Minha mãe me conhece de fato. A determinação de minha mãe foi exemplo forte para mim. Já no meu pai isso não era tão acentuado assim.

Minha infância foi normal, nasci no Campo Belo (São Paulo – SP), depois fomos para rua Guaraiuva, depois fomos para Moema. Estudei no Colégio Nossa Senhora Aparecida, depois fui para Colégio Arquidiocesano, e depois fui fazer o Colegial no Alvares Penteado.

Aos 15 anos de idade, tomei conta de um vídeo locadora, onde alavanquei o negócio para o dono da locadora. Fiz comércio disso, vendia também vídeo cassete, vendia 200 por mês. Apreendi fazer câmbio, peguei muito rápido essa área comercial.

O árabe tem um pé na cozinha por jogo. – Carteados tudo a dinheiro. Vi muito isso. Entrei muito em vários campeonatos desde vôlei ao tênis. Sou competitivo.

O nome Al acaba em mim, foi impactante no princípio, mas hoje isso é bem administrado. A empresa que tenho está no meu nome AL, e essa marca veio para ficar.

ANEXOS

A - Termo De Consentimento Livre Esclarecido-TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

_____, na qualidade de Mestranda do Núcleo de Família e Comunidade, no Programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP sob a orientação da Profa. Dra. _____. Como Socióloga e Psicoterapeuta de Grupo vem convidá-los a participar de uma pesquisa que estou desenvolvendo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica; cujo tema é:

Resiliência Familiar. Imigração Sírio-Libanesa –Estratégias de Enfrentamento para Adaptação.

Objetivos da pesquisa:

Esta dissertação aborda aspectos relativos à resiliência, analisada no contexto da imigração sírio-libanesa. Serão analisadas as situações de enfrentamento, as razões e motivações que fizeram com que o imigrante tomasse a decisão de levar a efeito essa ação de enorme magnitude e consequência à sua história de vida.

Método Utilizado:

História Oral – História de Vida, onde através dessas narrativas e memórias vivenciadas pelos membros da família, tenha-se a compreensão de como as famílias lidaram com as dificuldades em relação a mudança de estilo de vida. As histórias serão gravadas, para serem analisadas em um segundo momento.

Questões Éticas:

- A pesquisadora se compromete a dar assistência ou encaminhar para atendimento específico, caso haja necessidade, embora a pesquisa não ocasione riscos.
- A Pesquisa é de baixo risco.
- A identidade de todos os participantes será mantida no anonimato e nenhum dos entrevistados terá qualquer custo financeiro. É uma participação voluntária.

- Qualquer publicação desse material excluirá dados que permitam a identificação de seus participantes.
- O participante estará autorizado a encerrar sua participação no trabalho em qualquer momento que julgue necessário.

Você receberá uma cópia deste termo com o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e participação. Dúvidas referente a questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sob o número CAAE-_____.

CEP – Campus Monte Alegre

Rua Monte Alegre, 984, Perdizes - São Paulo - SP, CEP: 05014-901

Fone: (11) 3670-8000

E-mail: cometica@pucsp.br

Coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

Nome da Pesquisadora

Endereço

E-mail:

Fone:

B - Declaração**TERMO DE DECLARAÇÃO**

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 2016.

Assinatura:

Nome:

Endereço_____

Cidade_____ Estado_____ CEP_____

Telefone: 55 (011)_____, Outro_____

Email:_____

C - Questionário De Entrevistas**PRIMEIRA PARTE**

- Nome e Idade
- Descendência
- Nome dos pais
- Quantos filhos e quais os nomes
- Quanto tempo mora no Brasil
- De que localidade da Síria ou do Líbano emigrou
- Qual foi o primeiro(s) parente(s) a vir(em) para o Brasil e para São Paulo
- Quanto ele(s) veio(vieram) e quando se instalou(laram) em São Paulo
- Como foi que ele(s) veio(vieram) – sozinho(s)? Já tinha(m) conhecidos da região e no país?
- Quais foram os desafios enfrentados? Como superou (aram), quem o ajudou (aram) e o que aprendeu (eram)?

Assinatura _____

Nome

São Paulo, / /2016

SEGUNDA PARTE

- Como foi a infância e crescimento no país de origem
- Decisão da saída
- Por que Brasil
- Chegada no novo país
- Chegada em São Paulo
- Que tipo de trabalho
- Contato local: relação com os locais
- Estabelecimento: onde moravam, casamento, educação dos filhos, gastronomia, língua, cultura e religião
- Ascensão social
- Ideia de retorno ao Líbano (retornou ou não)

Assinatura_____

Nome

São Paulo, / /2016

D - Mapas



E - História, Uso e Simbolismo do Cedro



O CEDRO DO LIBANO:

É uma árvore majestosa que encontramos nas regiões montanhosas do Líbano, Síria, Turquia, Chipre, Marrocos, Argélia, Noroeste Africano etc... O cedro atinge até 40 metros de altura e 14 metros de diâmetro no tronco. O cedro foi escolhido como emblema da bandeira libanesa por simbolizar força e imortalidade. Embora existam muitos tipos de cedros, o Cedro do Líbano ou *Cedrus Libani* é a espécie mais velha e mais forte, podendo viver ao longo de centenas anos.

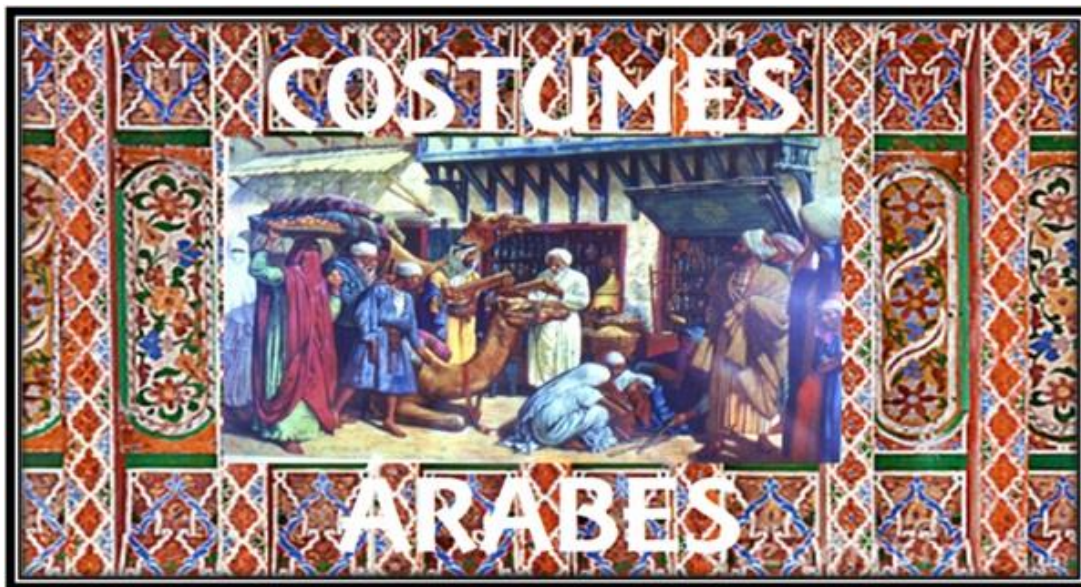
Nos primeiros três anos de vida, as raízes crescem até um metro e meio de profundidade, enquanto a planta tem somente cerca de cinco centímetros. Somente a partir do quarto ano é que a árvore começa a crescer. O Cristão é como o cedro do Líbano, e, portanto, tem a promessa de crescer. Ainda que o seu crescimento seja lento conforme a experiência do cedro, ele acontecerá e se tornará visível a todos. A preocupação do filho de Deus, principalmente nos primeiros anos da vida cristã, está no lançar das suas raízes. Lembre-se do fato de que nos três primeiros anos o cedro possui raízes de um metro e meio de profundidade enquanto a planta apresenta apenas cinco centímetros. Há informações de que a raiz quando cresce muito e atinge alguma rocha continua crescendo em volta da rocha, abraçando-a.

É o símbolo nacional do Líbano, onde é ostentado na **bandeira** nacional. Foi ainda o símbolo da Revolução dos Cedros, além de ser adotado como insígnia de diversos partidos políticos do Líbano. Está também no brasão da Igreja Maronita, vertente da Igreja Católica no Líbano.

A importância do cedro-do-Líbano em diversas **civilizações** clássicas compreende-se pela diversidade de usos possíveis. A sua madeira, homogénea e aromática, foi muito utilizada na antiguidade, pelos Fenícios, para construir as suas embarcações militares e comerciais, bem como para a construção de templos e habitação. Os Egípcios utilizavam a sua resina na prática da mumificação- encontram-se, de fato, vestígios da sua serradura nos túmulos dos Faraós. Papiros antigos comprovam a grande comercialização entre o Líbano e o Egito desta madeira de distinção. Era ainda costume queimar-se este tipo de cedro em diversas cerimónias solenes. Moisés aconselhava os sacerdotes judaicos a utilizarem a sua casca durante a circuncisão e no tratamento da lepra. De acordo com o Talmude, os Judeus queimavam madeira de cedro-do-Líbano no Monte das Oliveiras para anunciar o início do ano novo. Vários reis da região, bem como de países distantes, procuravam a sua madeira para as suas construções civis ou religiosas - sendo o caso mais famoso o da construção do Templo de Salomão em Jerusalém, bem como os Palácios de David e Salomão. A árvore é, aliás, mencionada 75 vezes na Bíblia. Foi ainda utilizada frequentemente pelos Romanos, Gregos, Assírios e Babilónios.

<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/bandeira>, 13/07/2016

F - Costumes Árabes



Uma das mais antigas culturas do mundo, onde os princípios básicos de respeito em sociedade são mantidos desde o surgimento da civilização, a cultura da sociedade árabe é muito receptiva, forte e tradicional. Mundialmente conhecida, e com costumes conservativos, o povo árabe não costuma expressar seus sentimentos pessoais. Problemas pessoais, seja entre amigos ou familiares, sempre são mantidos longe dos estranhos porque existe uma grande preocupação, em não permitir que outras pessoas saibam o que se passa em suas vidas, bem como não se vê nas ruas de países árabes, pessoas rindo em voz alta.

Alguns dos Costumes Árabes:

Privacidade

A privacidade, uma das características mais importantes da sociedade árabe, é visivelmente percebida através da construção civil, onde as casas e prédios costumam ser construídas com paredes bem largas, para proporcionar distância do barulho do trânsito. Uma das considerações mais importantes na construção de uma casa, é a garantia de que seus moradores não verão os seus vizinhos, de nenhuma parte da casa, e vice-versa. Quando em visita a casa de um árabe, é recomendável ficar próximo à porta, de maneira que, quando a porta

se abrir, não seja visível o interior da casa, e só tomar a iniciativa de entrar quando for convidado, pelo anfitrião que estende a mão, com a palma para cima, dizendo: “**tifaddal**” (“**entre**”).

Cuidado com as palavras

As palavras são analisadas, uma a uma, mesmo que sejam elogios! Um simples elogio a algo do anfitrião árabe, faz com que ele se sinta obrigado a lhe oferecer, mesmo que seja de valor expressivo. Admire as coisas, mas sem exageros.

Cumprimentando as mulheres

Ao ser convidado à casa de um anfitrião árabe, ou para o seu escritório, e for apresentado a uma mulher, seja ela funcionária ou parente dele, não se deve beijá-la. Se ela estender a mão para cumprimentar, então a cumprimente, em outros casos, somente a cumprimente com palavras. Nunca comente a beleza da mulher de um árabe, seja ela, a esposa, a irmã, filha ou funcionária. Isto não será visto como um elogio!

Recebendo convidados

Receber um convidado é algo muito importante para árabe, onde todas as honras da casa serão apresentadas. Ele questionará o tempo inteiro se o convidado está sendo bem recepcionado (às vezes até de forma exagerada), e o servirá em quantidades além do normal. Existe uma preocupação grande em saber se o convidado está bem satisfeito. Para poder servir e apresentar as honras da casa, os membros da família são os últimos a comer. Quando você for convidado para almoçar, ou jantar, em um restaurante por um árabe, ele sempre pagará a conta, e o mesmo é esperado quando as posições se inverterem. Quando convidar um árabe, certifique-se sobre sua religião, e não lhe ofereça ou sirva álcool, carne suína e seus derivados, porque são itens proibidos aos muçulmanos, por exemplo.

A família árabe

A família árabe é centrada na figura do pai e do irmão mais velho (no caso da ausência do pai), pois o homem da família é o provedor das necessidades da casa, a ele existe toda uma reverência e respeito, e a mãe é responsável pelos cuidados da casa, e dos afazeres domésticos.

Em alguns países árabes e nos países do Golfo, normalmente existem empregadas. O homem árabe sempre foi o tomador de decisões, e só as suas opiniões eram importantes. Com o tempo, a mulher tem se mostrado formadora de opinião na família árabe, interagindo com o marido, para juntos resolverem problemas que antes só convinham aos homens, e os filhos sempre são encaminhados a continuar seguindo as tradições de família. Os homens são suporte para o pai, e as filhas, apoio para a mãe, além de serem responsáveis pela ajuda nos serviços da casa.

A educação da família árabe

Os árabes têm por lei o direito ao ensino, tanto para homens quanto para mulheres. Nos países do Golfo, o governo também responde pelo ensino universitário. Em alguns países, existem escolas para meninas e escolas para meninos, e escolas mistas, cabendo aos pais escolher qual a melhor educação para os seus filhos.

Recebendo presentes

Quando o visitante receber um presente, ou oferecer a alguém um presente, o mesmo não deve ser aberto na frente das pessoas.

A mulher árabe na sociedade

Durante muitos anos, a mídia internacional apresenta a mulher árabe, como uma pessoa privada do acesso ao mercado de trabalho, o que não é verdade. Atualmente, o trabalho da mulher é fundamental em todos os países árabes; porém o mais comum, é que elas só saiam de casa para se casar, e em casos de separação, elas retornam a casa de seus pais.

Deveres sociais

Na sociedade árabe, a família não se resume a pai, mãe e filhos. As responsabilidades sociais são exercidas por todos os demais membros, onde todos constroem uma união, que se mantêm presente, em todos os momentos da vida familiar.

Alguns dos deveres sociais:

Quando alguém viaja, ou retorna de viagem, parentes próximos e distantes vão recebê-lo no aeroporto.

Quando adoece, é muito comum todos ficarem extremamente preocupados, deixando seus afazeres diários, e permanecendo na casa da pessoa, ou no hospital. É comum, quando se visita um enfermo, levar doces, chocolates, frutas, biscoitos ou flores.

Em casamentos, é costume que as pessoas levem dinheiro, ouro, ou algo para a nova casa do casal.

Quando nasce um bebê, visitas e presentes são esperados de todos os membros da família. Em algumas comunidades, a mulher ainda fica quarenta dias na casa de sua mãe, para poder ser cuidada pelas irmãs e pela mãe.

Negociando com árabes:

Há um provérbio árabe que diz que se não se negocia de forma rentável, não se negociará durante muito tempo. Portanto, todo negócio deve ser feito de forma que ambas as partes ganhem. Se há interesse de se negociar continuamente com árabes, é preciso conhecer seus diferentes estilos, enfoques, costumes e também sua religião. Existem 200 milhões de árabes em 22 estados que se estendem do norte da África e Oriente Médio, do Oceano Atlântico até o Golfo de Omã, e ao longo da Ribeira Sul do Mediterrâneo. E cada estado possui suas próprias peculiaridades, diferenças, conceitos, costumes e estruturas e capacidades econômicas, distintas.

A língua árabe é a força unificadora mais importante entre esse povo, ainda que haja dialetos regionais, sua escrita e raízes clássicas, impõem sua supremacia em toda a nação árabe. Se você deseja negociar com os árabes, aprenda o idioma, mesmo que seja o básico. Muitos homens de negócios do mundo árabe falam inglês, francês, espanhol e português, além de diplomas de universidades ocidentais.

Os produtos que deverão ser exportados para países árabes, devem conter um rótulo ou etiqueta em árabe. É aconselhável também, que se aprenda e se informe com certa antecedência, as informações básicas do islã, bem como sua história, suas crenças, e tratar com respeito suas manifestações e costumes.

Em alguns países ocidentais, o que se conhece sobre o islã é quase nulo, e muitas informações equivocadas, levam a ofensas grotescas. Leis, ética e sistemas comerciais, variam de um país árabe para outro, mas em todos eles, existem elementos culturais comuns. No meio empresarial árabe, a família exerce uma dominante influência nos negócios (sejam eles pais, tios, irmãos, sobrinhos, etc.), e as obrigações para com a família não são tratadas de forma rápida, é necessário a existência de esperança, assistência, apoio, socorro mútuo, onde impera o protecionismo cordial.

As negociações com árabes, estão sempre ligadas ao seu entorno, seja ele o deserto, o clima, meio social e político, que exerce grande influência em seu comportamento como comerciantes. Ainda que suas atitudes em relação ao tempo aparentem que os negociantes árabes são indiferentes ao relógio (tempo é dinheiro), equivocava-se quem acredita que eles não saibam que o tempo é mais importante, do que eles dão a entender, por meio de seu comportamento. O que impera nesses momentos é a paciência.

A paciência na cultura árabe é considerada uma virtude, os árabes não gostam de abordar os assuntos relativos a negócios, precipitadamente. Encontrar-se com um árabe, ou iniciar uma conversa de negócios com ele logo de início, é considerado má educação. Árabes primeiro conversam sobre assuntos sociais, e depois abordam os assuntos de negócios. **“A paciência tem raízes amargas, mas frutos muito doces”**, segundo outro provérbio árabe.

O comerciante árabe pode comportar-se educadamente diante de uma gafe, e às vezes, aparenta uma ingenuidade extraterrena, com respeito a ele mesmo, mas não se engane, porque ele não o é, como geralmente pensam muitos ocidentais. Os árabes também não gostam de confrontos cara a cara e disputas, o que para eles, isso é considerado uma grosseria, salvo em casos extremos; em geral, os árabes são hospitaleiros, amáveis, e cavalheiros por tradição.

Entretanto, ele se recusa a tomar decisões de forma rápida, ainda que sua demora, na tomada de uma decisão, pareça indicar um desacordo em algum ponto da proposta. Escutar atentamente o que ele tem a dizer, poderá lhe ajudar a detectar o problema; nesse ponto, a comunicação será de suma importância. Quando se demonstra compreensão em relação às normas sociais do povo árabe, consequentemente ele também se mostra mais disposto, e interessado, em suas propostas.

Um empresário brasileiro geralmente despertará um afeto secular em um negociante árabe, em virtude da enorme simpatia que os árabes já têm pelos brasileiros, em virtude de seus laços culturais e da hospitalidade que tem unido ambos os povos há mais de 130 anos.

Ramadan:

Durante o mês do Ramadan, todos os árabes (homens e mulheres), que já tenham chegado à puberdade, devem se abster de comer, beber, fumar, usar perfumes e ter relações sexuais durante o dia, entre o nascer do sol até o pôr do sol. Para os muçulmanos o dia começa a ser contado, após o pôr do sol, quando já não se diferencia uma linha branca de uma preta, e não a meia noite, como ocorre no calendário ocidental cristão. Os muçulmanos possuem cinco obrigações religiosas básicas, chamadas de **“os cinco pilares do Islã”**, que constroem a sua fé, e que devem ser obrigatoriamente realizadas por cada muçulmano.

São eles:

- Credo (Chahada), que consiste em aceitar e repetir todos os dias: “Não há outro Deus a não ser Deus, e Mohammad (Maomé) é o seu profeta”;
- Oração (Salat), que consiste em realizar cinco orações diárias, em horários pré-determinados, com o rosto voltado para Meca;
- Caridade (Zacat), onde durante os 40 dias do mês do Ramadan (o nono mês do calendário islâmico) é obrigatório, jejuar do nascer do sol até o pôr do sol;
- JEJUM (SAUM) -Durante os 40 dias do mês do Ramadan, o nono mês do calendário islâmico, é obrigado jejuar do nascer do sol até o pôr do sol.
- Peregrinação a Meca (Haj), onde ao menos uma vez na vida, todo muçulmano adulto que tenha condições, de fazer uma peregrinação à Meca.

Bastante rigoroso, o ritual consiste em dar sete voltar em torno da Caaba (Mesquita de Meca), e só pode ser feito uma vez por ano, em datas específicas. O acesso à região só é permitido aos muçulmanos, que devem alcançar um estado de pureza ritual, antes de chegar à Meca.

Cerca de 2 milhões de muçulmanos fazem o Haj, muitos o fazem a pé, de navio, ou de avião, vindos de todas as partes do mundo, onde a fé e a cultura islâmica continuam até hoje, a formar a vida das pessoas no Oriente Médio, no norte da África e sudoeste da Ásia.

Resumindo, se você deseja negociar com árabes, observe o seguinte:

- Não subestime a capacidade intelectual e profissional dos empresários árabes;
- Em reuniões de negócios, não aborde o assunto diretamente, introduza a conversa com assunto familiares e sociais, que para eles, é importantíssimo;
- Não sente com as pernas cruzadas, mostrando o solado do sapato para árabe, isso é considerado um desrespeito a ele;
- Sempre agradeça a generosa hospitalidade que ele lhe ofereceu;
- Jamais fale de um árabe para outro árabe;
- Não se esqueça de que ser chamado de “habibi” é um ponto positivo, do início de uma duradoura amizade;
- Beijos nas bochechas como forma de saudação, significa que há uma amizade já consolidada, assim como o aperto de mãos;

- Respeite os jejuns, e não fume na presença de um árabe durante o mês do Ramadan, ou evite viajar neste período para fechar negócios, pois este é um mês de reflexão e oração para os muçulmanos;
- Espere até que lhe ofereçam o café árabe, e mesmo que para você seja estranho beber um café que não foi coado, quebre seus paradigmas e experimente, e você verá que pode ser muito bom (e você pode acrescentar açúcar em sua xícara sem problemas), e não recuse os chás que também lhe serão oferecidos na sua chegada;
- Conscientize-se de que a cultura árabe estará com um árabe, mesmo que ele tenha saído de seu país de origem, portanto, respeite suas vestimentas, tradições, costumes e cultura e mantenha um comportamento observador, mas não o comprometa com nenhuma atenção desnecessária, ou contenha-se para não cometer nenhuma gafe ou ofensa;
- Inicie uma pesquisa sobre a cultura árabe, inclusive o idioma, e mostre a ele que você conhece, nem que seja um pouco, sobre sua cultura, costumes e tradições, e pergunte o que você não souber, mas demonstre interesse, isso o fará feliz e honrado e contará muitos pontos a seu favor;
- Na cultura árabe as pessoas mais velhas são veneradas e respeitadas, não trate com indiferença ou desinteresse uma pessoa em virtude de sua avançada idade, isso seria totalmente desrespeitoso.
- Aumente seus conhecimentos, expanda seus horizontes e descubra mais sobre os árabes, tente comprar um papiro, o primeiro papel do universo, e consulte o seu contato árabe pedindo-lhe que lhe conte algumas das lindas histórias desse povo, você se surpreenderá com o tanto que irá aprender e descobrir, e o seu contato, obviamente irá apreciar imensamente o seu interesse.
- E “nunca” chame um árabe de turco! Estude a geografia dos mapas se for preciso.

Mourad, Therese

Gazeta de Beirute

<http://www.gazetadebeirute.com/2013/06/costumes-arabes.html#ixzz4GhUwjjeoN>

Under Creative Commons License: Attribution Non-Commercial Share Alike

G - Fotos da Imigração Sírio – Libanesa

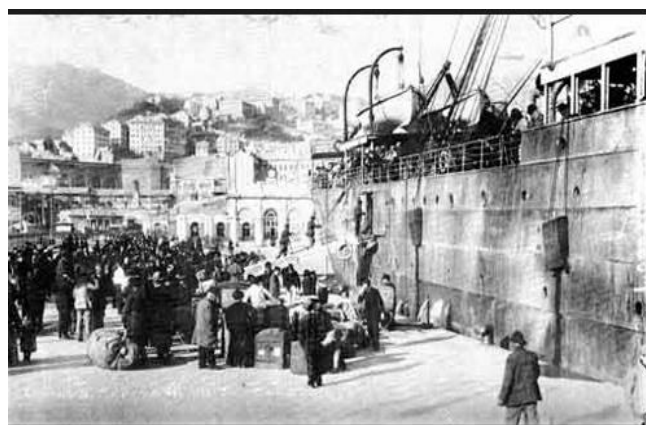


Figura 8

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de> 03/07/2016